



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

MARCELO RODRIGUES JARDIM

**VOZES (PO)ÉTICAS:
A MORAL EM NARRATIVAS ORAIS NA REGIÃO LONDRINENSE**

Londrina
2007

MARCELO RODRIGUES JARDIM

**VOZES (PO)ÉTICAS:
A MORAL EM NARRATIVAS ORAIS NA REGIÃO LONDRINENSE**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes

Londrina
2007

MARCELO RODRIGUES JARDIM

**VOZES (PO)ÉTICAS:
A MORAL EM NARRATIVAS ORAIS NA REGIÃO LONDRINENSE**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Eudes Fernando Leite
Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Sérgio Paulo Adolfo
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 02 de março de 2007.

DEDICATÓRIA

Para Simone Cristina
esposa, amiga, presente, futuro...

AGRADECIMENTOS

A Deus, luz que guia o caminheiro nas trevas da travessia.

Ao professor Frederico Augusto Garcia Fernandes, amigo orientador, conselheiro, que me incentiva a alçar vôos acadêmicos e a escutar as vozes culturais formadoras de nossa identidade.

Aos narradores dos distritos, pela atenção, cordialidade e compartilhamento dos saberes.

A Simone Cristina, companheira, incentivadora, voz que me auxília nos momentos de dificuldades e indecisões.

À professora Vanderci de Andrade Aguilera, pela gentileza em fornecer as transcrições feitas pelos pesquisadores do projeto “Atlas Lingüístico do Paraná”, o que possibilitou a elaboração do pré-projeto desta pesquisa de mestrado, e pelas sugestões no exame de qualificação.

Aos professores Sérgio Paulo Adolfo e Eudes Fernando Leite, leitores/construtores de meu trabalho.

A todos de minha família, especialmente minha mãe, Neide, cujas mãos ajudaram a moldar meu caráter, e meu pai, José, pelos ensinamentos.

Aos meus sogros, Edmo e Cacilda, pela torcida e orações.

A Jorge Iasbek, Marcelo de Araújo (*in memoriam*), Fábio do Val e Wellington, pelo apoio nos momentos em que precisei.

Aos professores e companheiros da Pós-graduação, suas vozes estão amalgamadas à minha.

A todos os integrantes do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL que fizeram sugestões durante os encontros, principalmente ao professor Mário Cezar Leite.

A CAPES, pelo período de disponibilização da bolsa.

A Júlia Restrepo, por me ajudar a entender um pouco da língua francesa.

A Daiana, pelo *abstract*.

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

(João Cabral de Melo Neto, “Tecendo a manhã”)

JARDIM, Marcelo Rodrigues. **Vozes (po)éticas**: a moral em narrativas orais na região londrinense. 2007. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

RESUMO

O objetivo nesta dissertação é analisar quais as relações entre algumas narrativas orais e preceitos éticos considerados pela comunidade narrativa de três distritos da cidade de Londrina, no Paraná: Irerê, Paiquerê e Lerroville. Busca-se compreender quais elementos e contextos estão presentes no evento comunicativo para que essa ética seja representada pela e para a comunidade geradora. As narrativas foram recolhidas numa pesquisa de campo realizada no primeiro semestre de 2005, pesquisa a qual possibilitou encontrar onze narradores que atualizaram narrativas com sentido moral ou deram informações importantes para a proposta desta dissertação. Os narradores são migrantes regionais ou estaduais, têm ligação com o trabalho rural e possuem mais de cinquenta anos. As propostas metodológicas da História Oral serviram como base para a realização das entrevistas. Na dissertação, há diálogos com disciplinas das Ciências Humanas, com ênfase nas teorias e explicações de pesquisadores ligados aos estudos a respeito da Poesia Oral. No primeiro capítulo, a intenção é mostrar quais são os valores e princípios básicos da comunidade pesquisada, discutir como podem ser aprendidos e veiculados os temas narrativos e argumentar a respeito da importância em considerar a direção que uma narrativa toma no evento comunicativo. No próximo capítulo, narrativas a respeito do corpo seco e de enterro são analisadas no intento de investigar, principalmente, como uma moral pode estar ali representada. No terceiro, analisa-se a relação que o narrador mantém entre as narrativas que conta e o seu cotidiano. Também são expostas situações do dia-a-dia contadas pelos narradores, as quais se transformam em histórias referentes ao ético. No quarto capítulo, discute-se sobre a relação senso prático e gratuidade estética em narrativas orais. Além disso, mostram-se quais elementos estão presentes no ato da performance, os quais auxiliam na construção de sentido. A moral apresentada nas narrativas está ligada aos princípios e valores da comunidade geradora, uma ética que organiza e cria uma identidade para o grupo pesquisado. Está ligada também ao como a comunidade narrativa percebe e opina sobre esses princípios e valores ao representar poeticamente situações retiradas do cotidiano e ao atualizar narrativas de tradição oral.

Palavras-chave: Poesia oral. Narrativas orais. Ética. Moral. Distritos de Londrina.

JARDIM, Marcelo Rodrigues. **Poetic/Ethic voices: the moral in the oral narratives in Londrina region.** 2007. 145f. Dissertations (Master's Degree in Literacy Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ABSTRACT

The objective in this study is to analyze which the relations between some oral narratives and ethical rules considered by the narrative community of three Londrina's village: Irerê, Paiquerê and Lerroville. It looks for understand which elements and contexts are in the communicative event so that this ethics may be represented by and for the generating community. The narratives had been collected in the first semester of 2005 in a field research, which made possible to find eleven narrators who had brought up to date narratives with moral or had given important information for the proposal of this work. The narrators are regional migrants; they have linking with the agricultural work and have more than fifty years old. The methodology proposals of Oral History have the base for the accomplishment of the interviews. In the study, there are dialogues with disciplines of Human Sciences, with emphasis in the theories and explanation of researchers about Oral Poetry. In the first chapter, the intention is to show which are the values and basic principles of the searched community, to debate how can be learned and be propagated the narrative subjects and to argue about the importance in considering the direction that a narrative takes in the communicative event. In the next chapter, narratives about the dry body and of burial are analyzed, mainly, to investigate how a moral can be represented there. In third chapter, the relation among the narrator with his narratives and his daily is analyzed. Also situations of the day-by-day told by the narrators are displayed, which one are transformed into ethical histories. In the fourth chapter, the relation between common sense and free aesthetic in the oral narratives are argued. Moreover, they show which elements are present in the performance, which assist in the construction of the meaning. The moral presented in the narratives is connected with the principles and values of the generating community, an ethics that organize and create an identity for the searched group. It is also linked with the way that the narrative community perceives and thinks of these principles and values when they represent poetically daily situations and update the narratives of oral tradition.

Keywords: Oral poetry. Oral narratives. Ethic. Moral. Londrina's village.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ESCUTANDO A COMUNIDADE: CONTEXTOS E ATUALIZAÇÕES	21
2.1 DO PASSADO AO PRESENTE	21
2.2 TROCA DE EXPERIÊNCIAS	35
2.3 IMPRESSÕES PESSOAIS	44
3 NARRATIVAS DE CORPO SECO E DE ENTERRO: PRECEITOS E EXEMPLOS	55
3.1 O CORPO SECO: CRER OU NÃO CRER	55
3.2 UMA ATUALIZAÇÃO MORAL	60
3.3 NARRATIVAS DE ENTERRO E SUA ESTRUTURA	65
3.4 POSSÍVEIS PRECEITOS MORAIS	70
3.5 CASTIGO E MEDO	76
4 REFLEXÕES E JULGAMENTOS: CONEXÕES COTIDIANAS	82
4.1 UM NARRADOR REFLEXIVO	82
4.2 PERCEBER E JULGAR	93
5 PERFORMANCE: CONVERGÊNCIAS E CONSTRUÇÕES	103
5.1 O PRÁTICO E O GRATUITO	103
5.2 PERFORMANCE	108
6 VOZES (PO)ÉTICAS: FRUTOS COLHIDOS	115
REFERÊNCIAS	125
FONTES ORAIS	131
ANEXOS	132

1 INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com a pesquisa em poesia oral¹ ocorreu por meio do projeto “História e memória: contribuições para um estudo da cultura na região do Pantanal sul-mato-grossense”, o qual visa a analisar manifestações culturais pertencentes às regiões rural e urbana do Pantanal, ligado à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em parceria com a Universidade Estadual de Londrina. Nesta, durante a graduação no curso de Letras, desenvolvi um projeto de iniciação científica, no qual analisei o discurso moral presente no mito do “mãozão”, tema veiculado pela comunidade narrativa² pantaneira. Especificamente, almejava compreender qual seria a relação entre narrativas orais a respeito desse mito e a presença de regras morais, subentendidas ou não, dos narradores pantaneiros. De modo paulatino, percebi que nessas manifestações artísticas orais podem ser representadas, em variadas escalas, regras sociais, anseios coletivos e individuais, senso humorístico, paixões humanas, laços morais, visões de mundo, costumes, a história de uma sociedade etc.

Nessa conjuntura, cresceu o desejo de estudar as relações entre narrativas orais e comunidade transmissora em uma esfera maior de ação, o que se concretizou com a pesquisa de mestrado. Para tanto, delimitei, como espaço para estudo, a região da cidade de Londrina, no Estado do Paraná, local escolhido devido ao conhecimento que tenho dessa região.

Assim, o intuito nesta dissertação é verificar qual relação há entre algumas narrativas orais e preceitos éticos valorizados pela comunidade narrativa de três distritos de Londrina: Irerê, Paiquerê e Lerroville³. Ou seja, quais os contextos socioculturais e os elementos presentes para que uma ética seja percebida e quais os possíveis sentidos gerados

¹ Usar-se-á o termo “poesia oral” quando os autores, que serão citados, o considerarem como tal ou quando a colocação for minha. Caso algum estudioso utilize outro termo que não “poesia oral”, manter-se-á o termo citado na obra consultada.

² “Comunidade narrativa”, nesta dissertação, refere-se a um grupo que veicula temas narrativos e mantém visões de mundo mais ou menos comuns. Como é formada por narradores e platéia, torna-se suporte para o processo comunicativo (LIMA, 1985; FERNANDES, 2003a).

³ No início, a intenção era pesquisar maior quantidade de distritos, mas o material coletado em Irerê, Paiquerê e Lerroville mostrou-se suficiente para a realização do trabalho. Além disto, os três distritos têm características comuns, por exemplo, a ligação com a cultura rural e a concentração de migrantes que assistiram ao desenvolvimento da região.

por meio do que é narrado. Para tanto, analisa-se como regras morais⁴ estão representadas em algumas narrativas e como os narradores se posicionam diante das situações narradas.

Não se trata de apenas verificar “a moral da história”, em que, geralmente, o pesquisador recolhe um conjunto de histórias que possa ser adaptado para o gosto de outra classe sociocultural distanciada do contexto da comunidade geradora. Sobretudo, a intenção é perceber como preceitos valorizados pela comunidade narrativa são representados nas histórias construídas na comunidade e voltados para seus integrantes.

Criar e construir são os significados primeiros do termo “poesia”. Para Frederico Fernandes (2003a), por exemplo, a poesia consiste numa sintonia entre a idéia geradora de um objeto artístico e o sentido gerado “pelo receptor em relação ao objeto” (FERNANDES, 2003a, p. 20). O termo refere-se à criação e à recepção. Paul Zumthor (2005) diz que poesia é a pulsão do ser na linguagem e que seu sentido está ligado ao modo como os sujeitos tratam o texto como poético ou não. De fato, dentro de seu contexto sociocultural, o integrante de uma cultura pode interpretar como poético aquilo que para o membro de outra cultura não é considerado como poesia. Trata-se de um juízo de valor condicionado às circunstâncias de vida de cada um.

A poesia oral vai além de uma função meramente referencial, pois o narrador, no seu processo de (re)criação, capta aspectos da vida real e transforma-os em algo que não é a realidade, mas, ao mesmo tempo, refere-se a ela. Surge daí a concepção do título desta dissertação. Vozes poéticas porque constroem um mundo possível o qual pode ser apreciado e discutido pelos integrantes da comunidade narrativa. Por sua vez, vozes éticas porque trazem à tona, no instante em que os narradores criam sentidos para suas histórias, princípios basilares – no caso a moral – que formam e dão coesão ao grupo social.

A intenção não é apenas apresentar uma recolha, mas entender os contextos de geração, armazenamento, circulação e possíveis sentidos gerados pela/para a comunidade transmissora. Evita-se, portanto, um enfoque tradicionalmente folclorista. Como mostra Renato Ortiz (1992), os folcloristas em seus primórdios, principalmente na fase em que o positivismo tomava forças, teriam uma intenção pedagógica em seus trabalhos. Na visão daqueles homens, o povo viveria mergulhado em manifestações que demonstrariam ignorância e superstição. O homem “educado” poderia influenciar o homem “deseducado” no instante em que mantém contato com ele, abrindo-lhe as portas da civilização. Para outros

⁴ Por moral entende-se um sistema de normas, valores e princípios que surge para regular formas de conduta, de relações interpessoais, de comportamentos sociais com a intenção de manter a coesão dos integrantes de um grupo.

ainda, as culturas populares estariam ligadas a um primitivismo. Nesse sentido, o povo seria testemunha de uma tradição, uma espécie de sarcófago, pois guardaria o perdido, ou o desconhecido, pela civilização.

Desse modo, caberia ao folclorista resgatar pensamentos e costumes, os quais estariam sendo, de modo paulatino, encobertos pela areia do tempo, e, num esforço colecionador, circunscrevê-los ao patrimônio histórico antes que desaparecessem.

Faltaria à ciência do folclore, na opinião de Ortiz, uma metodologia compatível com o objeto. A coleta do *corpus*, por exemplo, seria feita junto ao popular, obviamente, mas também junto às pessoas “educadas” (fazendeiros, advogados, padres, doutores, entre outros), as quais mantêm contato com o povo. O povo, por sua vez, não reconheceria a importância das superstições, daí a necessidade de um intermediário. Aqueles detentores de mais educação também poderiam ajudar, porque teriam um pouco mais de “cultura” e estariam familiarizados com as crenças. A coleta era caracterizada pela falta de relações entre os objetos em estudo.

A acidentalidade seria outro fator da prática folclorista, já que a recolha poderia ser feita a qualquer momento, de modo casual, sem uma prévia análise do espaço a ser estudado. A relativa despreocupação na escolha do informante e a sede pela produção de documentos, segundo Ortiz, aponta para uma falta de profissionalismo. Outro ponto negativo seria a curiosidade patente, não a curiosidade científica, a qual almeja descobrir as possíveis relações de um objeto, mas a curiosidade despertada pelo diferente, pelo exótico, pelo gosto do pitoresco.

A pesquisa folclórica, ainda de acordo com Renato Ortiz, pauta-se no anonimato, uma vez que, para aqueles ligados a essa linha, “o importante é fixar o elo transmissor entre o pesquisador e a tradição arquivada na memória” (ORTIZ, 1992, p. 46). Consideram, portanto, o objeto desligado, ou independente, de quem o criou. “Para eles, nada é mais sedutor do que as digressões classificatórias – provérbio, lenda, estórias, costumes, tudo deve ser minuciosamente ordenado” (ORTIZ, 1992, p. 47). É comum também a sobreposição da cultura do folclorista em seu objeto de estudo, convergindo para a moralização ou a correção.

Entre os estudiosos ligados a pesquisas folclóricas que analisaram a “literatura” oral no Brasil, Sílvio Romero (1954), por exemplo, buscava indicar a qual grupo étnico pertencia determinada tradição. Separava como agentes criadores aqueles vindos de três raças distintas, quais sejam, a indígena, a branca (portuguesa) e a negra. O agente transformador seria o mestiço. Para Sílvio Romero, a raça branca era superior às outras duas e

tenderia, como civilizada, a não sofrer modificações em sua vida intelectual. Assim, só poderiam adquirir um ou outro hábito no dia-a-dia. A influência dos índios e negros não seria profunda no europeu.

Acreditava também que os autores diretos eram os portugueses e os mestiços, porque utilizavam sua língua pátria. Já os indígenas e negros, por serem forçados ao uso de uma língua que não a sua original, tinham participação real, mas indireta. Dessa forma, na concepção de Sílvio Romero, cada raça teria uma característica peculiar, o lirismo português, por exemplo. As misturas de sangue do mestiço seriam a explicação para a sua imaginação, seu ardor lascivo.

Para Romero, não haveria vencidos ou vencedores, pois o mestiço seria a reunião das raças. Mas, “pela lei de adaptação elas (as três raças) tendem a modificar-se nele, que, por sua vez, pela lei de concorrência vital, tendeu e tende ainda a integrar-se à parte, formando um tipo novo em que predominará a ação do branco” (ROMERO, 1954, p. 7). Assim, baseando-se nas teorias racistas do período, Sílvio Romero procura os traços pertencentes a cada raça, reconhecendo as participações da indígena e negra e enaltecendo a participação do europeu, a qual se tornaria preponderante devido à superioridade da raça branca, segundo afirmava o discurso científico de sua época.

Já Amadeu Amaral (1982) criticava as excessivas exaltações, como a perspicácia, a valentia, a bondade etc., feitas por alguns folcloristas no trato com as populações rurais. Haveria uma espécie de admiração romântica pelas criações populares. Desse modo, de acordo com Amaral, havia um desejo de glorificar a inteligência do povo, sua capacidade de imaginação. O problema estaria na forma como esses folcloristas procuram as manifestações populares, pois só lhes interessava aquilo que pudesse glorificar o povo. Dessa forma, abandonavam tudo o que podia parecer sem graça ou pouco significativo. Em vez de escolher as manifestações anônimas, havia uma escolha pelo gosto ou sentimento pessoal.

Amaral criticava também as teorizações precoces e o diletantismo erudito. Ainda segundo ele, de um lado havia explicações gerais baseadas num trabalho fácil e apressado e a colocação de quadros preconcebidos de acordo com uma disposição pouco ou mal explorada; “de outro lado, talvez mesmo por um exagero de desconfiança e de reação contra os teóricos, um infinito parcelamento filológico dos estudos, reduzidos a sucessivas e pequeninas investigações de gabinete” (AMARAL, 1982, p. 5). Nessas investigações, o conceito de conjunto e de laço comum desapareceriam. Predominavam, de acordo com Amaral, idéias antropológicas da escola que “pretendeu ver em hipotéticas raças, migrações

hipotéticas e hipotéticos caracteres psicológicos de raças, a chave mística de um sem número de fenômenos e de criações humanas” (AMARAL, 1982, p. 6).

Amadeu Amaral defendia ser necessário anotar informações contextuais de coleta, como as regiões, os lugares, a época etc. As formas e variantes da manifestação devem ser anotadas também, bem como outras práticas culturais que possam estar relacionadas. Ao invés de teorizar antecipadamente, faz-se necessário ao folclorista realizar pesquisa de campo, estudar e comparar com dados concretos tirados de sua coleta. Postula, ainda, ser necessária a reprodução fidedigna e simplificada do material coletado, sem preocupações em completar ou corrigir.

Outro folclorista, Câmara Cascudo (1978), argumenta ser a literatura folclórica totalmente popular, todavia não é folclórica toda produção popular, pois esta pode ser contemporânea. Ele parte da premissa de que os elementos característicos do folclore são a oralidade, o anonimato, a antigüidade e a persistência. Para algo ser considerado folclórico “é preciso uma certa indecisão cronológica, um espaço que dificulte a fixação no tempo” (CASCUDO, 1978, p. 23). Seria necessária uma produção tornar-se anônima, antiga, sendo sempre citada, ou seja, resistir ao esquecimento, para ela ser considerada folclórica.

Seguindo a linha de Sílvio Romero, Cascudo diz que a “literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual” (CASCUDO, 1978, p. 28). Para ele, no Brasil, as histórias mais populares não são as regionais ou aquelas que se julga terem nascido no país, mas sim as antigas de caráter universal. Assim, as produções de origem indígena estão circunscritas às áreas geográficas da tribo geradora. As da raça negra seriam espalhadas pelos mestiços. Já os curibocas, mamelucos, mulatos, entre outros, seriam os responsáveis por retransmitir as histórias de seus pais. Cascudo defende o conceito de que tanto “mais os temas se distanciavam da simplicidade espiritual primitiva, da unidade psicológica inicial, maior número de elementos adquirem, desenvolvendo-se e possibilitando o entendimento para outros povos” (CASCUDO, 1978, p. 34). Na busca de universalidade, esse folclorista não dava grande importância às variações por acreditar que elas seriam diferenciações de enredos as quais traziam características do contexto local e, por isso, apenas apontavam uma região ou época.

Os primeiros estudos folclóricos no Brasil, aponta Florestan Fernandes (1978), estão ligados ao evolucionismo de Darwin e Herbert Spencer e à filosofia positivista de Augusto Comte. Os teóricos e pesquisadores do folclore partem do princípio de que o progresso da sociedade não é uniforme em todas as suas camadas. Desse modo, conforme argumenta Florestan Fernandes, para eles haveria certas camadas sociais as quais estavam

fora do processo de desenvolvimento ou acompanhavam de modo lento esse processo. As manifestações culturais dessas pessoas não entravam em sintonia dinâmica “com a cultura tomada como um sistema ou como um todo orgânico e por isso deixam de refletir integralmente a evolução cultural da sociedade” (FERNANDES, 1978, p. 39). Devido a isso, os primeiros folcloristas acreditavam abranger o folclore toda e qualquer cultura que estivesse ligada “ao passado, às soluções costumeiras e rotineiras, compreendendo todos os elementos que a secularização da cultura substituía por outros novos” (FERNANDES, 1978, p. 39).

O objeto de estudo dos folcloristas seria, então, as práticas culturais ultrapassadas, a sobrevivência de um passado “primitivo” no presente civilizado. O termo folclore designa, nesse sentido, a cultura dos “incultos” em oposição à cultura do civilizado, do homem “culto”.

Assim como Florestan Fernandes, Antonio Candido (1976) diz faltar aos estudos folclóricos a integração de pontos de vista, o que ocasiona uma aparência fragmentária ao trabalho desenvolvido, uma mera descrição de etapas preliminares. Esta imagem fragmentada é ocasionada, principalmente, por se ignorar a teia complexa de componentes e aspectos funcionais que integram o objeto em estudo. Devido à função de apenas registrar documentos ou de realizar comparações arbitrárias, os folcloristas ficam satisfeitos com uma coerência descritiva e a explicação – ou possível explicação – das origens do objeto, na maioria dos estudos, tentando aproximá-lo de outras culturas.

Na intenção de perceber as formas artísticas orais em seu contexto de produção, algo desconsiderado pela maioria dos folcloristas, Antonio Candido (1976) postula como necessária a conjugação de pelos menos três disciplinas, quais sejam, a Sociologia, a Análise Literária e a Ciência do Folclore. Caso não haja essa combinação, o sentido mais completo do objeto em estudo pode ser prejudicado. Segundo esse crítico literário, a Ciência do Folclore pode ser utilizada, mas com restrições, devido aos problemas já comentados. Por sua vez, o analista de literatura tende a não considerar a atuação viva das manifestações orais na comunidade transmissora. Já o sociólogo, ao focar estruturas e infra-estruturas, desconsidera a parte estética.

Análise estética e função social devem ser combinadas, segundo Candido (1976), já que o coletivo destaca-se muito mais do que o pessoal nas manifestações artísticas de cunho oral. Dessa forma, o estudioso de literatura jamais pode analisar um objeto de origem oral como se fosse uma obra escrita, porque, mesmo quando transcritos, não são decifráveis diretamente, como textos cristalizados.

Na realidade, não só Análise Literária, Sociologia, ou mesmo alguns estudos folclóricos, devem ser conjugados, mas outras disciplinas das Ciências Humanas podem, e devem, ser auxiliaadoras nas pesquisas a respeito das poéticas orais.

Por sua vez, as pesquisas a respeito de poesia oral, na qual as narrativas orais se enquadram, por muito tempo foram negligenciadas dentro dos estudos literários, pois muitos consideram essas manifestações poéticas como sendo paraliteratura ou sub-literatura, entre outros adjetivos. O termo “literatura oral”, criado por Paul Sébillot em 1881 (CASCUDO, 1978), por exemplo, tinha a intenção de separar as manifestações poéticas daqueles que não sabiam ler dos que sabiam. Esta distinção decorre, sobretudo, devido ao valor dado pelas sociedades letradas à língua escrita (SILVA, 2000), uma vez que esta ganha, paulatinamente, prestígio dentro das camadas sociais dominantes. “Culto” passa a ser aquele que domina a língua escrita e o conhecimento por ela vinculado e legitimado. “Inculto” seria todo aquele que não se enquadra nesse modelo. Concepções muito próximas das criticadas por Florestan Fernandes em relação aos primeiros folcloristas. Segundo Frederico Fernandes (2003a), a teoria literária começa a utilizar outros modelos analíticos, não mais regidos somente pela letra, a partir da década de 1930, época em que Milman Parry analisa a *Iliada* e a *Odisséia* sob a ótica da “fórmula oral”.

Todavia, ainda ocorre, conforme aponta Antônio Polar (2000), uma indefinição de como funciona socialmente a literatura latino-americana, o que leva a se privilegiar a literatura “cultura” e a deixar a cargo do folclore outras manifestações de estratos não legitimados pela academia. Polar argumenta que, na América Latina, uma observação empírica basta para perceber a existência “de sistemas literários múltiplos e diversos. E não se requer maior esforço teórico para provar que todos têm sua própria legitimidade estética e social e que são partes de nossas literaturas nacionais e da literatura latino-americana em seu conjunto” (POLAR, 2000, p. 28).

Dentro dos estudos literários, os estudos culturais, principalmente, propiciaram novas perspectivas na análise de manifestações artísticas orais. De acordo com Jonathan Culler (1999), os estudos culturais modernos têm uma dupla origem: do estruturalismo francês da década de 1960, no qual cultura era tratada como uma gama de práticas as quais poderiam ter suas regras e convenções descritas; e os estudos culturais cuja fonte é a teoria literária marxista da Grã-Bretanha, representada por Raymond Williams e Richard Hoggart. Esses dois pesquisadores, informa Culler, buscaram resgatar e pesquisar a cultura operária popular, a qual foi sendo esquecida à proporção que o termo cultura era identificado como alta literatura. Nessa tradição, os estudos culturais “são movidos pela

tensão entre o desejo de recuperar a cultura popular como expressão do povo ou de dar voz à cultura de grupos marginalizados” (CULLER, 1999, p. 51). Culler diz ainda que os estudos culturais têm sua origem ligada à utilização de técnicas de análise literária em outras formas de cultura. Os artefatos culturais eram tratados “como ‘textos’ a ser lidos e não como objetos que estão ali simplesmente para serem contados” (CULLER, 1999, p. 52).

Douglas Kellner (2001), por sua vez, mostra que os estudos culturais têm como característica concepções interdisciplinares que utilizam “teoria social, economia, política, história, comunicação, teoria literária e cultural, filosofia e outros discursos teóricos” (KELLNER, 2001, p. 42). Assim, no trato com determinadas formas culturais, a abordagem interdisciplinar se faz necessária para ultrapassar certas barreiras entre disciplinas quando se deseja ir do texto ao contexto, ou seja, “dos textos à cultura e à sociedade” (KELLNER, 2001, p. 43).

Desse modo, perceber o contexto de produção, armazenamento e circulação torna-se base para o entendimento das especificidades de cada objeto cultural. Levando essa conjuntura em consideração, neste trabalho, houve consultas a várias disciplinas na busca pela melhor compreensão do objeto cultural proposto. Todavia, a base são as teorias a respeito de poesia oral, principalmente, no que se refere a considerar os contextos e os elementos presentes no evento comunicativo.

A dissertação foi dividida em quatro capítulos principais, seguidos por outro de característica conclusiva. No primeiro capítulo, discutem-se, basicamente, as conjunturas econômicas, sociais, culturais e religiosas presentes na formação da visão de mundo dos narradores, o que ajuda na interpretação dos contextos nos quais um tema narrativo é atualizado, e são introduzidas algumas questões relacionadas ao ato comunicativo, as quais permeiam esta dissertação. Na parte inicial do primeiro capítulo, verifica-se como os narradores se posicionam diante dos conflitos e problemas cotidianos ao se referirem ao passado. Na segunda parte, são mostrados os meios mais comuns em que os narradores transmitem suas experiências, aprendem e propagam seus temas narrativos, bem como qual é a relação entre narrador e ouvinte no instante da atualização. Na parte final, argumenta-se sobre a importância de considerar os sentidos construídos pelo narrador no momento da interação entre os participantes de uma comunidade narrativa.

No segundo capítulo, é analisada a presença da moral em algumas histórias coletadas. Foram escolhidas as narrativas a respeito do corpo seco⁵ e de enterro⁶, as quais

⁵ Corpo seco é um personagem morto-vivo condenado a vagar no plano terreno por não ter sido aceito no céu, nem no inferno, nem pela terra.

foram analisadas em partes separadas. Busca-se discutir como essas histórias se referem ao como se comportar no dia-a-dia, principalmente, nas relações com o outro. No final desse capítulo, como o sobrenatural está presente nas narrativas de corpo seco e de enterro, almeja-se examinar, mesmo superficialmente, se a idéia de medo e/ou castigo pode ser uma forma de coação externa.

Na primeira parte do terceiro capítulo, são analisadas algumas narrativas de um narrador específico. A intenção é verificar, principalmente, como ele correlaciona a moral presente nas histórias com a sua visão de mundo. Na segunda parte, mostra-se como indivíduos comuns e situações do dia-a-dia transformam-se, respectivamente, em personagens e em histórias a respeito do ético e do anti-ético.

No início do quarto capítulo, é discutido se as narrativas de aspecto moral desdobram-se somente numa função prática ou se há também a presença de uma gratuidade estética. Na segunda parte, expõe-se o conceito de performance e são retomadas algumas questões básicas no intuito de mostrar a importância do evento comunicativo na construção de uma narrativa oral.

No que se refere ao lugar pesquisado⁷, a cidade sede desses distritos, Londrina, faz parte do Norte Central do Paraná e está distante 369 Km da capital Curitiba. Tem cerca de 495.500 habitantes⁸. A assinatura do Decreto Estadual de criação do município se deu no dia 03 de dezembro de 1934 e sua instalação foi no dia 10 de dezembro de 1934, data em que se comemora o aniversário da cidade. O setor industrial tem pouca expressão, destacando-se mais os setores de comércio e prestação de serviços. A agricultura tem grande importância para a cidade.

O distrito de Irerê⁹, distante 25 Km de Londrina, foi fundado em 1932/1933. O local em que está situado era uma fazenda conhecida como Fazenda Marrecas¹⁰. Tornou-se oficialmente distrito em 10 de outubro de 1947. Também faz parte de Irerê o patrimônio de Taquaruna. No censo demográfico de 2000¹¹, a área urbana de Irerê contava com uma população de 1.425 pessoas e a rural com 765.

⁶ As narrativas de enterro recebem outros nomes, por exemplo, botija, tesouro encantado etc. Elas se referem, em geral, a um ente sobrenatural que visita uma pessoa e pede para que ela retire um tesouro enterrado.

⁷ Há um mapa da região no final desta introdução.

⁸ Informações disponíveis no endereço eletrônico <http://pt.wikipedia.org/wiki/Londrina>. Todas as informações referentes à região foram acessadas em: 16 set. 2006.

⁹ Endereço: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Irerê>.

¹⁰ Irerê é o nome indígena para a ave “marreca”.

¹¹ Endereço: http://www.londrina.pr.gov.br/cidade/atualizacao_pagina_prefeitura_2005.pdf#.

Paiquerê¹², distante 35 Km de Londrina, foi considerado distrito em 21 de dezembro de 1964 e era chamado “Cruzeiro do Sul”. Tinha sua economia fundada no plantio de café, hoje substituída, principalmente, pela soja. Formam o distrito, ainda, os patrimônios de Guairacá e Bairro do Nogueira. A população urbana em 2000 era de 1.162 habitantes e a rural de 1.317.

Lerroville¹³ tem esse nome em homenagem a Nicolau Lerro, morador da região assassinado devido à disputa por posses de terra durante a colonização. Em memória desse homem, os habitantes começaram a chamar o lugar de Vila do Lerro, por fim Lerroville. Sua criação está ligada a um grande incêndio na região, que devastou a mata, e posterior plantio de café na terra devastada. Tornou-se distrito em 29 de novembro de 1963. Está distante 49 Km de Londrina. Sua população urbana era de 1.686 habitantes e a rural de 3.018.

A pesquisa de campo foi realizada no primeiro semestre de 2005. Nos locais, treze pessoas foram entrevistadas, sendo que duas entrevistas não são aproveitadas neste trabalho, por não terem relação direta com o objetivo proposto. Em comum, os onze narradores têm mais de cinquenta anos, são migrantes regionais ou estaduais e têm, ou tiveram, relação direta com a agricultura ou atividades afins. São quatro narradores de Irerê, quatro de Paiquerê e três de Lerroville.

Quanto à metodologia para pesquisa de campo, foram considerados os pressupostos relativos à História Oral, a qual considera o entrevistado como sujeito construtor de um discurso. Paul Thompson (1998), pesquisador de História Oral, por exemplo, postula ser primordial para o trabalho de campo habilidades de relacionamento com outras pessoas. Dessa forma, conhecer a cultura, mesmo geral, em que o informante está inserido evita erros grosseiros no andamento das entrevistas. Deixar que o entrevistado fale sobre a sua experiência de vida, como numa conversa informal, possibilita maior naturalidade na transmissão das narrativas orais, ou outros objetos a serem estudados. Para Thompson, o entrevistador dever mostrar-se interessado pelo relato, respeitar o outro como pessoa, ter flexibilidade no trato com as reações, talento em demonstrar simpatia e compreensão pela opinião alheia. Opiniões pessoais devem ser evitadas de modo a não modelar as do entrevistado, pois “o objetivo de uma entrevista deve ser revelar as fontes do viés, fundamentais para a compreensão social, mais do que pretender que elas possam ser aniquiladas por um entrevistador desumanizado” (THOMPSON, 1998, p. 258). Assim, essa

¹² Endereço: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paiquerê>.

¹³ Endereço: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lerroville_\(distrito_de_Londrina\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lerroville_(distrito_de_Londrina)).

metodologia para entrevistas não aceita uma visão de cima para baixo, mas uma equiparação de olhares.

Num primeiro momento, houve um levantamento junto à comunidade de possíveis narradores. Após a identificação, havia o contato com a pessoa, explicação do porquê da visita e realização de uma pequena conversa informal, em que se buscava notar se a pessoa contatada poderia ter relação com os objetivos da pesquisa. Na maioria das vezes, a entrevista foi realizada no primeiro contato. Em outras, marcou-se nova visita de acordo com o tempo disponível do informante. Ao invés de perguntas pré-elaboradas, que suscitassem respostas fechadas, preferiu-se a utilização de um roteiro com alguns temas básicos de forma a deixar o entrevistado falar de modo mais natural. As gravações foram feitas em fita K7. Um esquema de transcrição foneticamente rígido não foi obedecido, no entanto, a sintaxe e as expressões identitárias do grupo, ou do narrador, foram mantidas.

Com o trabalho de transcrição, finalizou-se uma etapa importante da produção de fontes orais, essência para a crítica sobre a poesia oral, e teve início a análise do *corpus* coletado, pilar central para as investigações que se farão a seguir. Antes, porém, expresso o desejo de que as discussões que serão apresentadas possam frutificar e auxiliar outros pesquisadores interessados em descortinar as especificidades das manifestações poéticas. Que as vozes ecoem...

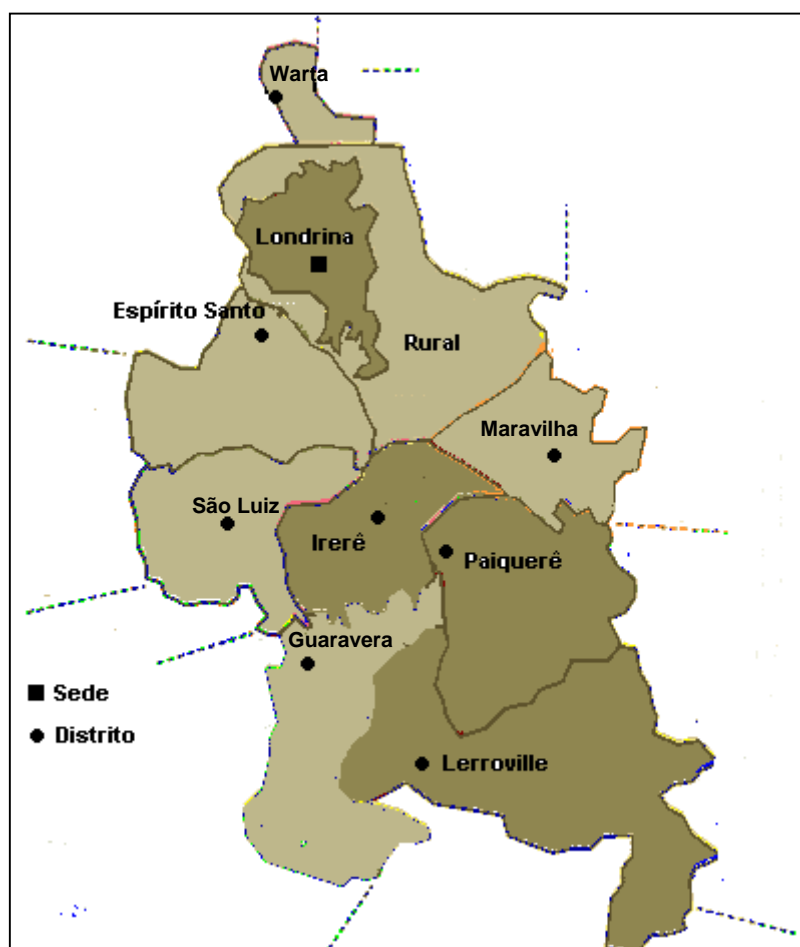


Figura 1 – Mapa dos distritos de Londrina¹⁴

¹⁴ Baseado na fonte: <http://www.londrina.pr.gov.br/cidade/divisao.php3>.

2 ESCUTANDO A COMUNIDADE: CONTEXTOS E ATUALIZAÇÕES

*E Jesus, meu filho. Santo, meu filho. Santo, cê quer...
santo tá lá na igreja. Mas é a fé. Os santos, santos somos
nós, que nós é que é os santos. Fazer muita... respeitar o
mundo, respeitar a Deus e saber viver, fazer bondade,
caridade. Santo é nós.
(Dona Benedita)*

O objetivo neste capítulo é mostrar, principalmente, os contextos socioculturais nos quais as narrativas são atualizadas. Assim, busca-se apontar os princípios e valores básicos considerados pela comunidade narrativa. Em seguida, quais são os contextos de aprendizagem e propagação das narrativas. Posteriormente, discute-se a respeito de considerar os sentidos gerados no contexto de atualização para a melhor compreensão do significado de uma narrativa.

2.1 DO PASSADO AO PRESENTE

As narrativas orais têm uma íntima ligação com o cotidiano das pessoas que as geram. Entender, mesmo basicamente, as conjunturas econômicas, sociais, culturais e religiosas, as quais estão presentes na formação de uma visão de mundo, ajudam na interpretação dos contextos nos quais um tema narrativo é atualizado nesse cotidiano. Passado e presente se imbricam, ganham significados novos conforme os anseios coletivos e as preocupações individuais vêm à tona. Assim, o interesse nessa parte do trabalho é perceber como a comunidade narrativa dos distritos projeta o passado no presente ao realizar comparações e, como consequência, deixa entrever concepções de mundo atuais.

Nessa projeção do passado, comparado-o ao presente, alguns entrevistados opinaram que houve melhoras consideráveis no campo social e certas dificuldades no trabalho foram suavizadas:

Agora que hoje tá melhor, tá! As coisa tá mais difícil, mas tá mais melhor do que naquele tempo tá, porque hoje... naquele tempo cê é do destino, não tinha socorro nenhum, né? E hoje tem hospital do governo, tem assistência hoje, né? Tem o remédio... ele não dá todo o remédio, mas um tipo de remédio ele dá, né? E uma operação que naquele tempo o cara morria e não se operava, não tinha com que, hoje não morre mais. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa¹⁵, distrito de Irerê).

Trabalhei em roça, lutava, lutava nas roça. Se levantava seis horas, moleque já tinha de idade já tinha, saía pra roça, pra lutar com a vida, né? E, saía tudo mundo, né? Só a gente não, o pai saía na frente e os filho saía atrás, né? Que a luta naquele tempo era pesada, né? Hoje não, hoje tá fácil, né? Mas, é assim, né? (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço¹⁶, distrito de Irerê).

Menino, eu lembro que nós passava muita fome. Meu pai saía cedo pra ir caçar pra nós comer. Não tinha nada dentro de casa, nada, nada, nada, nada dentro de casa pra nós comer. Batia o dia interizinho. Tinha dia que ele saía cedo e trabalhava o dia, pra de tarde eles trazer, poder trazer, trazer um... uma farinhazinha de mandioca. (ENTREVISTA: Benedita Braga dos Santos¹⁷, distrito de Paiquerê).

As condições para a manutenção da saúde melhoraram, o severo trabalho braçal amenizou-se com o advento de máquinas e a alimentação escassa em determinado local foi trocada pela fartura numa região mais promissora. Com exceção do uso de maquinário agrícola, uso que alguns entrevistados culpam como responsável pela queda de emprego no campo, a maioria dos narradores diz que as condições econômicas para viver estão melhores. Muitos estão aposentados, possuem casa própria e, segundo eles, gozam de certa tranquilidade. Mas, cabe ressaltar, nem todos têm a mesma opinião em relação às melhorias, principalmente os que não estão aposentados, pois arrumar emprego fica mais difícil fora da época de colheita.

Os narradores valorizam o trabalho, assim a dedicação ao labor surge como pilar central para mulher e homem conquistarem uma vida melhor:

¹⁵ Seu José Isidoro Barbosa nasceu no Jardim Ceará, perto de Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará. Era trabalhador rural antes de se aposentar. A entrevista foi realizada em Irerê no dia 05/02/2005. Nasceu em 1931.

¹⁶ Seu Pedro Antônio Lourenço nasceu no ano de 1926 em Santo Antônio da Platina, Estado do Paraná. Trabalhador rural aposentado. A entrevista foi concedida em Irerê no dia 07/02/2005.

¹⁷ Dona Benedita Braga dos Santos nascida em Novo Cruzeiro, Minas Gerais, no ano de 1921(provavelmente). Trabalhadora rural aposentada. A entrevista foi realizada em Paiquerê no dia 07/02/2005.

Aí ela ficou, mais ou menos, quase um ano parálitica da perna e o braço dela foi aplicado uma injeção e ficou entre a pele e a carne, né? Aí roxeou tudo o braço dela e ela não podia dobrar o braço. Ela ficou com a perna encolhida e o braço estirado assim. Daquele jeito! ela fazia comida, lavava roupa. O poço tinha trinta metro. Eu tirava água e enchia um tamborzão desses de... que tinha gasolina e ela lavava roupa. Ela ponhava o joelho... [...]

Hoje! Hoje trava. Primeiro, queria um tanque, né? Hoje ela quer a máquina, naquele tempo não tinha nada disso, era uma tábua, né? Comprava aquela esfregadeira, ponhava ali, né? Ela ponhava o joelho assim, esfregando aquela roupa. Aí foi, foi... quando chegou na colheita de café, ela ia pra roça, porque sozinho que que eu ia fazer, né? Ela ia pra roça, chegava lá, com um pé no ar, ela cevando café. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo¹⁸, distrito de Lerroville).

Mas sempre eu tinha um trocadinho, fazia roça, trabalhava na roça, né? Toda vida criei todos meus filho na roça também. Eu também fui criada na roça desde pequena. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva¹⁹, distrito de Irerê).

A esposa de seu Geraldino, mesmo com a saúde debilitada, não deixou de realizar suas tarefas diárias, além de ajudar o marido na colheita. Dona Carmem acompanhava o esposo em todo serviço de roçado. As crianças também tinham as suas obrigações: cuidavam dos irmãos pequenos ou seguiam os pais na lida cotidiana. Entretanto, existiam aqueles que não cumpriam seus deveres familiares e trabalhistas, algo condenado pela comunidade pesquisada. Há relatos de mulheres mantenedoras da família, já que o homem bebia, envolvia-se com outras mulheres, abandonava o lar por algum tempo ou não se interessava em trabalhar.

Essa forma de os narradores se referirem ao passado como campo de batalha e sofrimento diário aponta para a sua identidade atual, ou seja, fica subentendido que eles são trabalhadores os quais cumpriram/cumprem com as obrigações sociais/econômicas comuns ao cidadão de uma sociedade. Os narradores se vêem pelo que fizeram e pela experiência daí adquirida.

A valorização do passado foi percebida por Antonio Candido (1982) em seu estudo sociológico do caipira paulista. Há uma semelhança entre esse grupo estudado por ele e a comunidade narrativa dos distritos, no que se refere à criação de uma “idade de ouro”. Conforme a experiência de cada pessoa, é (re)criado um tempo ideal. Para os entrevistados

¹⁸ Seu Geraldino de Camargo nasceu no ano de 1922 na cidade de Itapurú, São Paulo. Foi trabalhador rural antes de se aposentar. A entrevista foi concedida em Lerroville no dia 12/03/2005.

¹⁹ Dona Carmem Tavares da Silva nasceu na região de Ipaussú, interior do Estado de São Paulo, no ano de 1920. Trabalhadora rural. Não havia conseguido a aposentadoria até o dia da entrevista, ocorrida em 29/01/2005 no distrito de Irerê.

que estão na ativa, por exemplo, no passado era melhor para arrumar emprego no campo, pois a modernização das técnicas agropecuárias e a exigência de mão-de-obra qualificada reduziram as ofertas de trabalho. Mesmo as opções da cidade são consideradas difíceis, porque a exigência de capacitação profissional e o grau de escolaridade dificultam as colocações formais. Outro exemplo se refere à alimentação, que, de acordo com seu Sebastião, era mais saudável:

Era mais difícil, mas eu acho que era melhor. Até a lavoura que você plantasse, parece que o sabor da lavoura era outro. Cê matava um frango caipira num terreiro era uma coisa. Hoje cê compra um frango desse um que vem das granja aí, o bicho parece que já tá derretendo de tanta coisa que ele come, que ele... ração com tanta coisa que eles dão pro frango. Aquilo lá parece que vai deixando a gente... em vez de ficar mais forte, vai ficando mais fraco.

Antigamente tudo era bom. Cê matava um porco, cê sabia o que cê tava comendo, o que cê tava matando no teu chiqueiro lá, cê sabia o que tava fazendo. Cê comia um frango, cê sabia que tava comendo uma coisa sadio, né? Então, a horta que cê plantava não tinha negócio de veneno. Hoje em dia se cê não aplicar o veneno ao menos no feijão, você não consegue nem colher o feijão hoje, né? Então, é onde que hoje tá eu acho que é mais difícil de cê viver do que antigamente, porque antigamente era muito mais saúde. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa²⁰, distrito de Paiquerê).

Seu Sebastião fala de um período em que os moradores da zona rural manipulavam seu próprio alimento, do início ao fim. Dessa forma, sabiam a origem e qual produto havia sido utilizado para constituir o alimento, o que não acontece na produção em grande escala, na qual a manipulação é feita por terceiros e o consumidor não tem real certeza do que fora usado na formação do alimento. São dois meios de produção que se contrapõem: o artesanal, geralmente aprendido pela tradição, e o industrial, que se liga a um processo de modernidade.

A educação dos filhos também é destacada por alguns narradores como diferente dos tempos atuais:

²⁰ Seu Sebastião de Oliveira Rosa nasceu em Ortigueira, Paraná, no ano de 1951. Operador de máquina agrícola. Quando não está trabalhando na lavoura, realiza trabalhos informais como pedreiro e outras atividades afins. A entrevista foi realizada no dia 27/02/2005 no distrito de Paiquerê.

Se a gente tivesse conversando, igual nós dois tá conversando aqui, e viesse um menino aqui e tirasse a conversa nossa um pouquinho, tirasse nossa atenção, ele só pegava e fazia assim ó. Se mandasse pra lá, que não viesse atrapalhar o negócio. Que depois, ele chegava e chegava o reio mesmo. Não tinha negócio não.

Hoje não, hoje os filho chega e já fala pro pai o que bem quer, o que não quer, porque a lei hoje protege muito as criança também, né? Cê não pode nem brigar com um filho, falar qualquer coisa que os filho já fala o que quer e você tem que ficar quieto. Cê vai bater que jeito, né? Não tem jeito.

Então, você tem que deixar, né? Mas antigamente não. Antigamente era muito diferente. Eu fui desse regime de, de, dos mais antigo. Olha! Sei respeitar todo mundo, converso com qualquer um, trabalho em qualquer lugar, trabalhei pra todo lado aí, graças a Deus, respeitei todo mundo. A gente sabe respeitar, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Cê sabe que eu, cada dia você vê coisa diferente, porque as coisas vai mudando tudo, então, cê vê só coisa diferente, principalmente, o jeito do povo viver, do povo trabalhar, ninguém trabalha mais direito. Um pai...um filho domina o pai.

Naquela época não, um pai levantava cedo assim, limpava a goela ali cinco horas da manhã. Ele tinha quatro, cinco filho, pulava tudo da cama e ia tudo pra roça junto. Hoje o pai sai pra ganhar o pão, a molecada vai fumar maconha, vai roubar, vai... né? Hoje já mudou muito.

Eu tenho a minha família criada só no mato, só no sítio. Eu criei dois rapaz e duas moça. É a coisa mais linda do mundo. Eu não tenho nada! Mas agradeço a Deus de eu ter criado minha família bem criado, né? Ninguém fuma maconha, ninguém... é tudo bem educado, né? Dois rapaz e duas moça criei, é coisa linda. Mas, cê tirou a família pra cidade, cê não domina. (ENTREVISTA: Pedro Luiz Barbosa²¹, distrito de Paiquerê).

No primeiro relato, fica destacado o preceito de respeitar o adulto. Esse preceito não seria observado atualmente, porque leis protegeriam muito a criança, o que diminui, ou tira, o poder paternal. No segundo, o narrador fala a respeito das mudanças constantes no cotidiano e, nessas, o que desagrada é a forma como alguns filhos tratam o pai. Para seu Pedro Luiz, a cidade degenera as virtudes do filho. Ajudar o pai no trabalho seria uma dessas virtudes. A boa educação viria dessa relação paternal mais próxima em que o pai tem certo domínio sobre a criação dos filhos.

Outro ponto é a diferenciação entre cidade *versus* campo/distrito, que outros entrevistados também fizeram, como seu José Isidoro: “Aqui, aqui é uma vida sossegada, né? Pois é, Londrina é um lugar bom de verdade, mas é um lugar muito apertado, um lugar muito sufocado. Agora, aqui pra gente morar aqui, trazer de Londrina prá cá é bom.” (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê). Para ele, o sossego é o atrativo do

distrito onde mora, em contraposição à cidade de Londrina, provavelmente tida como abafada devido às construções prediais e ao fluxo constante de pessoas e veículos. Devido a isso, o narrador prefere residir no distrito e visitar a cidade ocasionalmente. Seu José Pereira tem uma opinião similar a de seu José Isidoro:

Sabe? A cidade pequena é melhor. É. Hoje em dia pra gente morar na cidade, que nem aqui em Lerroville ou em Tamarana. É, é melhor por causa que... morar que nem em Londrina, Cambé, muito agitado, né? Muito agitado. E aqui não. Aqui... às vez tem algum robinho, mas é coisa... mas é... que nem em Cambé, eu tenho a filha que mora lá. Ela não pode nem deixar a casa só. Se sair, tem que ficar um na casa. Tem muitos sondando pra roubar, né? (ENTREVISTA: José Pereira Cardoso²², distrito de Lerroville).

Mesmo com alguns índices criminais, o cotidiano no distrito não chega a ser tão violento como na cidade de Cambé, segundo o entrevistado. No entanto, outros narradores informam ter aumentado a violência nos distritos, como revela Dona Carmem, a qual conta a respeito de um ladrão que a atacou em Irerê:

Ele mora aí. Agora o pai dele soube que, era pastor de crente o pai dele, né? Soube que o filho dele tinha virado bandido. Acho que não faz muito tempo que eles viraram bandido não. Acho que depois que eles formou de moço memo, grande, né? Que eles viraram bandido. Acho que tinha roubado de moleque, não sei. E daí o pai deles deu desgosto nele e tiraram ele de pastor do crente, né? Tiraram, crente não gosta disso, né? Ele ficou nervoso, deu aquela pressão forte, matou de repente. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Numa sociedade que prima pela boa conduta, o pai se sente culpado pelas atitudes do filho, atitudes que deixam uma imagem negativa perante os fiéis religiosos, e, devido a isso, morre de desgosto. Dona Carmem relata outros fatos que geraram preocupações em seus familiares:

²¹ Seu Pedro Luiz Barbosa nasceu no ano de 1946 em Cláudio, Estado de Minas Gerais. No dia da entrevista, 23/04/2005, Paiquerê, trabalhava como Administrador de Fazenda.

²² Seu José Pereira Cardoso nasceu no ano de 1930 na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Trabalhador rural aposentado. A entrevista foi concedida no dia 02/04/2005 em Lerroville.

Depois que judiaram do homem lá com revólver, querer pegar dinheiro dele, ele não tinha, né? Foi receber o pagamento, mas deixava o pagamento lá guardado. Eles queria o pagamento dele. Tocou o revólver na cara dele assim, na cabeça, o sangue dele desceu. Daí ele contou pra nós. Era conhecido nosso, né? Menina minha soube lá em São Paulo, eles telefonaram daqui, né? Ela ficou doida. Veio, tirou eu lá da casa. O bandido ia mexer lá comigo. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Os requintes de violência marcaram profundamente Dona Carmem, algo que se percebe devido à narradora repetir essas cenas em diferentes trechos da entrevista.

Para seu Geraldino, boteco e baile são uma mistura perigosa, pois as pessoas, ao invés de se divertirem, acabam brigando:

É que o povo hoje num liga mais, porque aqui memo, aqui pra baixo saía um baile, um bailinho lá num boteco ali pra baixo. Aí falava pra muié: “Olha! Isso aí cê vai ver, inda vai dar morte.” Aí quando chegou um dia de sábado, nós deitamo, e aqui essa casa não era de material não, não tinha nem essa casa aí. Era cerca antiga.

Daí eu escutei um trupé, que passou aqui, passou um trupé igualzinho esse que eu vi ali em Cornélio, sabe? Com coisa que é uma pessoa que passou. Eu falei pra mulher: “Queira Deus que não é hoje.” Ah! Quando foi uma certa hora da noite, escutei os tiro, mataram o homem lá embaixo. O homem tava com uma carabina, se eles não tivesse matado, ele ia matar muita gente aquele dia. Um gaúcho que tinha aí. Deram tiro nele, depois acabaram de matar com pau, a maior judiação. Esse também aconteceu aqui. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

Grande parte dos entrevistados acredita que antigamente havia menos briga, união entre as pessoas e respeito mútuo. Seu Francisco informou que, numa época na qual não existia rádio ou televisão, o passatempo era a visita entre familiares e vizinhos. Atualmente, escuta as notícias vindas de Londrina e fica alarmado pela quantidade de mortes:

E, que nem em Londrina a gente sabe tanta notícia de tanta morte que sai, né? Eu acho, eu acho que é problema de droga, né? Antigamente eu acho que não existia esse negócio de droga, né? Ou será que já existia? Eu memo no sítio a gente não ouvia falar de que existisse pessoa drogado e... Era, o povo era mais unido, era mais... o povo era simples e não dava tanta briga. Tinha, que a turma falava, tinha os valentão que eles falavam. Os homem valente, os matador do... Aqueles morria mais fácil, né? (ENTREVISTA: Francisco Plath²³, distrito de Lerroville).

²³ Seu Francisco Plath nasceu na Lapa, Estado do Paraná, no ano de 1927. Trabalhador rural aposentado. A entrevista foi realizada no dia 09/04/2005 no distrito de Lerroville.

Assassinatos e violência sempre fizeram parte da vida dessas pessoas. Todavia, em geral, as mortes eram resultado de intrigas pessoais, passionais ou devido a disputas de terra. Dona Benedita, quando mudou para Paiquerê, diz ter ficado assustada com tanta violência:

Aqui tinha, meu filho, muito era morte. Tinha muito quando nós mudou pr'aqui. Vi uma sinhá morta aqui. Agora, graças a Deus, depois que eu cheguei aqui, depois que eu vim aqui, pra Deus ajudar, quem não... morreu um esses dias com, lá daquelas vila lá pra lá que veio aí. Os vagabundo aí matou o pobrezinho do rapaz. Mas, benzo essa casinha, graças a Deus. Morreu um coitadinho depois que eu mudei pr'aqui. Mataram um aqui na porta da igreja. Mataram outro na descida sair pra lá. Tiraram o couro da cara, cortou a mão pra ninguém conhecer. Até o pobrezinho dum Zezão que era, não fazia nada, coitado. Mataram ele ali na porta de uma venda. Mas também foi só, esbarrou aqui. Ninguém matou mais ninguém. Matou um moço, um moço, um menino que tinha ali. (ENTREVISTA: Benedita Braga dos Santos, distrito de Paiquerê).

Assim, o que escandaliza essas pessoas são os motivos tidos como fúteis, por exemplo, assaltos e uso de drogas. A série de mortes que envolve a região de Londrina e a pouca idade dos assassinos também preocupam a comunidade.

Ao falar a respeito de um local considerado assombrado, seu Sebastião relata o seguinte na tentativa de explicar o motivo de assombramentos: “Que matava lá naqueles lugar antigamente, matava muita gente pr'aqueles lugar. Eles mandava matar um ou outro, né? E esses moleque fica matando gente pra lá e pra cá assim desleixado, fica meio assombrado, né?” (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê). Como se percebe, o narrador atualiza fatos do passado e os correlaciona com o presente. Desse modo, se a matança desenfreada gerou assombrações numa época e num espaço determinado, o mesmo pode acontecer no presente caso as circunstâncias sejam semelhantes. Seu Sebastião faz uma analogia, percebe certas semelhanças e disto tira suas conclusões.

Outro ponto a ser ressaltado é que essas pessoas cresceram e viveram em comunidades nas quais, praticamente, todos se conheciam e/ou mantinham algum tipo de relação social, bem como comungavam dos mesmos valores. Com o crescimento populacional dos distritos, a influência da cultura citadina e o aparecimento de problemas antes comuns nas cidades, como as drogas, os narradores tendem a volver-se para um período temporal em que as relações sociais funcionavam de acordo com o que cada um acredita ser o ideal. As festas são bons exemplos de como eram essas relações mais comunitárias:

Então, lá acontecia bastante reza, festa. Minha finada avó mesmo, ela tinha uma festa que todo ano ela fazia uma festa pra São Sebastião, né? Que essa festa ela ficava dois, três dias fazendo esse tipo de festa, né? Então, aquilo a turma levava bastante prenda pra ela, né? Prenda que fala, assim, um dava uma leitoa, outro dava um frango, outro dava uma quarta de farinha, outro dava fubá, outra dava polvilho, que fazia muito polvilho pra lá, sempre tinha, que a gente fazia, né? Pra fazer biscoito essas coisa, pra dar pra turma comer lá nas festa, né?

Sempre adquiria bastante as coisa, então, fazia aquilo lá, ela juntava tudo aquele negócio lá que a turma dava e fazia aquela festa pro povo comer. Não tinha negócio de falar: “Não. Vou pegar aquilo lá e trazer pra cá e vender pra fazer uma coisa qualquer.” Não. Só que sempre melhorava a parte, que ela sempre era muito devota de São Sebastião, né? Ela sempre melhorava o lugar do São Sebastião que ela tinha, a imagem tudo certinho, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Sempre ajudava na igreja, né? Aquilo que as pessoa podia dar, se podia dar bem, se não podia também não tinha problema, né? E, depois, tinha o leilão, né? Toda, toda igreja tinha um coreto, né? Naquele coreto, ia banda tocar, tudo.

E tinha os cara que gritava o leilão ali, né? Um dava leitoa, outro dava um aparelho, qualquer coisa, né? Aí cara chegava e arrematava, né? Aquele dinheiro ia pra igreja, era desse jeito. Aquelas barraca também, ali tinha a barraca da parte que ia pra igreja, né? Era bem, bem organizado. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

Quando se objetivava lucro, este não era para ser dividido entre uma ou outra pessoa, mas para o bem comum. Assim, o dinheiro podia custear melhorias nas igrejas ou nos altares dedicados aos santos de devoção. A doação individual para o bem comum fica clara nos dois relatos, cada pessoa entregava o que podia para a festa ser realizada. As comemorações giravam em torno dos dias santos, em que o respeito imperava:

A festa de primeiro era religiosa. Tinha muito... que nem lá na... onde eu fui nascido, eu não nasci em Jaú, nasci perto, nasci em Itapurú. Então, lá tinha... o santo de lá era Santo Antônio, né?

Sempre lá vê cada festa que dava, cê não via uma briga, cê não via nada, aquelas barraca funcionava tudo certinho, né? Gente tudo ali, bebendo, comprando as coisas, tudo, né? E não tinha briga, não tinha nada. Agora hoje, festa tá em tempo de se matar uns aos outro, né? Parece que o povo não tem mais Deus no coração, né? Eu acho que é isso. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

A mesma opinião tem seu Sebastião. A boa conduta de antigamente deu lugar a desrespeitos:

Ichi! Tinha, tinha tanta festa aquele tempo que hoje ocê não vê mais nada. Cê vê bagunça aí. Igual ontem mesmo, por exemplo, tinha uma bagunça aqui nesse Paiquerê aqui. Era meia-noite aí, a turma bagunçando nessa rua aí. Falei: “Ah, não! Isso pra mim é bagunça.” Rodando no meio da rua aí, parecendo pião... (ri). (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Os narradores participavam de festas em que o senso comunitário era mais evidente. Dessa maneira, eles estranham as grandes festas dadas nos distritos, nas quais, devido à diversidade de pessoas, podem ocorrer confusões. Entretanto, ainda acontecem festas mais voltadas para os moldes tradicionais, nas quais a doação voluntária persiste, como informa seu Lázaro: “Ajudava. Cada um dava uma ajuda. Que até hoje ainda dá também, né? Quando sai um festa, quando sai uma festa aqui, sai pedindo ajuda pra fazer. Uns dá uma prenda, outros dá outra. Daí por diante.” (ENTREVISTA: Lázaro Ferreira dos Santos²⁴, distrito de Irerê). Um exemplo, é a Companhia de Reis²⁵, que termina a peregrinação com uma festa para os participantes e fiéis. Muitos valores da comunidade narrativa são reafirmados nesses encontros comunitários, como o sentido de união, o respeito a outras pessoas, a devoção religiosa etc.

A religião é um fator muito presente na vida dos narradores dos distritos. Todos os entrevistados se autodenominam católicos e têm a sua visão de mundo intimamente ligada aos preceitos religiosos divulgados pela igreja. Entretanto, isso não quer dizer que os dogmas religiosos são seguidos à risca. Cada narrador toma por base suas impressões e experiências pessoais, o que pode gerar sentidos diferentes dos ensinamentos eclesiásticos. O religioso se mistura ao social e vice-versa.

No campo religioso, as comparações entre passado e presente também acontecem, principalmente quanto ao aumento de religiões que ocorreria atualmente. Para alguns narradores, esse aumento pode causar desunião entre as pessoas, como relata seu Geraldino:

²⁴ Seu Lázaro Ferreira dos Santos nasceu em Cajurú, Estado de São Paulo, no ano de 1939. Foi motorista de ônibus, trabalhador rural e fiscal de trabalhos rurais. Está aposentado. A entrevista foi realizada no dia 29/01/2005 em Irerê.

²⁵ Tradição ligada aos católicos. Os integrantes da Companhia se reúnem na virada do dia 24 para o dia 25 de dezembro, seguem entoando cantorias pelas casas, desde que os donos aceitem recebê-los, recolhem donativos e terminam a peregrinação com uma festa no dia 06 de janeiro, dia dedicado aos três reis considerados santos, porque, de acordo com a tradição, foram os primeiros a reconhecerem Jesus Cristo como enviado de Deus.

E a religião primeira era a católica, depois a presbiteriana, depois tinha a espírita, só três, hem! Hoje tem mais de quantas... seita que tem, não é? Sendo que Deus é um só. Não é isso? Então eu acho que a pessoa... a religião da pessoa tá dentro da pessoa, no coração da pessoa, porque Deus é um só.

Então, acho que não precisava tá passando de religião, seguisse direito conforme é pra seguir que não tinha problema. É que o povo agora tá que nem criação, né? Um pro lado, outro pro outro, com muita vaidade. Cabou a fé, né? Quando de primeiro, o povo tinha fé! (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

Dona Carmem, por sua vez, conta que o avô lia a Bíblia para ela e foi quem a ensinou a rezar. Com o assédio de membros de outros grupos religiosos, os quais tentam explicar sua visão a respeito das leituras bíblicas, a narradora notou alguns dados que não condiziam com o que ela havia aprendido, por exemplo, quanto ao respeito às imagens de santo e quanto à abstenção de carne suína. Numa cultura em que cada casa tem sua imagem sagrada e a carne de porco é consumida no dia-a-dia e nos festins, o choque é imediato:

Eu tenho meu santo no quarto. A muié falava que aquilo lá é um pedaço de barro. O homem que fez. Pois a Bíblia também foi o homem que fez, né? Então, então agora o santo não valer também, aí a Bíblia pouco vale, né? Porque tem setenta, oitenta Bíblia. De primeiro, era só a católica, né? No tempo bem antigo, não tinha essas outra não. Agora de uns ano pra cá foi virando, virando, virando, cada vez virando mais. (incompreensível) oitenta, mais de oitenta Bíblia. Tirsasse de uma só, da católica, tão tirando nas outra. Tudo não é o homem que tá fazendo isso.

 Falei: “Não pode comer é veneno, que Deus deixou.” Agora coisa de comer, a gente pode comer, né? De vez em quando ela vem, pra... na... as duas Bíblia são igual, mas eles não lê o pedaço que têm os mandamento certo. Mas acho que é mentira, né? Não sei não. Não falei nada pra ela não. Falei: “Tudo o que você tá contando pra mim eu já sei, meu avô contava pra mim. As reza que eu sei.” Eles não reza nessa religião.

Tem muitos que reza, né? Tem muito que não reza não. É, diz que é tudo uma Bíblia só, mas tem uns pedaço que eles pula, quando ensina pro povo. De que, ela, daí ela diz que Deus vai acabar com tudo, isso aqui vai queimar. Ele vai tirar o que é Dele, o que tá na religião certa da Bíblia dela, Ele vai tirar e depois vai caminhar, não sei como que chama o negócio? Tacar fogo, vai queimar tudo. E o que é Dele vai ficar com Ele. Acho que Ele vai levar pro céu, não sei pra onde lá. E o outro vai queimar tudo, até casa, queima tudo, não vai ficar nada aqui. Ficar terra limpa. Não sei, ela fala tanta coisa, fiquei até boba de escutar. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

A dedução é penetrante. Ao que parece, Dona Carmem deve ter conhecido as outras partes da Bíblia. Desse modo, não é de estranhar que o contato com o livro do Apocalipse da forma como foi passada tenha gerado essa tensão, a qual aumenta à medida que haviam criticado sua forma de devoção. As convicções dos narradores são colocadas em xeque quando há o assédio de outras religiões, pois como colocar em descrédito aquilo que os pais, avós e amigos acreditaram/acreditam?

Outro ponto é o sincretismo que ocorre com os grupos ligados ao catolicismo popular. Dona Carmem, por exemplo, já visitou centros espíritas e, quando precisa, procura a ajuda de curas “invisíveis”, como neste relato, o qual fala do primeiro contato que ela teve com esse tipo de cura:

Um dia eu tava, tempo que eu tava tentando aposentadoria já, eu tava lá proseando com uma mulher lá. A muié diz que o filho dela tava bom, trabalhava, era motorista, gordão, forte, ficou doente. Foi tratando com médico, tratando com médico, ficou cego. E o médico desenganou ele. Não tinha mais cura.

Dáí ele foi numa muié lá na Ana Rosa, não sei se cê ouviu falar numa muié que faz operação invisível, né? Operou ele, ele sarou. Tava gordão, guiando carro já. Sarou lá nessa mulher que faz operação invisível. Dáí eu queria ir lá. Até agora nesse tempo memo que eu tou meio surda, se eu tivesse ido lá, acho que tinha sarado. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

O sincretismo religioso tem uma relação forte com as narrativas orais, pois, dependendo do grau em que há o aceite e a absorção de outras crenças, o narrador pode tentar explicar os acontecimentos pela nova convicção. Por exemplo, essa mesma narradora, quando contava a respeito de assombrações, questionada sobre o porquê dos aparecimentos, diz o seguinte:

Não sei, acho que era alguma coisa que ele tinha que pagar, alguma coisa, né? que fez de errado. Depois morre e vem pagar, né? Às vez não pagou. Agora tem o centro espírita. A gente vai lá e eles chama o espírito. O espírito desce lá, fala o que ele quer, né? Ele manda fazer o que se quer. Dáí eles vão embora. Não vem mais atormentar. Mas de primeiro tinha muito. Nossa! De dia véio, tinha assombração. É. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

A resposta é simples: se há como saber o que a assombração quer por intermédio do centro espírita, consulte-a e o problema está resolvido. A narradora aceita novidades desde que elas não se interponham perante a sua visão de mundo.

A fé nos poderes dos santos é comum entre os narradores. Seu Geraldino, por exemplo, contou que uma vez alguém derrubou, acidentalmente, um grande pedaço de sabão, ainda não cortado em barras, dentro do poço de água. Depois de um esforço diário, ele percebeu que não conseguiria retirar o pedaço e limpar o poço. Voltou-se para Deus, bem como para sua santa de devoção, e solicitou ajuda. Jogou o balde com o qual tirava a água, e o pedaço de sabão saiu inteiro. Em cada caso, há um santo que pode auxiliar. A Dona Benedita já vê o ser santo como uma tarefa diária, na qual a conduta ética e a fé devem prevalecer:

E Jesus, meu filho. Santo, meu filho. Santo, cê quer... santo tá lá na igreja. Mas é a fé. Os santos, santos somos nós, que nós é que é os santos. Fazer muita... respeitar o mundo, respeitar a Deus e saber viver. Fazer bondade, caridade. Santo é nós.

Agora, meu filho, padece, porque agora eu tenho sofrido. Eu tenho sofrido pra andar com um trem desse... desse, desse caso. Eu tenho sofrido, mas eu tou aqui. Santo é, ocê andando direito, cê é um santo. Eu sou uma santa. Agora tem muita gente que não é, porque quando é no fim tem bão e ruim. (ENTREVISTA: Benedita Braga dos Santos, distrito de Paiquerê).

Os preceitos basilares do cristianismo estão presentes nesse trecho: amar a Deus e ao próximo. Para a narradora, alcança-se a santidade, basicamente, quando a pessoa observa esses dois preceitos. Haveria formas certas de agir com o outro e formas erradas, o que aponta para a existência de regras de conduta valorizadas pela comunidade. O espiritual estaria em consonância com a matéria. As ações tomadas neste plano, por sua vez, refletem naquele outro.

Conforme foi observado nas entrevistas, no geral, aquele que faz “coisas erradas” pode pagar pelos erros enfrentado uma sina como encantado, por exemplo, o lobisomem, a mula-sem-cabeça, as bruxas, entre outros nos quais uma pessoa se transforma; como uma alma que vaga no espiritual e contacta o plano terrestre, aqui, principalmente, as narrativas de enterro; assombrações as quais estão presas por algum motivo ao terreno; e personagens que não estão vivos, mas também não estão mortos, e vagueiam pela terra, como o corpo seco. Esses casos que permeiam o sobrenatural são narrados como fatos possíveis. Dessa forma, a comunidade narrativa aconselha àqueles que escutam a não duvidarem:

Só o único que me assustou mesmo foi o tal do saci. Esse eu passei um cisma dele, só que eu queria ver se existe mesmo hoje. Eu queria ver se ele aparecia pra mim ver ele assim, mas... Só que eu não abuso não. Que a turma sempre fala que o cara não deve abusar. E não deve abusar porque no dia que eu fiz essa besteira de querer abusar: “Quero ver se eu encontro medo mesmo!” Eu fui tentar fazer isso e caí do cavalo. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Aquele que dúvida do desconhecido recebe a alcunha de “abusador” ou “abusadeira” e caso não respeite as manifestações sobrenaturais, mostrando-se incrédulo, pode passar por situações desagradáveis, como na história contada por Dona Carmem, na qual uma baiana ironiza a existência de assombração:

No outro dia, ela... Tinha um sítio lá, né? Meu tio tinha laranjeira, sempre dava laranja pros outro. E ela foi buscar laranja de tardizinho, foi com o menino dela. O menino dela chamava Zequias. Tal de Zequias. Encheu o sacão de laranja e vinha vindo. Tinha uma bananeira lá assombrada. Até vi assombração lá, nessa bananeira lá. É no sítio de um tio nosso.

Daí vinha vindo, o menino ficou andando mais devargazinho pra trás com o sacão na cabeça. Daí, era abusadeira memo essa baiana, falou: “Anda, Zequia! Cê não tá vendo essa bananeira aqui assombrada.” E virou a cabeça assim. “Anda, menino!” Quando ela desvirou a cabeça assim, ela tomou um tapa aqui na cara, quase derrubou o saco da cabeça. Não viu nada.

Daí ela firmou e andou ligeiro. O menino gritou pra ela andar que ali é assombrado, né? Veio. Mas era, tinha tomado um tapa na cara, mas não viu da onde que saiu aquele tapa na cara dela. (ri). Era muito abusadeira aquela mulher. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

O antropólogo Álvaro Banducci Júnior (1995) estudou representações de mundo e o sobrenatural na vida de peões da Nhecolândia, Pantanal sul-mato-grossense, e percebeu que fenômenos desencadeadores de forças de origem desconhecida, muitas vezes, estão relacionados à descrença na existência de seres sobrenaturais e nos seus poderes: “dúvida equivale ao desafio, é uma espécie de convite à provação que cedo ou tarde é aceito por algum ser encantado que surge junto a uma porteira, beira de mato ou varador para assombrar o sujeito incrédulo” (BANDUCCI JÚNIOR, 1995, p. 155). Algo similar ao percebido nas entrevistas com os narradores, exceto pelo lugar onde ocorre o infortúnio, pois, para esta comunidade, o encontro pode ocorrer em qualquer lugar, mais comum, entretanto, na mata e no período noturno.

Como foi apresentado, os narradores constroem sua imagem atual quando se referem aos sofrimentos passados, vencidos pela persistência e trabalho. Por outro lado, eles

tendem a criar/recriar uma “idade de ouro”, na qual mantinham um controle mais próximo da sua cultura e das relações sociais. Nestas, a violência seria menos acentuada, pois o sentido comunitário e o respeito ao outro estariam mais presentes. Mesmo a religião, para os entrevistados, tornou-se um fator de desunião, ressaltando que a crítica dos narradores é em relação aos integrantes de determinadas religiões que se interpõem à visão de mundo da comunidade narrativa, construída e apreendida por uma tradição. Os preceitos éticos estão intimamente ligados às convicções cristãs, as quais se ligam ao social. A boa conduta terrena reflete no plano espiritual. Desse modo, quebrar determinadas regras e, principalmente, fazer maldade para as pessoas são atos que podem levar a condenações em outros planos de existência.

No contato com os narradores dos três distritos, percebeu-se que as lembranças do passado servem como fio condutor para interpretar, criticar e compreender os acontecimentos do presente. Mesmo porque, em geral, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1999, p. 55). Assim, um fato do passado pode receber no instante em que é atualizado uma valorização maior do que o real valor que tinha na época do acontecido. Os narradores se posicionam perante o mundo de acordo com uma construção histórica, mas são as preocupações do presente que complementam o sentido do relatado.

2.2 TROCA DE EXPERIÊNCIAS

O trabalho, as reuniões familiares e de amigos se mostraram, conforme percebido nas entrevistas, como ocasiões propícias para a atualização e o aprendizado de um tema narrativo. No que se refere ao trabalho, as recolhas apontaram, principalmente, para cinco modalidades profissionais de atividade produtiva, as quais, direta e/ou indiretamente, propiciam trocas culturais, são elas: o formador de café, o agregado, o arrendatário, o dono de pequenos lotes rurais e aquele que mantém vínculo empregatício.

Formar café consistia no plantio de mudas até a maturação da planta. O trabalhador cuidava da limpeza do terreno cafeeiro, combatia as pragas e toda produção, ou parte, e lucro daí resultante era de sua propriedade. Acontecia também de o agricultor plantar outros tipos de alimento para sua subsistência. Ao cargo de quatro anos em média, ele

devolvia as terras ao patrão e partia para outro local, como relata seu Geraldino a respeito de sua experiência de vida:

Era por centena, não! era formador, sabe? Formava café. Quatrocentas pé de café, quatro mil! [...] É assim, a gente formava o café, o que produzia até o café... até passou os quatro ano era da gente e depois entregava pro patrão, né? Então, é. E, assim foi. Aí eu mudei, fui mudando, mudei dezesseis... fiz dezesseis mudança.

Ia pra Maringá, voltava. Ia pra Maringá outra vez. Não tinha parada, que tudo lugar que ia, não tava bom, não é? Ou por uma coisa, ou por outra. Aí foi, voltei lá pra Cornélio, fui nessa Água São Paulo, perto de Cornélio, seis quilômetro. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito Lerroville).

Outro fato é que nem sempre a terra era produtiva, bem como acontecia do proprietário legal mudar as regras para seu proveito, o que trazia dificuldades para o trabalhador e nova migração.

Seu José Pereira, como exemplo comum a outros narradores, conta que veio do Estado de Minas Gerais com vinte e uma pessoas. Encontrou obstáculos no início, mas conseguiu guardar algum dinheiro. Infelizmente, quando já contava com uma considerável soma, foi vítima de um incêndio no local em que residia. Perdeu tudo. Recebeu ajuda de um altruísta, conseguiu se reerguer e deixa clara a importância de perseverar:

Agora teve um cara que tinha, tinha um boteco, então, ele pegou e deu, deu pra nós de tudo. É... alumina, prato, colher, deu de tudo, né? É, até concha e tudo, ele deu pra nós. Que o nosso queimou tudo, né? Daí, então, a gente foi trabalhar de novo, sofremo. Aí já tava sofrendo, queimou tudo que tinha, né? Até o dinheirinho que tinha.

Então, a gente, gente... foi trabalhar, sofrendo. Onde nós tocou essa lavoura de algodão, eu parei de tocar, né? Mas daí foi melhorando. Mudei pra uma fazenda. E essa fazenda foi bom pra mim. Colhi bastante coisa, criava porco, engordava porco, às vez engordava capado que dava lata de banha, dava oito arroba, dava quatro lata de banha. Nós enlatava a carne tudo. Frango, frango tinha bastante, nós quase não comprava mistura. E negócio de arroz, feijão, nós não comprava, porque... nesse tempo nós colheu bastante, né? E foi melhorando, né? (ENTREVISTA: José Pereira Cardoso, distrito de Lerroville).

Seu Geraldino relata um fato muito parecido:

Mas, então, com tudo esse sofrimento que eu tive, chegou a ponto que... essa vez que eu tava contando pra você, nós fizemos novena, eu perdi a minha roça. Perdi tudo!

Eu tinha um casazinho pequenininho. Eu fiquei sem o arroz, que eu plantei. Fiquei sem o feijão, que deu clipe na lua, pretejou tudo. Perdi o milho que cortava assim embaixo e jogava pro gado do patrão. Fiquei sem nada. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

A irmã do narrador é quem o ajudou ao dar dinheiro para a compra de porcos. Essa era uma situação cotidiana entre a maioria dos narradores que não possuía um lote próprio: dificuldades e esperança de uma vida melhor. Como agregado, fazia os trabalhos corriqueiros de uma fazenda, podia criar animais e aves, manter um pequeno lote para plantação particular ou ficar com o excedente de produção. Tudo dependia da relação com o dono da terra. Uma vez quebrado o bom relacionamento, o agricultor rumava para uma nova fortuna.

Como arrendatário – atividade menos comum entre os entrevistados – corria o risco de pegar lotes rurais que não davam resultados satisfatórios de produção ou de enfrentar problemas climáticos no curso do arrendamento. Em geral, a custa de muito trabalho, conseguia se sustentar até a nova empreitada.

O dono de pequenos lotes era o que ficava mais preso a certo local. Destacase, aqui, a forma em voga de limpeza do roçado: o trabalho comunitário conhecido por mutirão, prática comentada por seu Sebastião:

Então, o mutirão é o seguinte: cê juntava uma turma hoje, por exemplo, cê é o vizinho daqui, vamos supor, daqui lá pra rua de cima lá, o posto de gasolina mais ou menos. Ocê morava lá, por exemplo, então cê fala: “Ó!”, juntava uns trinta, quarenta pessoa, falou: “Ó! Vamos fazer um mutirão pra mim fazer uma roçada em tal lugar.” Aí, então, juntava vinte, trinta, quarenta, companheiro e ia pra você aquele dia. E assim ia. Daí no outro dia juntava outro. Quando cê terminava teu serviço, chegava na parte da tarde, cê matava porco e leitoa. E ali cê fazia um baile, amanhecia o dia. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Com pequenas diferenças de um Estado para outro, o mutirão era o momento em que as pessoas se relacionavam. Assim, a cantoria, as brincadeiras e a comilança sempre estavam presentes. O dono do roçado ficava obrigado a trabalhar igual período para cada vizinho participante. Desse modo, todos tinham a roça limpa sem gastar com a contratação de empregados. Essa prática ainda existe, mas em pouquíssimas regiões, pois

muitos dos pequenos lotes foram dando lugar às fazendas. Nestas, aparecem o empregado assalariado, que mantém o serviço geral da fazenda durante o ano, e o empregado temporário, geralmente contratado somente para a época da colheita. As relações também costumam ser cordiais, como relata seu Lázaro Ferreira, que chegou a trabalhar com um grupo considerável:

Eu trabalhava de fiscal, tinha amizade com todo mundo, né? Trabalhava com bastante gente. Quando eu tava num sítio ali, trabalhava com trinta, quarenta pessoa, durante cinco, seis mês. Depois passei na fazenda (incompreensível) de café, uma média de cem pessoa. Tudo na amizade. Bom pra trabalhar. (ENTREVISTA: Lázaro Ferreira dos Santos, distrito de Irerê).

Em meio a tantos trabalhadores, poderia acontecer de alguém extrapolar algumas regras de conduta. Mas, segundo informou Dona Carmem, o responsável chamava a atenção dos empregados, lembrando que ali havia família. Procurava-se evitar confusões.

Independente da forma de trabalho, a troca de experiências socioculturais acontecia diariamente. A mesma Dona Carmem faz um relato, o qual serve de exemplo:

Ia debulhar amendoim de noite pra plantar, né? Então, ia debulhando amendoim e contando caso. Então, eu gostava de lá, o pessoal fazia muita planta, lavoura, essas coisa assim, né? Então, juntava... dez, doze pessoa, criançada tinha. [...]
Escutava. Meu vô contava caso pra nós, mas que era caso de verdade memo. Ele sabia tudo, por causo daquela gente que ia debulhar amendoim de noite. Tinha um véio lá que contava caso também pra danar. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

O formador de café, o agregado e o arrendatário, conforme mudavam de uma região para outra, levavam consigo as práticas culturais, dentre elas, as narrativas orais escutadas e as histórias vividas por eles, além de apreenderem as contadas no novo lugar. Os camaradas do mutirão vivificavam e transmitiam as lendas, os mitos, as anedotas, os causos etc. Assim como os empregados fixos e temporários, estes chegavam a percorrer grandes distâncias, também trocavam experiências entre si. Fatos que se assemelham ao exposto por Walter Benjamin (1996), quando ele traça considerações a respeito da obra de Nikolai Leskov. Benjamin observa que o narrador tradicional busca elementos para a construção de narrativas na experiência pessoal e no diálogo com outras pessoas. Assim, o que é narrado vem do próprio saber adquirido no cotidiano e do relatado por outros. A narrativa pode incorporar-se à experiência dos ouvintes. Esse pensador separa os narradores em dois grupos,

que se mesclariam de forma diversa: aqueles viajantes vindos de outros lugares, os quais trazem novidades para a comunidade, e os que estão ligados a determinado lugar, conhecedores das histórias e das tradições do povo local.

Na comunidade narrativa dos distritos pesquisada, as relações e encontros entre familiares e amigos são outras formas, mais comuns, de propagação cultural, principalmente quando a figura do “mais velho” está presente – fato afirmado pelos narradores quando comentavam a respeito de como haviam aprendido a história ou como as pessoas se reuniam antigamente para narrar. Nessa comunidade, nota-se haver uma aura de respeito, mais ou menos comum, em torno da pessoa idosa, sobretudo dos avôs e avós.

Ecléa Bosi (1999) argumenta que as crianças, entre outros meios de aprendizado, também adquirem conhecimento das pessoas de idade que participaram na sua socialização. Um exemplo pode ser retirado da entrevista com Dona Carmem. Ela relata que seu avô, o qual viveu cento e quatorze anos, lhe ensinava simpatias para descobrir objetos perdidos e contava histórias, muitas das quais continuam gravadas na memória da neta.

Seu José Isidoro, além de informar que aprendeu histórias observando e ouvindo os mais velhos, defende que o saber é adquirido no decorrer do tempo e pela vontade em aprender:

A gente vai vivendo e aprendendo, né? Vivendo vai aprendendo. Quando a gente mais véio, mais aprende. Vai no estudo, pra que a gente vai pro estudo? Pra aprender. Você tendo boa vocação, a Deus querer, e tendo vontade de estudar, você pega o estudo, cê faz dele o que você quer, porque Deus tá ajudando e sua vontade tá pedindo. Agora se não tiver interesse, meu filho, aí... aí a vaca vai pro brejo. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

O velho tem autoridade para ensinar porque já viveu situações que respaldam seu saber. Pelo percebido na entrevista com seu José Isidoro, existem canais legitimados de aprendizagem, mas esses canais não englobam todo o conhecimento. Há aqueles que só a experiência de vida concerne. Esse narrador, ao falar a respeito do aprendizado de suas histórias, faz o seguinte comentário:

Quando eu vejo a história de pessoa véia, que tem gente que: “Ah! Isso é anedota.” Mas é anedota memo, porque muitas coisas... Por que é que a lei crente, tem muitos crente é certo e muitos errado? Porque três quase e meio dos crente, eles só quer saber o que tá na Bíblia. Mas, não é tudo que tá na Bíblia. Deus deixou muita coisinha por fora. Que o sofrimento Dele tá na Bíblia numa parte, mas a outra tá toda fora, né? (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Subtende-se que, além do instrumento reconhecido, há outras formas do saber, as quais são transmitidas de pessoa para pessoa. Entre os responsáveis por essa transmissão, os narradores também destacam a presença paterna e materna:

É aprendi sempre com meu pai, com meus avô, minhas avó, né? Então, a gente sempre acostumado, né? Lá pro lado do sul, o povo antigamente ele gostava de contar muito caso. Meu pai mesmo que tá, mora do outro lado ali, que nem aquele tava trabalhando quando o senhor conversou comigo, né? Ele... ele nasceu em 1913. Então, ele tem muito causo pra contar. Tinha vez que nós ficava até meia-noite, uma hora da manhã, contando causo. Ele conta tanto causo que Deus o livre, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

E, quando foi uma noite que eu ia soltar os cavalos lá, eu falei pra minha mãe: “Zóia! Manda o irmão mais novo junto, que eu tou com muito medo. Eu num, eu num quero ir sozinho hoje”. Ela falou: “Não, não tem perigo não. Quando cê vê alguma diferente se, se benze e faz oração que não tem nada que chega perto”. Daí, eu peguei fé naquela, naquele ensinamento que ela me deu, né? (ENTREVISTA: Francisco Plath, distrito de Lerroville).

Isso não quer dizer que todos os narradores tiveram uma relação paterna e materna próxima, ocorrem casos de discórdias familiares. Entretanto, no geral, muito da experiência de vida dos pais é repassada para os filhos, os quais levam em consideração os conselhos e boa parte das histórias ouvidas.

Saber quem narra é importante para compreender o porquê de certas histórias serem contadas, e consideradas, como verdades e outras como mentiras, pois a recepção do narrado pode ser diferenciada caso o narrador pertença ao círculo familiar, ao círculo de amigos ou seja alguém respeitado dentro da comunidade.

No decorrer da pesquisa de campo, notou-se que o bom narrador é também um bom ouvinte. Algo que foi percebido, principalmente, quando alguns narradores falavam de sua experiência no escutar e observar os reunidos numa roda de contação:

A turma se reunia assim, fazia uma roda assim. Então, uns faziam, antigamente, né? tinha lá no sul, tinha não, até hoje tem algum lugar lá no meio daqueles povo mais antigo que ainda faz. Sempre tem um lugar lá que eles faz um fogo no meio, né? Sentar ao redor ali, muitos gosta de chupar chimarrão, essas coisas, né? Fazer uma pipoca, uma coisa e outra, ali fica contando causo.

E a gente chega ali, que nem eu chegava e gostava de escutar, que eu sou curioso. Até hoje ainda sou meio curioso. Não sei de nada, mas de tudo tento um pouquinho, né? Eu chegava por ali, sentava do lado e ficava escutando, né? Muitos já saía, ia brincar pra lá, pra cá. Eu nunca fui muito dessas coisa de brincar pra lá e pra cá não. Eu gostava de escutar os mais véio, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Ao escrever a respeito do intérprete, Paul Zumthor (1997) afirma não haver nenhuma norma universal regedora de como um intérprete deve ser inserido numa sociedade. Na comunidade pesquisada, a maioria aponta para os idosos quando indagada a respeito de quem conta histórias, como já comentado. Todavia, foram entrevistados narradores os quais não podem ser considerados pessoas idosas e que guardam todas as características de um bom narrador.

Na realidade, não existem narradores com características específicas nessa comunidade. Há os que se destacam pela experiência de vida, o que afirma uma autoridade, e aqueles que nem sempre são lembrados como narradores, mas têm conhecimentos os quais afloram num momento favorável do cotidiano, como neste exemplo, tirado da entrevista com seu Sebastião:

Eu comecei a comentar a história do saci com camarada, porque surgiu a história do menino lá, né? que foi cortar o cabelo. Aí eu falei pra ele, digo: “Vou contar a história do saci pra você que aconteceu com o meu bisavô, é avô de meu pai.” Aí o avô... (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê.)

Como pode ser percebido nesse trecho, uma conjuntura cotidiana propiciou a recordação e atualização da narrativa.

A partir do instante em que uma pessoa ouve histórias, ou vive situações que se transformam em narrativas, ela pode se tornar um intérprete posteriormente. Segundo Zumthor, o “intérprete é o indivíduo de que se percebe, na performance, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista” (1997, p. 225). O ouvinte também faz parte da performance. Além de ouvir e poder provocar mudanças no rumo da narrativa, quando indaga a respeito de algo, ele pode ser o futuro narrador a atualizar a história escutada. O ouvinte tem a possibilidade de recriar a seu modo e conforme sua percepção de mundo o narrado. As

marcas que esta re-criação imprime nele pertencem a sua vida íntima e não se exteriorizam necessária e imediatamente. Mas pode ocorrer que elas se exteriorizem em nova performance: o ouvinte torna-se por seu turno intérprete, e, em sua boca, em seu gesto, o poema se modifica de forma, quem sabe, radical. É assim, em parte, que se enriquecem e se transformam as tradições. (ZUMTHOR, 1997, p. 242).

Esses intérpretes que um dia ouviram, assimilaram e recriaram, ou viveram, histórias ainda se juntam a outras pessoas para narrar? Esse foi um dado levantado, pois sem platéia não existe narrador, uma vez que “o ‘contar histórias’ não é função de uma pessoa. Arma-se uma situação na qual público e narrador comungam de um mesmo mundo, operam códigos comuns, fazem leituras e podem se revezar na imposição da voz” (FERNANDES, 2002, p. 28). Seu José Isidoro relata o seguinte a respeito da participação de crianças:

As criança de hoje não sabe quase nada, homem. E das vez quando nós trata isso aí, cê pensa que criança escuta? Se ocê num.... Se tiver a televisão aberta, pode contar, pode até Deus no céu contar uma história, que ninguém vai atender. Vai atender a televisão. Eles manteve até hoje mais é isso aí. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

A televisão é um atrativo para crianças. Muitas preferem assistir às programações do que ficar escutando histórias. Porém, no relato de seu Sebastião, citado um pouco acima, pode-se notar que nem todas as crianças daquela época se interessavam pelas narrativas, algumas preferiam brincar. Algo digno de comentar é que, no decorrer da pesquisa de campo, alguns narradores foram indicados por adolescentes entre doze e quinze anos. Um fato que demonstra haver crianças ouvindo. Talvez, nenhuma criança tenha mostrado, ainda, interesse em participar do círculo de intérpretes e ouvintes de seu José Isidoro. Já Dona Carmem relata que as crianças gostavam de ouvi-la/vê-la contar histórias:

Meus neto quando tava pequeno, é, a mais nova fazia eu contar história pra eles. Eles gostava. Agora casaram tudo. Têm filho, têm serviço, né? Mas alembra ainda, eles fala: “Eu ainda gostava tanto da vó ir lá em casa contar caso pra nós” (ri). Eu contava pra eles. Os caso que eu sabia eu contava. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

A platéia varia conforme o círculo a que pertence o narrador. Os membros de uma comunidade narrativa nem sempre são fixos, uns crescem, outros se mudam, muitos morrem, como informa seu Pedro Antônio:

De primeiro, cê morava lá embaixo na casa, na esquina lá embaixo, sempre ia entrar pra escutar, contar história. Foi, cabou. Já faz o quê?... vai fazer uns trinta ano já. Aquele povo mais antigo que sempre gostava de escutar história não. Mudou. Outro faleceu e... então... (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

Alteram-se os contextos, os temas, os participantes, e as narrativas orais continuam a ser atualizadas. Um exemplo é o exposto por seu Pedro Luiz, que mostra ainda haver reuniões propícias para atualizações e mostra a importância da platéia nas rodas de contação:

Tem. Mas isso tem que ter tempo. Pra lembrar, né? Isso aí é muito bom, sabe por quê? E numa maloca assim ó, aí tomando uma, cê solta uma, eu alembro de dez. Mas pra lembrar tudo sozinho é... [...]
É! É! Dia aí, cê pega conta uma piada aí: “Putá merda! A piada de fulano foi boa.” Aí começa lembrar também, né? Aí vai muito tempo, contando piada, contando anedota. (ENTREVISTA: Pedro Luiz Barbosa, distrito de Paiquerê).

Como se percebe, na interação, os narradores tentam puxar a atenção para seus repertórios, os quais variam conforme os participantes, uma vez que podem ser atualizados causos, anedotas, lendas, mitos, contos da carocha, histórias de trancoso etc. Os narradores vão encadeando narrativas e o divertimento vai se acentuando:

[...] quando era noite juntava tudo no terreiro ali, sentado ali ó, contando história. Um contava um causo, outro contava outro. Eles juntava tudo, contando história ali. E, uns contavam uma história e depois dava risada, outro contava outra, e ficava até tarde da noite, a lua bem clarinha, contando história. (ENTREVISTA: José Pereira Cardoso, distrito de Lerroville).

Conforme a platéia é envolvida pela história, o narrador pode enfatizar certos pontos da narrativa na intenção de aumentar a atenção dos ouvintes. Ele procura, direta e/ou indiretamente, mostrar um saber a respeito de sua cultura e do que a sua comunidade preza por certo e/ou errado. A interação possibilita a troca de experiências e de visões de mundo entre os participantes. É o momento em que os laços socioculturais podem ser reafirmados.

As migrações, de acordo com os comentários feitos, possibilitam a transmissão de temas narrativos por extensões territoriais às vezes imensas, em que a troca de experiência cultural acontece no cotidiano. Mas, nem toda narrativa é considerada merecedora de ser repassada posteriormente, pois, para o receptor considerar o que está sendo narrado como um mundo possível ou como algo de valor, é necessário que ele se identifique com os elementos culturais presentes na narrativa, os quais têm ligação com sua visão de mundo.

Dessa maneira, há uma tendência de o narrador validar – exercendo uma autoridade – aquelas narrativas nas quais as situações foram vividas por ele mesmo e aquelas que foram narradas por pessoas de sua confiança. O narrador também pode validar as narrativas veiculadas por pessoas respeitadas dentro da comunidade, bem como as narradas por aqueles que têm força de persuasão.

Pode acontecer de o receptor não acreditar em alguns temas narrativos e mesmo assim atualizá-los, porém, no geral, poderá dar a eles um tom de deboche ou hesitará em afirmar como verdadeiras as situações que está narrando. Crer e se identificar com a conjuntura narrada são itens importantes para que o tema narrativo seja atualizado enfaticamente. Cabe ressaltar, no entanto, que, de uma ou de outra maneira, o processo comunicativo cumprirá o seu papel: possibilitar as relações humanas, a troca de percepções do mundo.

2.3 IMPRESSÕES PESSOAIS

Os narradores entrevistados são migrantes de outras regiões do Paraná, do interior mineiro, paulista e do Nordeste. Devido a isso, principalmente, são encontrados vários tipos de narrativas, como as histórias de trancoso, lobisomem, mula-sem-cabeça, caçada, enterros, mãe-de-ouro, Pedro Malazartes, causos, entre outros com maior ou menor incidência. No entanto, cada história recebe um sentido diferente conforme ocorre a interação entre narrador e platéia e segundo as várias circunstâncias presentes num contexto de performance. As narrativas orais são dinâmicas, não ficam estáticas no tempo.

Como estão em processo constante de (re)elaboração, podem adquirir novos sentidos no cotidiano. Quando o texto oral não faz mais sentido para uma comunidade narrativa, cai no limbo até o instante em que possa cumprir novamente sua função social ou seja refuncionalizado, para isto “basta que o público que o receba o viva, integre-o à sua própria consciência” (ZUMTHOR, 2005, p. 85). Dessa forma, o importante não é só descrever as características básicas e comuns das narrativas, mas também lançar o olhar para a sucessão de variações que, amalgamadas a alguns traços, estão sempre em processo de reconstrução, bem como observar os sentidos gerados na interação entre narrador e platéia.

Cada narrador seleciona uma história de acordo com o andamento da performance, narra segundo suas impressões e de acordo com a participação da platéia.

Assim, utilizando o mesmo personagem, o narrador pode tanto narrar histórias cômicas como histórias de aspecto temeroso, como nestas narradas por seu Sebastião:

Aí o avô do meu pai, então, ele trabalhava no mato, né? Mexendo com... plantando lavoura no mato, né? Roçando, fazendo essas coisa, mexia com safra. E ele parava sozinho naquele barraco, né? Então, ele costumava pitar num pito, né? Cachimbo que eles fala, né? Ele sempre acendia o cachimbo na hora de deitar, tirava umas tragada bem tranqüilo e deixava o cachimbo ali naquele lugar, né? Aí, todo dia de manhã cedo, ele ia fumar o cachimbo, o cachimbo só, só com a cinza não tinha mais fumo. Ele falou: “Mas que desgrama! O que que tá acontecendo com isso?” Três dias em seguida acontecendo a mesma coisa.

Aí no segundo, no quarto dia, ele pegou, encheu o cachimbo, pôs um pouco de fumo em cima e a parte de baixo, mais da metade, ele encheu de pólvora. Aí o saci chegou à noite, foi fumar aquele cachimbo dele. Ele não sabia quem que tava fumando, né? Mas era o tal do saci que tinha aí. Que o lugar ali era assombrado, né? Então diz que aparecia o saci. Aí ele pegou, tava dormindo assim bem tranqüilo, deixou o cachimbo lá no lugar, no memo lugar, no devido lugar que ele sempre deixava, né?

Saci chegou umas hora da noite lá, falou: “É, hoje eu vou fumar o cachimbo bem tranqüilo, tá dormindo de novo, né?” E ele pegou largou o cachimbo e foi dormir. Dormiu. Aí quando pensa que não, o saci chegou lá por umas tanta da noite, foi fumar lá o cachimbo. Até quando tinha o fumo foi queimando, mas na hora que chegou na pólvora, virou uma explosão. O saci jogou o cachimbo dele longe.

E daí ele pegou, conforme ele jogou o cachimbo longe, ele falou: “Ah! É você, né?” Ele... o saci tinha ido no fogo assim, que dormia perto de um fogo, dormia no chão, né? Usava aquele pala, que eles usava. No sul, sempre usa muito pala, né? Aí tava coberto com aquele pala, né? Ele pegou jogou brasa. O saci fez malvadeza com ele. Já que ele quis fazer malvadeza com o saci, o saci pegou foi fazer malvadeza com ele também, né? Jogou a brasa em cima do pala dele. Ele sentiu aquele negócio quente no pé, que ele acordou, o saci diz que lá no canto bem tranqüilo, olhando e dando risada. Ele falou: “É você que tá pitando o meu cachimbo, seu macaquinho sem vergonha!” E partiu pra cima dele com um tição de fogo.

Diz que deu tanta tiçãozada de fogo no saci. Mas quem que disse que acertava esse bicho. Não conseguiu acertar uma porretada, porque saci é um bicho esquisito, né? É um bicho do outro mundo. Aí o meu pai conta isso até hoje ainda a história de saci, nós só pra dar risada, né? Mas foi uma história muito boa. Daí diz que ele pelejou, quando o galo cantou a primeira vez, o saci diz que numa explosão desapareceu e sumiu. Nunca mais ele viu saci. Nunca mais ele quis voltar fumar no cachimbo dele também. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê)

Segundo o narrador, essa narrativa tem por intenção divertir. Há outra, no entanto, que serve mais como um alerta, um conselho de como se portar diante do desconhecido:

Agora o tal do saci, o bichinho é atentado. Eu já corri uma vez de um filho da mãe desse. Comecei a abusar muito, então tinha saído no vizinho, esse não faz muito, muito, faz pouco tempo até. Pouco tempo não! Foi em 1964. 64 ou 65, já é bastante tempo já. Mas isso aí, eu já era bem grande já, né? Não era mais pequeno não.

Aí um dia... a gente brincava muito assim com os companheiro, né? Gostava de jogar truco com os vizinho, né? Tinha um vizinho lá, que sempre me falava pra mim, hoje ele já é falecido, ele falou pra mim: “É Tião, cê que é um cara muito corajoso...” digo: “Não. Eu até hoje, graças a Deus, nunca passei medo de nada. Nunca tive medo.” Ele falou: “Então, pra mim ver se você tem medo ou não tem medo, cê vai vim, cê sempre tá aqui jogando truco com nós, cê sai à meia-noite daqui de casa, pra mim ver se você sai mesmo.” Digo: “Não. Abusar eu não vou abusar com ninguém, porque a gente não deve de abusar, né?”

Aí quando deu meia-noite mais ou menos, faltava um pouquinho pra meia-noite, eu saí da casa dele. Despedi e fui embora, né? Aí eu tava passando perto de um lugar meio piramberado, uma grota que eles falam, né? E ali o tal do saci ele diz que começa a fazer uns tipo de assombração e aquele dia eu comecei a ficar com medo. Fiquei com medo, mas peguei e fui embora, do mesmo jeito, não parei não. Aí eu fui embora. Chegando no pasto vizinho, que é uma fazenda vizinha que tem aqui embaixo, ainda tem até hoje esse lugar. Só que hoje não é mais pasto, é plantio de soja e trigo, milho, essas coisa. Aí eu passando ali, vi um negócio, veio e correu em cima de mim. Eu falei: “Ah! Não tem gado aqui nesse pasto. Tá o pasto livre, não tem nada.” Uma lua clarinha, que cê enxergava mesma coisa tivesse enxergando durante o dia.

Aí na minha frente tinha um negocinho preto assim. Tipo de um cachorrinho pequeno. E eu tentando pegar aquele bicho, correndo em cima e não conseguia alcançar. Eu falei, digo: “Hoje começou a me dar medo viu.” Aí eu fiquei começar com medo daquela história ali e parti pra casa.

Então, chegando na divisa daquela fazenda com o sítio que nós morava, que era tudo parente, do lado de baixo, do outro lado lá também era, é irmão dessa muié que é dono dessa fazenda, que tem ali ainda hoje, a fazenda tem ainda. A muié é a mesma dona. Eu só deitei no chão e gritei pra minha mãe, que eu ainda tinha minha mãe, minha mãe faleceu em 92, passado agora. Aí eu gritei ela, falei: “Abre a porta! Que tem um trem querendo me pegar aqui.” Não tinha nada atrás de mim, acho que era o medo que tava fazendo aquilo lá. Então, por causa disso daí pra cá num comecei num, nunca mais quis abusar com ninguém, que não tinha nada que fazia medo. E esse bicho me fez medo. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

O sentido de uma narrativa depende também de como o narrador reinterpreta as histórias vividas ou escutadas por ele. Como exemplo, pode-se comentar sobre dois personagens muito recorrentes em narrativas orais veiculadas nos distritos: o lobisomem e a mula-sem-cabeça. Seu Pedro Antônio narrou o seguinte trecho a respeito do lobisomem:

Então, era da colônia, morava na ponta da colônia, da colônia velha, um senhor lá. Era conhecido, mas é, tudo mundo falava que ele era lobisomem, sabe? Me parecia que a gente reparava muito nele, porque ele tinha assim as mão dele tudo, aqui assim na mão dele era, era cascuda, sabe? E, sempre ele ia numa casa, ia na outra assim.

E, um dia ele, era uma sexta-feira de tarde, né? o pai matou um capado e na beira de casa assim, então, pôs a mesa pra jogar aquelas coiseira do capado na beira da, da grotta assim, né? Aí, o, quando foi de noite aparece um bruta de um cachorrão, preto. Imagina, nunca tinha visto lá na, lugar nenhum da colônia, nem na colônia velha, na colônia nova, nem colônia nenhuma, não insistia aquele cachorro. (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

Em muitas comunidades, os narradores se referem àqueles que não se encaixam ao padrão comum como pessoas propensas a transformarem-se em encantado, por exemplo, aqueles que vivem em locais ermos e não interagem com os membros da comunidade (BANDUCCI JÚNIOR, 1995; FERNANDES, 2002). No relato de seu Pedro Antônio, o possível lobisomem reside na colônia, mas possui a mão cascuda, o que o diferencia dos demais membros do local. Por isso, mesmo sendo conhecido da comunidade, ele é visto como um encantado.

O narrador diz que “tudo mundo falava que ele era lobisomem”. Em seguida, fala: “Me parecia que a gente reparava muito nele”. Demonstra, assim, não ter certeza de que aquele homem era realmente o lobisomem. Segue, entretanto, a opinião da maioria e os indícios de fuga do comum (mão cascuda).

Na seqüência da história, os homens vão atrás do lobisomem com cachorros e armas, perseguindo-o até a casa do tal integrante de mão cascuda. Em várias partes da narrativa, o narrador tenta afirmar que se tratava de um lobisomem, ora falando que não existia um cachorro daquele tamanho na colônia, ora dizendo que os cães não atacavam o bicho porque era muito feio, apesar das pessoas só verem o vulto. Não conseguem pegá-lo. O homem muda-se da colônia, pois “todo mundo descobriu que ele era lobisomem”. Segue o final da história:

Colônia assim, foi até no fim da, da, da colônia de cima, a colônia velha que falava. Aí chegou, tinha um, diz um que morava na colônia, um tal de Geraldo, falou assim: “É, ele parou ali naquele toco.” Falei: “Cabou corrida.” E, já, quando ele chegou lá já viram que foi, saiu ele. Geraldo falou que foi ele que saiu de lá, do tal de toco.

Mas, quando chegou lá atrás do toco, não sabia o que era, não viu, né? E, quando chegou, quando saiu, cabou corrida, eles ficaram olhando, tudo de espingarda na mão também. O pai dele, cunhado, tudo c’as, armado pra, pra matar o lobisomem. Saiu. (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

O narrador pauta-se na informação do personagem Geraldo: foi o homem do qual desconfiavam que saiu de lá. Mas, como o pai dele e o cunhado estavam presentes?

O narrador busca afirmar uma situação que, provavelmente, tenha gerado muitas discussões na comunidade da época. Ele não teria certeza de que o vulto era um lobisomem se não houvesse uma série de conjunturas preexistentes ao acontecido, por exemplo, crença na existência do lobisomem, um homem que todos dizem ser encantado. No momento em que está construindo a narrativa, vai contrapondo essas conjunturas com as lembranças do fato para chegar a uma conclusão, bem como busca legitimar essa versão citando outros membros da família: “meu pai viu, minha mãe viu, que, que... era um vultão preto, bem alto assim, sabe?” (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê). A narrativa de seu Pedro Antônio está assentada na ação e na tentativa de corroborar suas conclusões.

Já seu Sebastião inicia sua narrativa de lobisomem descrevendo, dando nuances da época, da região e dos membros envolvidos no acontecimento:

Meu pai já contou. Lá em Ortigueira, antes de Ortigueira, pra cá lá na, na, rio Preto, pra baixo da Serra, conhece Serra do Cadeado, né? Pra baixo da Serra do Cadeado, descendo vai descendo tudo aquelas piramba ali. Ali nós conhece igual a palma da mão aquilo ali.

Aquilo ali nós trabalhemo nessa estrada de Londrina a Curitiba aí, mas só que antigamente era de Mauá a Curitiba, né? Não existia essa por dentro aqui não, saída pra Apucarana, né? Aí trabalhemo ali, quando eu era moleque. Aquele tempo eu tinha cinco, seis ano, mas lembro ainda. Não esqueço não. Memória é boa.

Então a gente trabalhava ali naquelas fazenda ali, naquela estrada de asfalto. Eu não! Porque a única coisa que eu fazia, só sabia conversar com os outros e encher o saco, né? Mas meu pai, meus irmão, que tá aí de prova, um tá lá em Minas, outro aconteceu de falecer lá pro Mato Grosso. E outro tá em São João do Ivaí, só que esse aí já era mais novo do que eu ainda. Eu também era moleque, esse outro era criança de tudo, num (incompreensível) já não fazia nada.

Mas meus irmão mais véio trabalhava lá, sempre lá, né? Nesse meio. Aí tinha um tal de Taviano Miranda, não sei, esse homem não existe, porque quando eu conheci ele, eu tinha bronquite danada. Eu tinha seis ano aquela época. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Essa forma de descrever, além das referências à boa memória, é um meio de dar veracidade à história. O pai e os irmãos mais velhos também são citados com esse intento. Antes que a ação aconteça, as descrições pormenorizadas continuam:

Aí no fundo da fazenda dele tinha um... saindo pra beira dessa estrada que vai pra Curitiba hoje, tinha um sítio lá, um gramadão assim ó. Fala gramado, o pasto lá é o seguinte: eles cerca a roça e cerca a criação, né? Cerca a roça com cerca e solta a criação de qualquer jeito, mas só que o dele lá era cercado assim uns dois alqueires mais ou menos, cercado com cerca de lasca. Lá eles falava, antigamente eles falava caia, né? Lasca cê sabe o que é lasca, né? Cê enche a cerca tudo assim, cê finca uma madeira de lá outra de cá, igual cê vai fazenda a coluna de um muro, por exemplo. Só que você vai enchendo de lasca, uma de lá, outra de cá. E vai levantando aquilo ali, até fazer mais ou menos a altura que cê quer. Um metro, um metro e meio, dois metro. Aí tinha aquele feixe, né?

Então tinha aquela entrada, igual seria esse portão, por exemplo. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

O narrador interpela o ouvinte, busca sua participação. Constrói o espaço em que ocorre a ação com pequenos detalhes e dá explicações ao interlocutor, que não conhece o processo de construção da cerca, para que ele possa criar uma imagem do local. Essa forma de narrar pode desdobrar-se numa dupla função: a de divertir e, por tabela, a de ensinar coisas práticas. O narrador tinha pouca idade para lembrar de tantos detalhes, por mais boa memória que ele possuía. No entanto, essa história foi recontada por seu pai e seu Sebastião conhece bem a cultura rural, pois há muitos anos trabalha no campo. Assim, mesclam-se, principalmente, os detalhes dados pelo pai, as lembranças do menino de seis anos e a impressão de um homem com certa experiência de vida, impressão que dá forma aos acontecimentos. Segue a parte na qual acontece a ação:

Entrava tudo mundo ali e daí tinha um, fizeram uma reza lá. Agora a reza pra que santo era não sei. Mas fizeram uma reza lá e essa reza, deixaram os animal tudo amarrado no beiral assim, tava todo mundo na reza, né? E lá umas certas hora, meu pai, esse meu pai viu, né?

Eu não vi, porque eu não tava na época, mas meu pai viu e conta logo como se ele tivesse vendo hoje. Tá com noventa e dois anos, mas ele contou muitas vez e várias pessoa tinha contado, que eu escutei, né? O lobisomem andando, na (incompreensível) o cara falou: “Mas lobisomem andando aqui?” A turma falou: “Ó! Cê não tá vendo o lobisomem!?”

Diz que um bicho tão feio, né? Aí meu pai falou: “Vamo juntar esses animal aqui, vamo laçar esse bicho aqui.” E partiu em cima desse lobisomem, viu. E laço, jogava laço pro lado do meu pai, sempre gostava de andar de a cavalo, sempre usava os apetrecho dele tudo, né? Ele foi domador de animal, né? antigamente. Usava os apetrecho tudo, foi tentar laçar esse, esse lobisomem, quem que disse que eles laçava. Quando jogava a laçada, o bicho desviava do outro.

Que lobisomem é o seguinte (corte) Que o lobisomem é o seguinte, eles tavam tentando laçar o lobisomem, né? Que o lobisomem ele é um tipo, ele jogava, tipo de um cachorrão grande. Então, ele é levantada a parte traseira e a frente diz que é mais baixa, né? Agora pra que esse movimento que seria desse jeito, eu não sei, né? Aí diz que rodaram essa coisa inteiro pra tentar

laçar esse lobisomem. Não conseguiram laçar, porque ele cresceu pra umas pirambeira abaixo e caiu pra uns beiral de pedra, que lá no sul tinha uns lugar lá que tinha uns beiral de pedra meio feio, acho que tem ainda até hoje, porque aquilo lá não acaba nunca. Aí desceu pra uns beiral abaixo e começou uma urração meio feio lá. Falou: “Quer saber de uma coisa? Larga esse lobisomem pra lá, vamos continuando a nossa reza.”

Naquilo o lobisomem desceu pra piramba abaixo, ele não conseguiram pegar lobisomem nenhum. Cansaram à toa de tanto correr atrás do lobisomem. No coiso, disse que ele achou uma brecha lá e vazou da cerca pra fora e eles tiveram que largar. Não conseguiram mais, né? Mas é um bicho esquisito. Meu pai diz que tentou ajudar fazer isso, mas não conseguiu. Não conseguiram pegar não. E era bonito se pegasse o bicho, amarrar bem amarrado e deixar amanhecer o dia pra ver que quem que seria esse lobisomem no outro dia, né? Porque diz, que diz que o lobisomem é uma pessoa que vira. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Ocorre uma exaltação à coragem do pai do narrador por não ter medo de enfrentar o lobisomem e às qualidades dele como laçador. O pai de seu Sebastião, pelo que se percebeu na entrevista, tem uma participação positiva e atuante no que concerne à construção cultural do filho. Este, por sua vez, leva em consideração e aceita como verdadeiras as narrativas contadas pelo pai. Assim, informar que seu pai lembra da história como “se tivesse vendo hoje”, citar a idade, também é um meio de corroborar a sua própria fala. Ao final da narrativa, em que há um tom irônico por parte do narrador, um dos traços comuns nas histórias de lobisomem aparece, uma vez que é corriqueiro escutar narrativas nas quais pessoas capturam o lobisomem, amarram-no a um objeto qualquer e voltam no outro dia para ver quem é o encantado. Ao contrário de seu Pedro Antônio, que procura achar um resposta ao acontecido enquanto narra, seu Sebastião narra com veemência, sem dúvidas em relação ao que aconteceu.

Por sua vez, Dona Carmem narra algumas histórias de lobisomem. Entre elas, conta que viu uma vez o lobisomem no portão de sua casa. Chama a atenção no relato a interpretação que a narradora dá para o desaparecimento desse encantado:

Lobisomem, eu vi lobisomem. Aqui memo no portão. Ele anda com a bunda ribatada pra cima, mema coisa de um porcão. É na quaresma que sempre eles andavam, né? E lá no Estado de São Paulo tinha muito. Parece que no Paraná, teve aqui no Paraná também, quando eu morava na casinha ali no fundo da casa do meu filho ali, que eu morei na casinha ali, né? Ele morava ali pr’aqueles lado, o lobisomem.

Um dia eu vi o lobisomem passar aí, não tinha nem muro, não tinha nada, né? Ele passava correndo sempre pra baixo. Agora não sei, eles fizeram muro por aí tudo, agora não tem lugar pra ele andar, né? Mas quando não tinha muro aí, o lobisomem andava por aí tudo. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Banducci Júnior argumenta haver no Pantanal sul-mato-grossense duas divisões territoriais do domínio humano por parte dos peões: os locais “limpos” nos quais o homem tem controle – como as pastagens, plantações etc. – e os locais “sujos” nos quais quem controla é o desconhecido – matas e capões. A possibilidade de se ver envolvido com o sobrenatural é maior no domínio “sujo”.

Em alguns narradores dos distritos de Londrina, essa mesma noção de espaço está presente. Dessa forma, quando havia matas, o encontro com determinados encantados era maior. É o que relata seu José Benedito a respeito do caipora: “Não tem porque agora acabou as mata, acabou tudo. Daí... cê viu que tá tudo aberta, né? O negócio é isso aí. Agora nesses mato virgem, que ninguém entrou dentro, daí tem, ainda existe, né?” (ENTREVISTA: José Benedito Rosa²⁶, distrito de Paiquerê). Assim, nas matas e capões em que o homem não impera, é mais freqüente o encontro com o sobrenatural.

Parece que é mais ou menos nessa linha que segue a conclusão de Dona Carmem, no que se refere à mudança do espaço, pois, se no passado as casas do distrito eram abertas, nos dias atuais estão cercadas por muros, o que impede o livre curso do lobisomem²⁷, daí o seu desaparecimento do distrito. Dona Carmem também repete algumas características comuns desse encantado, assim como seu Pedro Antônio e seu Sebastião. Mas, os sentidos gerados nas três narrativas citadas são diferentes e, possivelmente, caso sejam reatualizadas, poderão ser interpretadas de modo variado por cada ouvinte.

Nas narrativas recolhidas a respeito da mula-sem-cabeça, as variações de sentido também se mostram contundentes:

Não, mula-sem-cabeça existiu. Existiu. Existiu porque aqui memo no, no... aqui memo no Paiquerê memo, todo ano ela passa aí correndo aí na quaresma. Na sexta-feira santa, cê pode ficar aí na rua, que cê vê a pessoa passar correndo aí. Direto. Toda sexta-feira santa. Agora, entrevado disso aí não tem mais, não vê, né? É, o negócio é isso aí. [...]
É a pessoa... muié que, que... é a muié que a comadre do, do, da pessoa, do, do, do homem, né? É comadre entrega aí, entrega pro compadre, onde é que vira isso aí. É. O negócio dele é isso aí. É. (ENTREVISTA: José Benedito Rosa, distrito de Paiquerê).

²⁶ Seu José Benedito Rosa nasceu em Paraguaçu, Estado de Minas Gerais, no ano de 1936. Trabalhador rural aposentado. A entrevista foi concedida no dia 23/04/2005 em Paiquerê.

²⁷ Pelo que foi percebido nas narrativas recolhidas, lobisomens, mulas-sem-cabeça, assombrações, entre outros, transitam tanto na mata quanto nas regiões habitadas por seres humanos. Mas, há os habitantes específicos da mata, os quais somem com o desmatamento, como a caipora, por exemplo.

Aparecimento na quaresma, sinas adquiridas devido a relações conjugais entre compadre e comadre, são características de outros encantados também. Somam-se a estas características a necessidade de um irmão batizar o outro quando há certa quantidade de irmãos, relações entre beatas e padres, enfim, vários traços que ora são apontados como pertencentes a determinado ente, ora a outro. Alguns narradores apenas repetem esses traços. Outros, no entanto, narram a história com minúcias, complementam o narrado com suas próprias impressões, o que deixa esses traços comuns para segundo plano:

Depois tinha uma muié também, tinha, era mula-sem-cabeça a muié, e não sabia. Daí ela... a família que mora lá perto dela tinha um moleque, chegou na quaresma diz que, na semana santa, ela falou: “Oh!...” Acho que foi até comadre da muié. “Deixa fulano pousar comigo. Agora na quaresma eu tenho medo de pousar sozinha. Deixa ele pousar comigo.”

Daí a muié, tinha muita confiança nela, né? Falou: “Se quiser pousar vai.” O moleque foi, né? Chegou de noite, diz que ela tratou bem o menino, o menino tava querendo dormir. “Não. Cê não vai dormir não, nós vai fazer uma viaginha ainda hoje.” Falou pro menino. O menino bobinho, né? Tinha uns sete, oito ano, dez ano, quando muito, né?

Daí diz que deu uma coberta, uma manta, pra ele pôr nas costa. Saíram andar. Primeiro tratou dele, deu janta tudo, tratou bem dele. “Agora nós vamo fazer uma viaginha pra gente fazer.” E daí foram andando, andando, andando, tinha um lugar que lidava com madeira, né? Tinha bosta de cavalo assim. De primeiro... não tinha... caminhão, esses (incompreensível) tudo com cavalo, essas coisas, né? Foi bem longe. Daí diz que tinha um pau grosso assim, meu vô que contava isso aí. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Apesar de a história ter sido contada pelo avô de Dona Carmem, ela fala da inocência do menino e dá detalhes do espaço em que os acontecimentos ocorreram como se conhecesse ambos. Há referências à quaresma e à comadre, porém sem maiores detalhes. O acontecimento em si é mais destacado:

Ela falou assim: “Ó! Cê deita aqui, cobre com esse cobertor...”, levou um cobertor, “... que eu vou até ali, já eu volto pra nós ir embora.” Daí diz que o menino deitou, mas já tava meio com medo, né? Falou: “Será que ela vai deixar eu aqui?” Ele tava com sono, já tarde da noite, né? E não dormiu. De tanto medo, ele perdeu até o sono. Dali um pouco ele escutou aquele barulho: “Tete tete tete tete.” Veio a outra combater com ela. Combater. Depois, deu um rinchão e ele escutou.

Dali um pouquinho já chegou lá, combatendo uma c’a outra. Quando ele leva a mão assim, aquela outra que vem quer chegar lá pra matar aquela pessoa. Combateu, combateu, combateu. Até umas hora. Daí ela não pode, né? Acho que ela tinha mais força que a outra, venceu a outra. Foi embora.

Chamou. Foi lá. Ele fez de conta que tava dormindo. Ele viu tudo, né? Mas fez de conta que tava dormindo.

Tanto medo, ele nem falou nada pra muié. Daí diz que ele chegou lá, ela tratou dele outra vez: “Agora nós vamo dormir.” Nem dormiu. Logo o dia amanheceu, né? Ele foi embora. Chegou lá, falou pra mãe dele: “Ah! Eu não vou mais não. Se ela vim pedir pra deixar ir, fala pra ela que eu não vou. Não conta não que eu vi.” Contou só pra mãe dele que não era pra contar pra ela. Daí quando chegou de noite ela foi lá: “Ah! Ele não quer ir não. Ele tá meio doente. Ele num gostou de ir c’ocê” Não deixou ele ir mais. Ela era mula-sem-cabeça, a muié. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

A onisciência da narradora fica mais clara nesse trecho, pois ela tenta explicar por que uma das mulas-sem-cabeça venceu, destaca o medo que o garoto sentia diante da situação inusitada – bem como a sua esperteza em fingir que estava dormindo – como se estivesse presente, observando. A narradora valoriza a ação e o inusitado de modo a despertar a curiosidade e a atenção do ouvinte. No geral, parece haver um conselho implícito: cuidado com quem você deixa seu filho, pois nunca se sabe realmente quem é a outra pessoa. Obviamente, isso é uma possibilidade, uma vez que cada ouvinte, dentro do contexto, pode ter sua própria interpretação da história. Ao invés de ter um sentido fechado, por exemplo, compadre não pode ter relações sexuais com a comadre, há uma abertura de sentido a ser preenchida pelo receptor. O inusitado pode dar lugar à ironia, como fez seu José Pereira:

A vó minha contava o caso de uma mula-sem-cabeça que ela, ela, quando ela vai virar, a muié quando ela vai virar mula-sem-cabeça, ela tirava a cabeça e saía virada feito uma mula, né? Saía, saía, quando era zero hora, ela vinha e desvirava, né? Agora eles contava.

Diz que uma vez, diz que o marido dela desconfiou, né? Viu a cabeça dela lá na cama, depois, depois e, depois foi lá e virou, virou a cabeça, a cara pra cima. Daí chegou, diz que colocou. Amanheceu, amanheceu com o rosto pra, pra trás. (ri) Amanheceu com o rosto pra trás, né? Daí, inda fazendo as coisa, fazendo coisa na cozinha com o rosto virado pra trás. Isso é o povo que contava isso. Não é eu que tou contando. Eu não vi, né?

Então, quando foi, era na semana santa, na quaresma que virava. Assim, o lobisomem também, tudo é na quaresma. Então, quando foi no outro dia, no outro dia tornou virar, ele foi lá em virou a cara dela pra baixo. Ela chegou e colocou, no outro dia amanheceu certo. Depois ele não quis ela mais, largou dela. “Não vou querer ocê não, cê, cê é mula-sem-cabeça.” “Ah! Por quê?” “Eu vi, cê, cê virou que eu vi sua cara, no outro dia cê amanheceu c’ a cara virado pras costa. Não vou querer ocê mais não. Pode sumir daqui de casa.” Ela sumiu de lá, né? Mas que virava, naquele tempo. Hoje não sei não, nunca vi. (ENTREVISTA: José Pereira Cardoso, distrito de Lerroville).

Seu José Pereira de início afirma que sua avó narrava história de mula-sem-cabeça, depois diz que era o povo que contava. Não assume a crença no ente, porque nunca viu. Mas também não desacredita. Ele reelabora a narrativa deixando perpassar um tom sarcástico, o qual se sobrepõe ao apreensivo usual encontrado nesse tipo de história.

O narrador, de acordo com Frederico Fernandes (2002), ao atualizar uma história, deixa impressas suas marcas, lembranças, vivências pessoais, pois o “relato oral é um misto de lembranças e atualizações, nele se reproduz um fato que é coletivo e também crivado de impressões pessoais” (FERNANDES, 2002, p. 25). Como foi visto, impressões pessoais porque um texto oral nunca é narrado da mesma forma que foi ouvido, pois há uma interpretação da história e memorização dos fatos relevantes que interessam. Posteriormente, em outros contextos de atualização, o narrador recorre à memória, reinterpreta o que ouviu e narra de acordo com a participação da platéia e de suas impressões atuais, que podem ser diferentes dos sentidos gerados quando escutou a narrativa. Mesmo naquelas narrativas cujos fatos foram vividos pelo narrador não se pode afirmar que o acontecido está sendo narrado da maneira como realmente ocorreu. As impressões atuais do narrador, nesse caso, provavelmente, estarão marcadas por outras experiências posteriores a esse acontecido. O tema narrativo vai sendo atualizado continuamente de acordo com os contextos presentes no momento da performance. Paul Zumthor (1997, 2001) chama essa criação contínua, essa instabilidade radical, de *movência*. Sob o termo variantes esse pesquisador agrupa “as diferenças de toda espécie e de toda amplitude por onde se manifesta, na ação performática, a *movência* da obra” (ZUMTHOR, 1997, p. 268).

São as variações de um tema narrativo, seu contexto de atualização, ocorrido na performance, e as impressões deixadas pelo narrador que possibilitam perceber, entre outros, a representação de preceitos morais valorizados pela comunidade narrativa, como nas histórias que serão analisadas no capítulo seguinte.

3 NARRATIVAS DE CORPO SECO E DE ENTERRO: PRECEITOS E EXEMPLOS

“Ó, meu amigo! Eu não posso fazer contrato com ocê aqui. Não posso ficar, porque eu já dei minha palavra lá e não tem cortar ela e voltar com a raça atrás. Porque o cara deu a palavra, ele tem que fazer os negócios. Fica chato depois o cara dar a palavra e roer o trato”.
(Seu Sebastião)

Das histórias referentes a mitos e lendas recolhidas nos distrito de Irerê, Paiquerê e Lerroville, as narrativas de enterro e as referentes ao corpo seco foram as que mais os narradores atualizaram com ênfase no aspecto moral. Transparecem nessas histórias facetas de comportamento, as quais apontam para valores considerados pela comunidade narrativa. Desse modo, objetiva-se neste capítulo mostrar as principais características dessas narrativas e, principalmente, analisar como os preceitos morais são representados pela comunidade narrativa. Verifica-se também, mesmo de forma superficial, se sentimentos de medo e/ou castigo podem desdobrar-se em possíveis empecilhos para que a ética se concretize.

3.1 O CORPO SECO: CRER OU NÃO CRER

Em uma comunidade narrativa, nem sempre há consenso a respeito da existência de certos entes sobrenaturais. Para uns, são coisas inventadas para assustar as pessoas. Para outros, são fatos possíveis e servem como exemplo do que pode acontecer com aqueles que não cumprem normas instituídas. Histórias referentes ao corpo seco são bons exemplos dessas visões de mundo, pois demonstram conseqüências indesejáveis sofridas por aqueles que conduzem a vida pelo viés anti-ético, como se verá a seguir.

Fadado a não encontrar repouso eterno no paraíso, bem como a não encontrar o suplício no inferno, o corpo seco transita entre os viventes. A aparência soturna desse encantado, corriqueiramente, é destacada pelos narradores. Em geral, as características físicas apresentadas são a pele ressequida e grudada aos ossos, os cabelos e unhas compridos, os quais não param de crescer, o que torna necessária, conforme informado por alguns narradores, a presença de uma pessoa para cuidar do encantado, ou seja, cortar os cabelos, as

unhas etc. De acordo com as narrativas orais coletadas, o corpo seco desaparece do caixão para reaparecer no local que escolheu para ficar, geralmente, num capão de mato. Em outros, mais comuns, alguém o leva até o lugar. O espaço físico escolhido fica assombrado, inclusive, segundo aponta seu José Pereira, a presença do corpo seco pode fazer com que o solo não produza alimentos plantados pelo homem. Seguem dois relatos:

Em Maringá memo, então tinha um mato, em 46, em Maringá tinha muito mato. Então, a turma disse que teve gente que foi entrou no mato assim, quando veio, veio aquele negócio se batendo, parece um pé de fava seco, sabe fava, né? “Tchá, tchá, tchá, tchá, tchá.” Quando eles olharam, via aquele, aquele corpo seco, cabelão comprido, c’as unhas deste tamanho, isso eles falaram pra mim que viram, agora eu nunca vi. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerrovile).

Lá mesmo, lá perto de São Jerônimo, tinha um capão de mato, diz que tinha um corpo seco ali, né? É... tinha um capão de mato que tinha um corpo seco, ali. Tinha um que tratava dele, cortava o cabelo, diz que ele... diz que crescia a unha. Eu não vi não, né? Disse que crescia a unha, cortava o cabelo dele. Mas aquele capão de mato, ali perto, tinha... eles plantavam arroz, plantava feijão, não dava nada. Morria tudo. Ali não plantava nada. Plantava, mas não dava nada... diz eles que era o corpo seco que não deixava dar as coisas, né? Mas tinha esse capão de mato lá. Ali era assombrado. Mas eu... eu nunca vi assombração. Mas diz que lá era assombrado, né? Mas gente... daí um dia pegou, roçou... diz que tinha um cara que cuidava dele, tirou ele de lá e roçou o capão de mato, queimou ali, plantava as coisas e não dava nada. (ENTREVISTA: José Pereira Cardoso, distrito de Lerrovile).

Câmara Cascudo dicionariza esse ente como sendo um homem

que passou pela vida semeando malefícios e que sevicou a própria mãe. Ao morrer, nem Deus nem o Diabo o quiseram; a terra o repeliu, enojada de sua carne; e, um dia, mirrado, com a pele engelhada sobre os ossos, da tumba se levantou, vagando e assombrando os viventes na calada da noite. (CASCUDO, 2002, p. 162).

Já Alceu Maynard Araújo (1964) informa que histórias de corpo seco seriam freqüentes nas cidades antigas em que os cemitérios foram mudados de lugar devido à expansão comercial e industrial das áreas urbanas.

Não apareceram referências a sevicias praticadas pelo “amaldiçoado” contra a própria mãe nas recolhas feitas nos distritos londrinenses. Também não há menções a respeito de mudanças de cemitérios. Há, no entanto, uma referência feita por seu Sebastião a

respeito do local de morada do corpo seco como sendo próximo ao cemitério do distrito: “No mato beirando o cemitério daqui do Paiquerê, diz que tem um corpo seco, só que nunca vi!! E também tou falando o que me falaram, nunca fui lá, né?” (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê). Como muitos folcloristas tinham por característica a utilização de uma metodologia que objetivava descrever os principais traços encontrados num conjunto de recolhas de um tema narrativo, desconsiderando suas variantes e os contextos de atualização, não é de estranhar que nos distritos pesquisados alguns desses traços também estejam presentes, mesmo de modo esparso, nas narrativas. Assim, a principal característica constante nas histórias do corpo seco, o fato de ele não ser aceito no céu, nem no inferno, tampouco pela terra, é apontado corriqueiramente pela maioria dos narradores.

Há aqueles que acreditam na possibilidade de existência desse ente e outros que se mostram céticos. Seu Sebastião, diante do insólito, busca interpretar as situações à luz de sua experiência diária:

Têm uns que vira corpo seco, outros diz que viram corpo santo. Eu nunca vi nenhum dos dois e nem quero ver, nem sei como é que é, né!? Que é meio, meio esquisito você ver um... uma caveira aí, só com o couro e o osso aí balangando. Ah! Para com isso!!!

Rancar o cara do cemitério, eu já ranquei, isso aí não tem nada. Ranquei, já enterrei cara. Já cavuquei, já fiz buraco. Já quebrei caixão no chão pra tirar pedaço de defunto pra ponhar outro, ih!... Isso aí não tem nada, mas você olhar uma caveira, aí rapaz, cê tá louco! Uma caveira com osso e o couro e o osso dele, Deus me livre, sô!

Agora cê vê os pé do camarada dentro de uma meia, que a meia no chão não derrete, num podrece, a tal de meia é... não apodrece na terra, né? Dependendo da meia, né? Tem meia de nylon que não, mas meia de pano normal, ela apodrece, igual de algodão que tem hoje, não sobra nada, né? Mas meia de nylon!! Enterrei desse cara chacoalhar assim ver o dedinho do pé, dos... dos dedinho do cara, chacoalhar lá dentro: “Tec, tec, tec, tec...” Mema coisa de amendoim. Isso aí não tem problema, isso aí não acontece, nós fizemos em Tamarana.

Mas, corpo seco eu nunca vi não, mas nesse mato diz que tinha. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Os fatos corriqueiros são mais bem aceitos. Assim, quando uma pessoa morre, há um ciclo conhecido: o corpo é enterrado, decompõe-se, e ficam ossos e matérias indissolúveis depositados na sepultura. Muitos acreditam que o espírito se desliga do corpo e vai para outro plano de existência: para o céu, quando cumpre as regras sociais/religiosas respeitadas pela comunidade; para o inferno, quando essas regras são desrespeitadas.

O corpo seco, no entanto, pelo que se percebe, não se enquadra nesse ciclo. Assim, o incomum, em certos contextos de atualização, pode gerar medo em parte das pessoas que acreditam na lenda, mesmo quando o narrador diz não haver perigo, conforme narra seu Pedro Antônio:

Tinha medo, porque muita gente tem medo dessas coisas, né? É um... é um... tá morto... aquilo ali... morreu a carne, morre o espírito, né? Que a gente tem isso. Não falam: “Não tem alma, não tem...” Tem sim, inzisti²⁸ isso!!! E a gente... se não tivesse a gente não vivia também, né?
Mas nessa época... nesse assunto que eu tô falando. Aí morreu a carne, nem, nem a terra não quis a carne e nem Deus quis o espírito. Fica variando. Fica jogado assim. Só que não tem interesse em fazer mal a ninguém também, né? Porque já fez o que tinha que fazer, né? Já cumpriu (ri)... cumpriu, em vida, né? (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

Já seu Francisco conhece as principais características desse encantado. No entanto, trata as narrativas de corpo seco como uma invenção para assustar outras pessoas, não legitimando essas histórias:

O corpo seco diz, diz que é... diz que quando existia o corpo seco eles levavam no mato assim e deixavam lá, né? Mas é... eu acho que isso é mais é lenda, né? Diz que o corpo seco é quando a pessoa era muito ruim, morria e daí num... secava e num... num desmanchava, né? Ficava, virava num corpo seco. [...]
Aí perto de Marilândia eles falavam, tinha o mato lá eles falavam que tinha o corpo seco, mas acho que era algum que inventava para fazer medo pros outros, né? (ri). Eu nunca vi não. [...]
Os mais velho contava que existia o tal de corpo seco. Diz que... daí ficava crescendo a unha, o cabelo, tudo, não sei... eu acho que era só pra fazer medo pros outros, né? (ENTREVISTA: Francisco Plath, distrito de Lerroville).

Ele não toma como verdadeiros os acontecimentos narrados porque nunca os presenciou. Entretanto, isso não quer dizer que a recepção desse relato se encerra no descrédito dado pelo narrador, pois os outros envolvidos no processo dialógico podem tanto questionar a opinião expressada, narrando outra história como exemplo, quanto interiorizar alguns elementos da narrativa para, posteriormente, atualizá-los em um novo contexto de performance.

²⁸ Existe

Apesar de alguns narradores se mostrarem céticos, outros afirmam que as coisas não acontecem por acaso. As decisões tomadas, os comportamentos dentro da comunidade/sociedade, o desrespeito ao próximo e os atos cotidianos refletem no pós-morte. Se o homem cumpre os preceitos valorizados pela comunidade/sociedade, encontrará o descanso no céu. Caso contrário, padecerá no inferno. Por sua vez, os atos maléficos praticados em vida do transformado em corpo seco mostraram-se tamanhos que ele não é aceito em nenhum dos dois planos espirituais:

Ah! É gente muito ruim! Que só pratica coisa mardosa memo, né? Desde, desde pequeno ele cria naquele estilo, né? Fazendo só ruindade e matando e roubando e fazendo tudo quanto é coisa. No fim ele... nem a terra, nem Deus, nem a terra quer. Aí fica, ponha na sepultura, com o tempo aquilo lá não podrece. Ele sai inteirinho de lá. O couro seco em cima dos osso. Aí eles tira e põe no necrotério pra depois levar pro mato, né? (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

No plano terreno, o solo também rejeita o corpo sepultado. Para parte dos entrevistados, qualquer pessoa não cumpridora das regras de convivência estabelecidas pela comunidade/sociedade pode adquirir essa sina. Como informa seu Pedro Antônio, quem mata, rouba, entre outros, corre o risco de pagar severamente pelo pecado. A mesma opinião tem seu Pedro Luiz:

O corpo seco é um tipo de gente que nem Deus e nem o Demônio num quer. Ele é tão ruim que nem o Demônio num quer. Porque, cê sabe que a terra cria de tudo. Tem o sujeito humilde, trabalhador, sujeito bom, tem o matador, tem o ladrão. Às vezes você trabalha o dia inteiro ganhando o seu pão, à noite o cara vem roba tudo, se abusar, ele te mata. Então, é criado de tudo no mundo. A terra pôs tudo no mundo e ela cria tudo. (ENTREVISTA: Pedro Luiz Barbosa, distrito de Paiquerê).

Outra questão apresentada nesse trecho é o valor dado por esse narrador à terra, vista como genitora do mundo. Frederico Fernandes (2002, p. 40-41) comenta que os narradores pantaneiros podem “representar a terra como se ela possuísse arbítrio e animação”, venerando-a a ponto de, em alguns casos, considerá-la o “umbigo do mundo”. Algo que se aproxima do sentido apresentado no trecho da narrativa recolhida nos distritos. A terra seria uma espécie de grande mãe. *Grosso modo*, pode-se dizer que ela deixa ervas daninhas

conviverem com a boa flora, animais pestíferos compartilhareм o mesmo território de seres nada perigosos etc.

Da mesma forma seria em relação aos homens. Haveria a pessoa boa e a pessoa má. Revela-se um olhar maniqueísta de observar as relações conflituosas do cotidiano, uma separação que é praticamente consensual na comunidade narrativa. Mas, quem considera algo bom ou algo mau é o próprio homem. A natureza não separa a fauna e a flora como sendo desta ou daquela importância. Por sua vez, o homem seleciona os elementos da natureza de acordo com um valor dado. Assim, a erva é daninha porque prejudica o desenvolvimento de lavouras; o animal é pestífero porque põe em risco a saúde da população. Ou seja, há uma valorização de algumas espécies, em detrimento de outras, conforme o interesse do homem. São as diversas culturas humanas que escolhem o que é bom ou o que é mau de acordo com convenções e experiências adquiridas pelo tempo.

Seu Pedro Luiz percebe que existem pessoas de diversas personalidades num mesmo espaço de convívio. Umас seguem as regras de convivência preceituadas. Outras, no entanto, ultrapassam os limites do aceito pela comunidade ao demonstrar caracteres malignos e, de algum modo, acabam sendo castigadas por isso. Essa terra, a qual gera e cria tudo, demonstra valores humanos ao fazer um julgamento ético no instante em que recusa o corpo de quem fomentou discórdias. Há, desse modo, uma representação das convicções da comunidade narrativa espelhadas nas atitudes tomadas pela terra.

Pela análise feita nas coletas, percebe-se que grande parte dos narradores já escutaram histórias a respeito do corpo seco, por isso conhecem as características básicas. Estas, por sua vez, já deixam transparecer elementos de cunho moral. No entanto, são nos sentidos criados pelo narrador que a representação de valores morais fica mais contundente ao demonstrar ligações com o cotidiano da comunidade narrativa, como se verá, por exemplo, na análise de uma atualização.

3.2 UMA ATUALIZAÇÃO MORAL

Como apontado, qualquer pessoa pode se tornar um corpo seco. Todavia, o fazendeiro, personagem muito comum em narrativas orais, aparece com maior frequência como transformado. Em geral, ele se torna corpo seco devido a atos e comportamentos

considerados imorais pela comunidade. Por exemplo, maltratar seus funcionários de modo desumano, como exemplificado na narrativa de seu José Benedito:

Ele era fazendeiro, né? Ele era fazendeiro, mas era muito ruim!! Fazia muita malvadeza pros pobre, né? E daí quando ele morreu virou, virou... que nem Deus quis, nem o Diabo quis. É, o negócio é isto aí. [...]
É, fez muita malvadeza, né? Ele não tinha... ele não tinha religião, né? Ele não tinha religião e fazia malvadeza pros coitado dos fraco, né? Pros colono que trabalhava pra ele, gostava... batia, né? Tudo isso aí. O negócio dele é isso aí. [...] É batia nos coitado, na turma, né? Que os coitado não merecia apanhar, apanhava, né? O negócio é isso aí, né? É tudo essas coisas. (ENTREVISTA: José Benedito Rosa, distrito de Paiquerê).

Se por um lado transparece um choque entre classes, no qual as discrepâncias vêm à tona, por outro mostra que a conduta moral vale para todos os envolvidos na vida social. Seu José Benedito reconhece a necessidade de respeitar o outro, independente da posição social. O fazendeiro não sofre as conseqüências de sua má conduta em vida, provavelmente por exercer poder local. Porém, não escapa do castigo após a morte.

Seu Sebastião contou uma variante de narrativa em que o fazendeiro não aparece como corpo seco, mas como responsável direto pela transformação em encantado de seu próprio filho, o qual seria beneficiário da intercessão solicitada:

Esse corpo seco é o seguinte: Esse foi lá pro lado do sul também. Isso aí o cara fez uma promessa... de saí de, fez uma promessa, que o menino dele tava muito doente, então, esse menino fez uma promessa com ele, pra ele cumprir a promessa ele teria que andar bastante pra ele fazer essa promessa, que essa promessa era pra fazer a pé e a pé seria muito difícil. D'aonde ele morava até acho que na tal de Campina Alta, Campina Alta. Eu não sei se é Campina Alta ou Campinato, meu pai sabe tudo, conhece tudo lá, né? Eu não sei, porque eu já... dessa época eu já era muito criança, né?
Aí, diz que esse menino ficou, fez a promessa certinho, o menino sarou, ficou bom e depois o cara não foi cumprir essa promessa, que ele tinha feito, né? Aí, diz que o menino quando arruinou, arruinou, arruinou... ele não teve médico. O menino acabou falecendo. Faleceu. Aí, ele falou: "Puxa vida!" E devendo a promessa, mema coisa. E esse dito menino pegou, diz que fizeram o enterro dele certinho. Mas, diz que ele saiu do túmulo dele!! Essa promessa nunca foi cumprida!! E virou um corpo seco, né?
E o pai do menino, só que o pai do menino era bom de dinheiro. Aí, o pai do menino falou: "Meu Deus do céu!" E o pai do menino nunca tinha paz, nunca teve paz na vida dele, enquanto ele não cumprisse aquela promessa. Fosse vivo ou morto ele tinha que levar naquele lugar que ele prometeu. E aquele menino virou praticamente o corpo seco. Ele pagava o dinheiro que o camarada quisesse, só que ele não ia!... Pagava o dinheiro que o camarada quisesse pra levar aquele corpo seco. Meu pai falou: "Eu vou carregar um

saco de osso!!?” Diz que era muito esquisito, né? Que é só, só o osso e o couro, lá em cima dos osso, né?

 Aí, diz que o pai do menino diz que dava... não sei quanto pra um camarada lá, até o pai conheceu o cara que era pra levar, o cara pegou, um tal de... um tal de... como é que é caramba!?... Um cara que tinha lá no sul que sempre trabalhou com meu pai junto. “Ó! Pois eu vou levar esse camarada lá, ganhar esse dinheiro.” Ele gostava muito de ganhar dinheiro meio fácil. “Eu vou levar esse camarada.” O cara falou: “Pois, eu te pago pra você pegar e levar, só que você tem que andar de tantas horas até meia-noite. Passou da meia-noite, cê não consegue, cê não pode andar mais, tem que parar, né?” Então, gastava muito pra ir, né?

Mas o duro é que ninguém tinha essa coragem de fazer isso, o camarada falou que ia. Falou: “Eu pago teu, o dinheiro que for necessário pra você levar lá nos pé da santa.” Que era pra ter levado ele. Pois diz que pra ele quebrar aquele encanto dele, que o menino não parava de atentar o velho, né? Porque o pai não cumpriu a promessa, não cumpriu o que era... a promessa que ele tinha feito, né? Aí, disse que o camarada tentou levar, foi a primeira noite, desistiu. A coragem não deu, né? Falou: “Ah! Vou dormir com esse trem aqui nada!!!” Ele diz que tinha que posar na estrada, né? Eu falei, digo: “Eu por dinheiro nenhum eu carrego o corpo seco.” (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Nota-se, assim como em outras narrativas recolhidas, uma ligação entre preceitos sociais e religiosos. Caso a graça fosse alcançada e o menino ficasse bom, a promessa feita seria um ato de fé que exigiria um esforço sobre-humano. O menino sara, mas o pai não cumpre o que prometeu. Como conseqüência, o filho adoece novamente e falece. Mesmo assim, a promessa ainda tem de ser realizada, seja na vida, seja na morte. Desse modo, o garoto paga pela falta de cumprimento da palavra empenhada do pai.

A ênfase recai sobre as atitudes inconseqüentes do pai. O narrador se refere à causa dos problemas repetidas vezes na narrativa, reforça que promessa feita ao santo/santa de devoção precisa ser cumprida sem titubear. Se a pessoa tem condições de realizar o prometido na íntegra, deve fazê-lo, pois a obrigação pessoal não pode ser repassada a terceiros. Pretextos para fugir da situação difícil não devem ser utilizados, caso contrário o ato de fé não tem a mesma validade.

Nessa história, o pai tenta fugir de sua responsabilidade ao dispor de dinheiro para que outro homem realize o feito. Em outra narrativa, atualizada por seu Pedro Luiz, familiares se utilizam de subterfúgios para atenuar o sofrimento que decorreria do ato de fé:

Então, eles tinha uma promessa lá de levar ele em... na Aparecida do Norte, e levaram. Mas levaram de, de condução, quando voltaram ele tava aí de novo. É pra levar ele só de noite, andar só de noite, de dia parar com ele, né? E levar nas costa. (ENTREVISTA: Pedro Luiz Barbosa, distrito de Paiquerê).

Esse preceito, o de cumprir a palavra empenhada, tem validade tanto no campo religioso como no social. Isso se evidencia quando, ao final da narrativa do menino que vira corpo seco, seu Sebastião, ao falar o porquê de seu pai não ter levado o infante para o fazendeiro, afirma: “Mais tarde o cara fazer uma promessa cum camarada e não cumprir a promessa, vai ficar ruim, né?” (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê). Se o pai do narrador combinasse com o fazendeiro de levar o menino até o local designado, teria de cumprir o acordo e enfrentar as expiações sem questionar.

Essa narrativa é atualizada com veemência por seu Sebastião, principalmente, porque esse narrador valoriza muito a palavra empenhada. Algo que fica claro na entrevista feita com ele, pois, num dado momento, seu Sebastião começa a falar a respeito de uma proposta de serviço em outra localidade, proposta que oferecia vantagens além do padrão comum. Entretanto, o narrador já havia combinado verbalmente com outra pessoa, a qual viajara a trabalho para o Japão, a sociedade nos serviços feitos por uma colheitadeira. O entrevistado cuidaria da máquina e dividiria os lucros advindos de empreitadas. Em face da insistência do ofertador, seu Sebastião diz a ele:

“Ó, meu amigo! Eu não posso fazer contrato com ocê aqui. Não posso ficar, porque eu já dei minha palavra lá e não tem cortar ela e voltar com a raça atrás. Porque o cara deu a palavra, ele tem que fazer os negócio. Fica chato depois o cara dar a palavra e roer o trato. Então, comigo não acontece, não vai ter jeito de fazer.” (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Assim, dois pontos podem ser destacados nessa narrativa: primeiro, seu Sebastião considera como algo possível os acontecimentos narrados, mesmo não tendo presenciado os fatos, devido à confiança e à legitimidade depositadas em quem lhe narrou a história, no caso, seu pai; segundo, os acontecimentos narrados têm ligação com as convicções do narrador, o que se desdobrou em identificação e posterior atualização da narrativa.

Em geral, há uma representação dos valores morais dos narradores nas narrativas a respeito do corpo seco. No entanto, essas narrativas não instituem regras, pois elas já estão instituídas socialmente no cotidiano das pessoas. Elas podem desdobrar-se em reflexão a respeito de uma conduta moral valorizada por narrador e platéia desde que os fatos narrados tenham alguma correlação com o cotidiano de quem narra e com o dos ouvintes. Caso não haja essa correlação, as narrativas podem deixar de fazer sentido e cair no esquecimento.

Adolfo Sánchez Vázquez (1987) argumenta que o elemento em essência da moral é a sua qualidade social. Desse modo, ela se manifesta na sociedade, cumpre uma função estabelecida e responde a determinadas necessidades de um grupo. No instante em que um narrador diz que o corpo seco foi uma pessoa ruim, sem caráter, o faz com base nos preceitos morais de sua comunidade/sociedade, pois a “moral, como forma de comportamento humano, possui também um caráter social, pois é característica de um ser que, inclusive no comportamento individual, comporta-se como um ser social” (VÁZQUEZ, 1987, p. 53).

O comportamento moral, segundo Vázquez, diz tanto a indivíduos quanto aos grupos sociais, indivíduos “cujas ações têm um caráter coletivo, mas deliberado, livre e consciente” (VÁZQUEZ, 1987, p. 54). A conduta do indivíduo não diz respeito somente a ele, pois suas ações refletem conseqüências para os outros membros da sociedade, sendo, portanto, sujeito à aprovação ou reprovação desses membros. A moral cumpre uma função social que “consiste na regulamentação das relações entre os homens (entre os indivíduos e entre o indivíduo e a comunidade) para contribuir assim no sentido de manter e garantir uma determinada ordem social” (VÁZQUEZ, 1987, p. 55).

A reflexão moral a respeito do que está sendo narrado pode ser desencadeada no momento em que autor e platéia interagem. Para que isto ocorra, dois fatores são importantes: o senso moral e a consciência moral. Esses fatores, explicados didaticamente por Marilena Chauí (1995), são imprescindíveis para que haja tal reflexão, pois o senso moral é a capacidade de notar e considerar eventos problemáticos por meio de juízos de valor, e a consciência moral é a competência pessoal em deliberar, dar razões válidas e assumir as decisões tomadas relativas a esses eventos. Senso e consciência moral se referem “a valores, sentimentos, intenções, decisões e ações referidos ao bem e ao mal e ao desejo de felicidade. Dizem respeito às relações que mantemos com os outros e, portanto, nascem e existem como parte de nossa vida intersubjetiva” (CHAUÍ, 1995, p. 335).

No caso das narrativas referentes ao corpo seco, o senso moral pode entrar em ação quando narrador e/ou platéia percebem as relações conflitantes do personagem,

julgando de acordo com a sua consciência, com base nos valores de sua comunidade/sociedade, qual é a maneira certa e a errada de se comportar. Subjacente na maioria dessas histórias estaria uma espécie de exemplo do que pode acontecer com aqueles que não consideram os direitos do outro nas relações humanas do cotidiano, seja causando sofrimento ao seu próximo, seja faltando com a palavra dada etc.

3.3 NARRATIVAS DE ENTERRO E SUA ESTRUTURA

A forma como uma pessoa se comporta perante as riquezas, corriqueiramente, é julgada pelos membros de uma comunidade. Caso ela enriqueça de acordo com os preceitos valorizados pelo grupo, pode servir como exemplo a ser imitado. Ao contrário, se enriquece sem observar esses preceitos, deixando-se levar pela ganância e o egoísmo, fatalmente servirá como exemplo de mau comportamento. Entre as narrativas recolhidas nos três distritos pesquisados, as de enterro representam de modo subjacente, às vezes claramente, essa tensão entre comportamentos opostos. Como se mostrará, essa possibilidade se soma a outras que de maneira freqüente são inseridas pelos narradores.

O enterro, pelo que apontaram, praticamente, todos os entrevistados que conhecem esse tipo de história, tem origem num costume de uma época em que não havia bancos: a de esconder dinheiro e objetos valiosos em buracos. Escavava-se um buraco no solo, os valores eram depositados no fundo e plantava-se alguma espécie de árvore para marcar o local. Mesmo com o aumento de agências bancárias, algumas pessoas continuavam cismadas em desenterrar seus valores e entregá-los nas mãos de outrem, como mostra Dona Carmem:

Meu vô contava, que tinha bastante idade. Diz que eles enterrava, depois plantava um pé de planta em cima, né? E depois quando... precisava de tirar. Depois arrumou um banco lá no Estado de São Paulo, Santa Cruz do Rio Pardo, perto, perto tem um rio que chama rio Pardo, né? Formou uma cidade lá, tá até uma cidade grande agora. Um banco. Então, eles rancava dali. Ia ali e ponhava no banco.

Mas tinha gente medroso, que não queria bulir, deixava lá, né? E diz que uma vez a chuva passou lá. Destampou uma panela de barro, de tampa. E acho que o homem até tinha morrido. A chuva foi passando, passando assim, né? A tampa recuou. Conforme a chuva veio forte, a tampa (incompreensível) da panela. Libra estrelina, que era o dinheiro enterrado. Não era dinheiro de papel não! Um dinheiro que valia ouro, né?

E daí diz que tinha um menino que foi brincar na água, achou. Falou: “Ó, meu pai! Achei esse dinheiro lá. Eu andei mais um pouco lá, achei mais.” Daí o homem foi lá ver, achou a panela de ouro. De noite, ele foi lá e tirou. Mudaram de lá, foi embora, levou aquela riqueza tudo com ele. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Se o dono do enterro morresse, o tesouro ficava escondido, porque, em geral, só ele sabia o local exato do buraco. No caso do relato acima, a chuva revela uma panela de barro com dinheiro e muda a sorte de um menino e de seu pai. Também há relatos em que pessoas encontram o tesouro enterrado ao escavarem o solo por algum motivo. Entretanto, não só a morte do dono do tesouro torna desconhecido o lugar em que se encontra o enterro, o esquecimento também é apontado como motivo: “...foi muito dinheiro queimado com esta história de guardar dinheiro em casa e enterrar no chão e não achar o lugar que ele enterrou mais. Perdeu muito dinheiro aqui perto de, da Selva ali, eles tinha um sítio ali.” (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Como muitos ouviram a respeito de tesouro enterrado, um comentário pode desencadear uma procura pelo enterro, como informa seu Geraldino: “Eu vi muita gente. Aqui memo teve uns que andou cavucando ali onde é a vila rural pra procurar dinheiro ali, mas não acharam nada não. Fizeram buraco fundo, não acharam. (ri)” (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville). Há, no entanto, histórias cujos personagens se vêem envolvidos por visitas e acontecimentos sobrenaturais devido a enterros ainda não encontrados e prestes a serem revelados.

Essas histórias de enterro são veiculadas em muitas partes do Brasil, além de outros países. Das diversas pesquisas e comentários sobre elas, considerar-se-á os estudos de Nei Clara de Lima (1999) e Frederico Fernandes (2003a), por terem relação mais próxima com os objetivos propostos nesta dissertação.

Frederico Fernandes (2003a), ao estudar as narrativas de enterro no Pantanal sul-mato-grossense, percebeu que os enterros “se enquadram como expressão de um anseio coletivo, de transmissão de valores, de costumes e de preceitos morais, da capacidade de criação dos indivíduos sobre o relato ouvido” (FERNANDES, 2003a, p. 213). Percebe também haver cinco partes estruturais nesse tipo de história, as quais podem estar presentes em algumas narrativas e em outras não. As cinco partes são: a origem, a anunciação, a marcação, a provação e o desenlace. Elas também aparecem de modo diversificado nas coletas feitas nos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville. Assim, houve uma apropriação desses conceitos de forma a nortear algumas apresentações que se farão a seguir.

Como já comentado, a maioria dos narradores que atualizaram histórias de enterro aponta como origem o ato de esconder valores em buracos. Seu Sebastião foi o único que, além dessa analogia, traçou outra origem ao relacionar a mãe-de-ouro²⁹ como sendo um tipo de tesouro enterrado.

Por sua vez, a enunciação é a parte na qual ocorre a revelação da existência do enterro para um escolhido. Por exemplo, seu Francisco narrou uma história em que um baiano estava sofrendo com atribulações por causa de uma assombração, a qual não o deixava dormir. Devido a isso, estava perdendo o horário de trabalho e rendendo pouco no labor. O gerente da empresa, religioso, mandou o baiano questionar a assombração quando ela o incomodasse. O encontro é narrado do seguinte modo:

Daí o, quando foi à noite, ele falou do jeito que o gerente ensinou pra ele, né? “Zóia, em nome de Deus fala o que cê quer, larga de me atentar!! Eu preciso dormir, eu preciso descansar.” Daí diz que acendeu uma luz, clareou o quarto assim. Diz que ele viu uma voz só que falou assim: “Zá, cê tem coragem, então me acompanhe.”

Ele levantou só de cueca, antigamente usava cueca (ri), levantou só de cueca e acompanhou aquele luzinha. Ele passou uma cerca de quatro fio de arame, não viu passar a cerca, e esse negócio levou ele lá na, no, onde tinha aqueles três pé de bananeira, né? E, falou: “Zói, dessa do meio aqui ó, tem um caldeirão cheio de ouro e prata e eu tou sofrendo por causa disso que eu enterrei, ocê tira pra salvar minha alma?” Daí o baiano falou: “Zá, se for pra tirar eu tiro, se eu não tirar, eu mando outro tirar.” Diz que o negócio falou três vez pra ele e ele falou: “Pode, pode descansar em paz então que eu fico responsável, eu tiro esse negócio daí.” (ENTREVISTA: Francisco Plath, distrito de Lerroville).

Nessa história, o escolhido aceita a incumbência. Todavia, há casos nos quais o escolhido não recebe a voz do além de bom grado, mostrando-se rude e mal educado, como na narrativa contada por seu Pedro Antônio:

A véia dele chamava, como é que chama? Francilina! Aí chamou, chamou ela, de noite, era nove, dez hora da noite, chamou ela. E, ela: “Olha! Tá chamando lá, tá chamando eu, vamo lá ver.” Chegou lá, não encontrou nada!! Quietou. Três noite a fio assim, não encarreado, passado, intervalo, né? de noite. Aí um dia, ele era mais corajudo véio, né? chegou, chamou: “Ô, Zé Eziquié!?” Ele não respondeu, não saiu na porta, olhou, não viu ninguém: “O que cê quer!?” Não falou nada, né? Voltou pra dentro. Naquele dia ele não falou mais nada. No outro dia tornou chamar no dia inteirinho. Ele falou: “Quando eu vou, cê não fala nada. Eu pergunto o que cê quer, cê não fala nada!! Vai explodi lá adiante!!” Daí, nunca mais. (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

²⁹ Para esse narrador, a mãe-de-ouro é uma espécie de facho que cruza o céu e cai no local onde há ouro encantado.

Não encontrando receptividade, a voz do além se anuncia para uma outra pessoa. Esta não titubeia e escuta os detalhes do enterro: “Óia, tal lugar assim assim, lá na fazenda do Chico Pinto, mora um homem lá, tem uma mexeriqueira na porta da casa. Você chega lá é mexe naquela mexeriqueira que tem um, tá cheio de ouro.” (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

Esse trecho já dá indícios do que é a marcação, a qual se subdivide, segundo o observado por Fernandes (2003a), em dois tipos: a espacial e a simbólica. A espacial ocorre quando há a descrição do local em que se encontra o enterro para o escolhido. A marcação simbólica são determinados ritos os quais devem ser feitos para que o tesouro não desapareça. Esta não foi constatada em nenhuma narrativa de enterro coletada nos três distritos. Aparece, no entanto, em outros tipos de narrativas de ouro e diamante: “Uma vez mesmo, o pai tava lá no, numa, numa toca lá e tinha uma pedra bem clarinha assim na areia. Mas diz que pra quebrar o encanto tinha que batizar ou então cortar a mão e ponhar sangue. Ela quebrava o encanto, né?” (ENTREVISTA: José Pereira Cardoso, distrito de Lerroville).

A provação, de certo modo, serve para testar o caráter do escolhido. As qualidades deste podem aparecer como sendo de pessoa corajosa, esperta, receptiva, esforçada, entre outros atributos. Seguem trechos como exemplo:

Daí foi um boiadeiro lá de coragem, né? Falou: “Ah! Eu vou lá.” Ninguém queria morar mais lá. “Eu vou lá tomar conta.” Foi lá. Quando chegou lá, diz que apareceu lá, um negócio espantando ele. Mas ele agüentou. E daí diz que ele falou assim: “Ó! Meia-noite cê tiver com um enxadão aqui, vai pra cavucar pra rancar aqui um ouro enterrado.” Terminou uma panela de barro. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Ele foi cavucando, foi cavucando, aparecia sapo caindo lá dentro, depois aparecia aquele mundo de abelha europa, pra morder ele, trançava, ele não ligava, né? Aparecia cobra, caía lá dentro do buraco, ele tirava com o enxadão.

No fim ele rancou esse enterro deu num tacho de, de... num tacho que tava cheio de ouro e moeda. Que tinha composto de ouro. Mas ele não teve medo. Agora se ficar com medo... (ENTREVISTA: José Pereira Cardoso, distrito de Lerroville).

Mas a distância que ele morava pro percurso que ele fez, só rio abaixo ele andou uns sessenta quilômetros de canoa pra ir lá. Ele nem sabia onde era direito e foi. (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

Se o escolhido enfrentar as etapas e obedecer às ordens do além, provavelmente conseguirá levar o tesouro. As ordens dadas também variam muito, por

exemplo, alguns narradores dizem que a pessoa deve ir sozinha, caso contrário não encontrará nada, outros contam que mais pessoas podem ir. Todavia, na maioria das histórias, só uma pessoa sofre a provação para mostrar se é digna de receber o tesouro enterrado.

O desenlace é a parte em que o escolhido enriquece por seguir as determinações do além ou perde a chance de ficar rico por não ter seguido as ordens. Em geral, os desfechos se apresentaram favoráveis ao eleito:

Daí a árvore caiu e ele foi lá. Diz que tinha coisa que espantava a gente. Assombração, né? Ele não tinha medo não. Enfrentou e tirou. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Está rico, né? Já tava bem de vida, com aquilo ainda melhorou mais. Melhorou!? Tinha uns dois quilos de ouro dentro da panela. (ENTREVISTA: Pedro Antônio de Lourenço, distrito de Irerê).

Daí pegou o gerente geral, esse que era primo da minha mãe e o baiano, foram os três de noite lá e, diz que tava bem rasinho, cavucaram e tiraram. E, o que era gerente geral foi em Curitiba e trocou o dinheiro, trocou a, era dinheiro de ouro e prata daquele antigo, né? Trocou por dinheiro bom e eles repartiram em três.

O baiano foi pra Bahía, diz que ia comprar terra pra lá. E, o primo da minha mãe, depois mudou pra Guarapuava, pôs um supermercado lá. O outro ficou bem de situação. Tiraram o ouro. Essa é a assombração, é a história que eu... conheci até a bananeira que eles cavucaram lá. (ENTREVISTA: Francisco Plath, distrito de Lerroville).

Podem surgir versões distintas do usual, nas quais o escolhido não só perde a oportunidade de enriquecer como corre o risco de sofrer traumas corporais ou psíquicos da aventura. É o que ocorreu em uma narrativa contada por seu Sebastião:

Mas meu avô, que é o pai do meu pai, esse aí disse que já foram uma vez desenterrar o tal do tesouro. Eles falam que é o coisa ruim, ele fala coisa ruim, nem sei que é coisa ruim, que deve, deve ser um bicho lá, né? Diz que atentou o cara, carregou o cara, foi pro meio do mato lá, e o cara ficou até meio balanceado da cuca uns tempo, atrás de tesouro encantado. Que eles fala tesouro encantado. Foi rancar lá e o trem carregou ele pro meio do mato. Mas diz que ele não tinha medo, mas só diz que quando... bem no fim acabou quase ficando louco.

O cara, o bicho levou ele pro meio das quiçaça lá e andou se perdendo lá. Mas de certo não era pra ele, né? Mas o cara abusou, foi, o trem carregou ele, né? Que aquilo lá, o tal de tesouro encantado, o encanto que eles fala, eles fala encanto, né? Tem que ser pra pessoa certa, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Seu Sebastião difere o espaço comum do espaço em que o sobrenatural impera. Para ele, existem lugares “esquisitos”, ou seja, lugares onde acontecimentos sobrenaturais corriqueiramente ocorrem. Nesses locais, não se deve abusar do desconhecido, porque alguma coisa pode visitar o incrédulo, algo já comentado no primeiro capítulo desta dissertação. É o que ocorre nessa narrativa. Um homem tenta desenterrar o tesouro, mas não houve anúncio, pois o tesouro não era para ele. Desse modo, o encontro com o além não foi nada amistoso. A aventura termina em transtornos psíquicos. Interessante comentar que nessa narrativa aparecem situações comuns em histórias de outros personagens míticos, como o caipora e o mãozão, este veiculado no Pantanal sul-mato-grossense.

Esses personagens, geralmente, são tidos como protetores da mata. Assim, quando alguém não respeita e degrada o local de morada desses entes é subjugado pela força, arrastado até o meio da mata, onde fica perdido, leva uma surra, perde a memória, desliga-se do mundo civilizado ao se tornar animalesco etc. Principalmente no Pantanal, essas narrativas conotam a respeito da necessidade de respeitar o meio ambiente³⁰, cuja relação com a cultura local é próxima. Frederico Fernandes (2003a) notou que alguns narradores pantaneiros ligam os enterros com certos mitos, “que passam a ser envolvidos na trama como responsáveis por mostrar o tesouro ou por serem o guardião dele” (FERNANDES, 2003a, p. 214). Todavia, na narrativa de seu Sebastião, o ente responsável pela violência não tem nome, é denominado pelo alcunha genérica “coisa ruim”³¹. Tampouco tem ligação com a proteção da mata, algo notado principalmente devido ao narrador chamar o lugar em que o homem fora levado de “quiçaça”, termo que designa o mato sem valor. A narrativa demonstra, porém, como as características de personagens se mesclam de forma diversa, enriquecendo o ato de narrar na (re)elaboração. Nesta, o narrador imprime suas marcas pessoais e gera novos sentidos.

3.4 POSSÍVEIS PRECEITOS MORAIS

Os contextos culturais de seu Sebastião diferem um pouco, por exemplo, dos pantaneiros. Diz-se um pouco porque eles têm mais similaridades do que diferenças no que tange à visão de mundo. Essas similaridades acontecem em outros contextos de produção

³⁰ A respeito da relação meio ambiente no Pantanal sul-mato-grossense e narrativas orais, consultar Marcelo R. Jardim (2005).

³¹ Muitos narradores utilizam o nome “coisa ruim” como sinônimo do Diabo. Seu Sebastião, no entanto, não utiliza o termo como esse intento. O termo é utilizado de modo genérico.

também, como em Goiás. Clara de Lima (1999), por exemplo, percebeu que as narrativas de enterro têm ligação com os ciclos de exploração de ouro comuns a determinadas regiões goianas. Dessa maneira, nos contextos em que há riqueza, a avareza e a ganância aparecem como modos de comportamento que deflagrariam maldições. Talvez, no contexto londrinense, a ganância tenha sido a roda motriz daqueles que cavoucaram terrenos na vila rural de Lerroville em busca de dinheiro. Como a empreitada foi infrutífera, seu Geraldino deixou escapar um leve sorriso sarcástico. De certa forma, um modo de desaprovar a ambição que toma conta de certos membros da comunidade.

A recriação constante das narrativas vai abrindo novas possibilidades de sentido dentro da estrutura dessas histórias. A narrativa de seu Pedro Antônio, por exemplo, em trecho já citado, refere-se também ao preceito subentendido de receber e ouvir aquilo que os outros têm a dizer. Não deixa de ser um conselho moral: receba bem as pessoas, ou os espíritos, pois elas podem trazer algo de bom.

A voz do além, nessa narrativa atualizada por seu Pedro Antônio, não recebe características positivas ou negativas. Estas se apresentam nos dois outros personagens, os quais se antagonizam. Enquanto o personagem Zé Eziquié é apresentado como uma pessoa nada cordial, o outro demonstra cordialidade:

Aí passou, tinha um tal de, até era safrista³² ele, sabe? Lidar com porcada, chamava Sebastião. Foi na casa do homem, chegou: “Ô, Sebastião!” Ele saiu. “Que que é?” Ele falou: “Tem um serviço pro cê fazer.” Mas ele não viu ninguém, né!? “Vai, conta o que que é o serviço, eu vou fazer.” É. A voz só, ele não via ninguém não.

Mas a distância que ele morava pro percurso que ele fez, só rio abaixo ele andou uns sessenta quilômetros de canoa pra ir lá. Ele nem sabia onde era direito e foi. Aí o homem falou assim: “Óia, tal lugar assim assim, lá na fazenda do Chico Pinto, mora um homem lá, tem uma mexeriqueira na porta da casa. Você chega lá e mexe naquela mexeriqueira que tem um, tá cheio de ouro.” Aí, mais depressa.

Naquele dia não dormiu mais não. Falou pra mulher dele: “Mas olha! Faz um balaio de carne de frango aí...” (ri) “...e põe na vasia que eu vou viajar.” “Cê tá louco fulano?!” Aí: “Mas, eu tou falando que vou viajar e vou demorar muitos dias pra voltar.” Aí foi. Ela matou umas três galinha, pônhou dentro da lata com farinha e café e já pegou a canoa e socou rio abaixo. Que lá era rio abaixo, né? Aí ele ia no percurso que ele ia, tal do Rio das Cinzas, ouviu falar? É um riozão, igual... é menor um pouco que o Tibagi, pra cá de Santo Antônio da Platina. Foi. Dali uns oito dia ele voltou, voltou rico. Chegou lá, falou pra ela: “Vamo largar tudo aqui, vamo sumir daqui.” (ri) Puro ouro que tinha lá. (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

³² Aqui se refere ao trabalhador rural dono da própria produção.

O personagem Sebastião termina sendo agraciado com a riqueza devido à sua capacidade de ouvir o que os outros têm a dizer. Por outro lado, trata-se também de confiar na palavra alheia. São preceitos importantes no cotidiano dos narradores, uma vez que ouvir e confiar nos integrantes da comunidade são fundamentais para a boa relação social.

Zé Eziquié, por sua vez, encontra uma panela vazia : “Aí quando foi no outro dia cedo, o homem, o véio, tal do Zé Eziquié, levantou: ‘Muié do céu, olha lá a mexiriqueira o que fizeram!?’ Foi lá, só tava a panela velha, ouro memo não tinha nada.” (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê). Caso se considere que seu Pedro Antônio possa atualizar essa história de um modo parecido para outros participantes de seu círculo social e estes percebam a relação antagonica dos dois personagens, poderá haver risos em virtude da situação cômica apresentada no final da história. O personagem Sebastião enriquece devido ao seu caráter. Já o Zé Eziquié ganha ares de “bobo da corte” por ter perdido a chance de ficar rico. Ao explicar quem contou a história, seu Pedro Antônio emite outras opiniões de ordem ética:

Os filho dele contou pra nós depois. É uns molecão meio igual nós memo, tinha amizade, né? Aí contou que: “O pai achou um ouro lá, nós vendeu lá e sumimo.” “Mas onde cês mora?” Não contou também não. Já era ordem memo do véio, porque tanta... num fala nada. Falar num podia falar memo, era ordem severa (ri). Hoje não. Não fala nada, saí ali: “Ô, não é pra falar nada” “Vou falar” (ri) [...] Tinha que obedecer. Obedecia memo, pai e mãe falava, tava falado. Era o regime que nós foi criado naquela época. (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

Nesse trecho, há uma comparação do presente com o passado. Antes, as ordens de um pai, ou mãe, eram cumpridas à risca, ao contrário do que aconteceria nos dias atuais. Novamente, considerando a possibilidade de seu Pedro Antônio atualizar esse trecho de modo mais ou menos parecido para outros membros da comunidade em idade adulta, pode ocorrer uma discussão a respeito dessa mudança de comportamento dos filhos dos dias de hoje. Ou seja, essa atualização tornou possível entrever outras tensões cotidianas enfrentadas pelo narrador.

Pode ocorrer de o escolhido ser antagonico àquele que anuncia. Nesses casos, o primeiro aparece com qualidades valorizadas pela comunidade narrativa, enquanto o segundo apresenta, às vezes subjacente, caracteres desaprovados. Numa narrativa contada por Dona Carmem, ocorre esse antagonismo e uma abertura de interpretação:

E tinha outro que a árvore caía de noite. Ninguém queria morar na casa. Uma casa perto. Chegava umas hora da noite, aquela árvore caía. O lugar lá eu conhecia esse lugar lá. E, nós, quando eu conheci, eles já tinha tirado o negócio lá. E o boiadeiro que tomava conta lá.

Tinha um tal de Cunha Bueno também lá, ele era muito, como é que fala, aquela gente que faz as coisa pros outro assim? Capanga. Ele pnhava capanga e pegava terra dos outro, né? E tinha uma cruz assim que ia pra Santa Cruz do Rio Pardo, bastante cruz pro caminho. Gente que esse homem mandava matar. Ele era muito sem vergonha, ricão memo. Tinha uns capanga que mandava fazer as coisa, né?

Daí tinha essa árvore lá. Era um figueira. Uma figueira muito grande. Chegava umas hora da noite, a figueira caía. Escutava barulho de cair. Mas ninguém tinha coragem de ir lá. Ela... via, caía e depois levantava de novo. Daí foi um boiadeiro lá de coragem, né? Falou: “Ah! Eu vou lá.” Ninguém queria morar mais lá. “Eu vou lá tomar conta.” Foi lá.

Quando chegou lá, diz que apareceu lá, um negócio espantando ele. Mas ele agüentou. E daí diz que ele falou assim: “Ó! Meia-noite cê tiver com um enxidão aqui, vai pra cavucar pra rancar aqui um ouro enterrado.” Terminou uma panela de barro. Diz que na panela de barro que enterrava, né? “Cê pode tirar, pra me poder salvar. Tou sofrendo por causa disso aí.” E o homem foi lá. Não sei que demorou uns dia para aparecer. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

O lugar é marcado por acontecimentos estranhos à ordem natural das coisas: uma árvore cai num horário da noite e ressurge intacta no outro dia. Esses acontecimentos geram receios nas pessoas. No entanto, há um boiadeiro corajoso que enfrenta a ocorrência sobrenatural e se torna o escolhido para retirar o ouro enterrado. Até aqui nada de muito diferente das outras narrativas de enterro. Entretanto, quando Dona Carmem está iniciando a narrativa, aparece um tal de Cunha Bueno, homem, segundo a narradora, que roubava terras e mandava matar os proprietários legítimos. As mortes eram tantas que cruzeiros estavam espalhadas pelo caminho. A narradora emite um juízo de valor: trata-se de homem sem vergonha, isto é, sem moral, rico e ganancioso. Esse personagem não aparece de forma clara no restante da narrativa. Seria só uma lembrança suscitada ao acaso devido ao contexto apresentado na narrativa? Ou, esse personagem é o mesmo que se apresentou em forma de assombração para o boiadeiro, informando o local em que se encontrava o ouro enterrado?

As duas situações são possíveis. Ao narrar, Dona Carmem pode ter correlacionado os acontecimentos estranhos às maldades praticadas pelo homem rico. A matança desenfreada, como já comentado sobre alguns relatos de seu Sebastião, pode gerar lugares assombrados. Caso se considere que o homem rico e a assombração são os mesmos personagens, pode-se interpretar que o sofrimento da alma advém do apego às coisas terrenas. Desse modo, a assombração conseguiria redimir-se dos pecados ao entregar os tesouros

conquistados em vida para alguém de índole oposta a dela. A alma encontraria libertação e descanso. O crescimento espiritual se torna possível após a voz do além demonstrar desapego às coisas terrenas. Em contrapartida, o crescimento econômico do escolhido seria uma consequência de seu caráter. Além de coragem, ele demonstrou compaixão pelo sofrimento alheio.

De uma ou de outra forma, o ouvinte dificilmente ficará sem traçar um juízo de valor a respeito do que foi narrado. Se considerar a história de Dona Carmem, por exemplo, poderá atualizá-la de acordo com suas impressões, omitindo a informação a respeito do homem rico ou aumentando a sua participação na narrativa.

O sofrimento gerado pelo apego às coisas terrenas, aparece também na história narrada por seu Francisco:

Ele passou uma cerca de quatro fio de arame, não viu passar a cerca, e esse negócio levou ele lá na, no, onde tinha aqueles três pé de bananeira, né? E, falou: “Zói, dessa do meio aqui ó, tem um caldeirão cheio de ouro e prata e eu tou sofrendo por causa disso que eu enterrei, ocê tira pra salvar minha alma?”

Daí o baiano falou: “Zá, se for pra tirar eu tiro, se eu não tirar, eu mando outro tirar.” Diz que o negócio falou três vez pra ele e ele falou: “Pode, pode descansar em paz então que eu fico responsável, eu tiro esse negócio daí.”

Daí a luz apagou e ele não conseguia voltar pra, pro lugar que ele dormia, né? Só quando começou a clarear o dia que ele conseguiu. Ele não soube como é que ele passou aquele cerca, nem nada, tudo. Aí só depois que clareou o dia, que ele conseguiu voltar. Daí, já no outro dia, o gerente tava curioso pra saber, né? Já perguntou pra ele: “Daí, falou com a assombração?” “Já falei. Lá naquela bananeira tem um caldeirão de ouro que tava enterrado e eu quero que cê vai lá junto.”

Daí pegou o gerente geral, esse que era primo da minha mãe e o baiano, foram os três de noite lá e, diz que tava bem rasiado, cavucaram e tiraram. E, o que era gerente geral foi em Curitiba e trocou o dinheiro, trocou a, era dinheiro de ouro e prata daquele antigo, né? Trocou por dinheiro bom e eles repartiram em três. O baiano foi pra Bahía, diz que ia comprar terra pra lá. E, o primo da minha mãe, depois mudou pra Guarapuava, pôs um supermercado lá. O outro ficou bem de situação. Tiraram o ouro. Essa é a assombração, é a história que eu... conheci até a bananeira que eles cavucaram lá. (ENTREVISTA: Francisco Plath, distrito de Lerroville).

Além da coragem para enfrentar o desconhecido, o baiano demonstrou altruísmo e desapego às riquezas, pois – mesmo sabendo que no local havia ouro – diz que se não pudesse tirar o enterro, pediria a outro para fazê-lo. Mostra que não é uma pessoa mesquinha ao dividir o segredo e o tesouro com mais dois companheiros, os quais o ajudam.

Nessas duas histórias a respeito de enterro, quando se focam as circunstâncias em que o escolhido recebe as informações e retira o enterro, percebe-se que a ausência de ambição desmedida, somada a outros caracteres, gera a possibilidade de enriquecimento sem culpa. O enriquecimento por si só não seria um mal. O mal seria como a pessoa se comporta diante das riquezas. Caso se considere que numa sociedade/comunidade muitos passam privações devido à falta de dinheiro, aquele que guarda para si, não pensando nos outros, provavelmente será taxado de avarento. De acordo com Vázquez, a moral muda historicamente, podendo apresentar diversas facetas conforme os contextos sociais, mas

a função social da moral em seu conjunto ou de uma norma particular é a mesma: regular as ações dos indivíduos nas suas relações mútuas, ou as do indivíduo com a comunidade, visando preservar a sociedade no seu conjunto ou, no seio dela, a integridade de um grupo social. (VÁZQUEZ, 1987, p. 55).

Nesse sentido, ele complementa, “contribuir para que os atos dos indivíduos ou de um grupo social desenvolvam-se de maneira vantajosa” (VÁZQUEZ, 1987, p. 55) para parte de uma sociedade, ou para seu todo, é uma função social bem definida que a moral cumpre.

Como mostrado no primeiro capítulo, os narradores valorizam muito o trabalho e as boas relações cotidianas. Desse modo, o egoísmo, que pode estar representado nas narrativas de enterro, surgiria como forma de dissipar essas boas relações no instante em que uma pessoa valoriza e se apega excessivamente ao ganho material, prejudicando, ou desconsiderando, o seu próximo. A comunidade narrativa anseia que todo aquele de condição financeira boa auxilie os que não estão em boas condições no momento apropriado. Alguns narradores, por exemplo, nas entrevistas, relataram a respeito de ajuda financeira dada e recebida quando houve um acontecimento inesperado. Essa seria uma forma de demonstrar, quando necessário, desapego aos bens materiais e consideração ao outro. Quando o integrante da comunidade não segue esses preceitos morais, de acordo com o apresentado nas narrativas em que a alma sofre pelo apego, poderá sofrer no além até o instante de purgação dos pecados.

3.5 CASTIGO E MEDO

A idéia de castigo e/ou medo pode se fazer presente nas narrativas a respeito do corpo seco e nas de enterro. No cotidiano, as sensações de medo e de castigo são problemas para que haja uma conduta ética, pois não há uma vontade livre e consciente de agir como tal, e sim uma coação externa. O sujeito age de acordo com uma moral por sentir medo de um sofrimento presentificado e não por concordar com os preceitos da sociedade. Para a conduta ética, o sujeito moral deve agir conscientemente, ter controle para decidir qual a melhor forma de agir e “ser livre, isto é, ser capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos, atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constriam a sentir, a querer e a fazer alguma coisa” (CHAUÍ, 1995, p. 338). Quando há a presença de medo imediato, o sujeito pode perder o controle de suas decisões, pois entra em jogo o instinto de preservação. Assim, para impedir um dano, que não depende de sua vontade consciente, ele age de acordo com a postulação de uma norma. Mas será que na interação entre narradores e platéia há a sensação de medo dos castigos apresentados nas narrativas? Ou as narrativas referentes ao corpo seco e aos enterros exemplificam um modo de comportamento e afirmam valores?

Com referência ao medo, ele é inerente “à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte” (DELUMEAU, 1989, p. 19). Individualmente, o medo “é uma emoção-choque, freqüentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação” (DELUMEAU, 1989, p. 23). Pode ganhar

um sentido menos rigoroso e mais amplo do que nas experiências individuais, e esse singular coletivo recobre uma gama de emoções que vai do temor e da apreensão aos mais vivos terrores. O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária). (DELUMEAU, 1989, p. 24).

Deve-se diferenciar, no entanto, medo de angústia. Segundo Delumeau, a melancolia, a inquietação e a ansiedade estão ligadas à angústia. Esta refere-se ao desconhecido. Dizem mais respeito ao medo o temor, o espanto, o pavor e o terror. O medo refere-se ao conhecido. Tem “um objeto determinado ao qual se pode fazer frente. A angústia

não o tem e é vivida como uma espera dolorosa diante de um perigo, tanto mais temível quanto menos claramente identificado: é um sentimento global de insegurança” (DELUMEAU, 1989, p. 25). Visto que a imaginação tem “um papel importante na angústia, esta tem sua causa mais no indivíduo do que na realidade que o cerca e sua duração não está, como a do medo, limitada ao desaparecimento das ameaças” (DELUMEAU, 1989, p. 25). Todavia, argumenta Delumeau, não se pode desconsiderar os laços mantidos entre medo e angústia nos comportamentos humanos. Medos

repetidos podem criar uma inadaptação profunda em um sujeito e conduzi-lo a um estado de inquietação profunda gerador de crises de angústia. Reciprocamente, um temperamento ansioso corre o risco de estar mais sujeito aos medos do que um outro. (DELUMEAU, 1989, p. 25).

Esse historiador afirma ainda que “o homem dispõe de uma experiência tão rica e de uma memória tão grande que sem dúvida só raramente experimenta medos que não estejam em algum grau penetrados de angústia” (DELUMEAU, 1989, p. 25-26).

Por sua vez, a idéia de castigo está ligada diretamente à religiosidade inerente ao grupo pesquisado. No primeiro capítulo, mostrou-se que a comunidade narrativa tem uma ligação muito próxima com essa religiosidade, de forma que, muitas vezes, o social e o religioso se misturam e se complementam.

Na concepção do catolicismo, existe vida após a morte para aqueles que se portam de acordo com determinados dogmas e demonstram fé. Para grande parte dos praticantes, as relações pessoais e as atitudes tomadas em vida podem condenar o homem à danação no inferno ou levá-lo ao desfrute do paraíso. *Grosso modo*, pode-se dizer que existem formas de conduta pessoal e coletiva as quais visam à boa relação com o próximo e com a comunidade. Seguir esses preceitos de comportamento gera crescimento espiritual. Assim, agir de certa maneira nas relações sociais é tão importante quanto os atos de fé. Parte-se da premissa também de que o mal circunda e convive com os membros da comunidade.

Se a religião reconhece uma “salvação dos males desse mundo, significa que reconhece a existência real desses males, isto é, a existência de uma limitação ao pleno desenvolvimento do homem” (VÁZQUEZ, 1987, p. 73). Se ela promete um desenvolvimento na outra vida, “significa que, também nesta forma, a religião não se resigna com os males deste mundo e lhes dá uma solução, ainda que num mundo ultraterreno, colocado além do mundo real” (VÁZQUEZ, 1987, p. 74).

De acordo com Vázquez, a religião pode se tornar uma forma de se resignar perante as dificuldades apresentadas no mundo terreno, ou ainda, servir aos interesses de uma classe. Entretanto, também pode ser uma forma de aumentar a solidariedade entre os fiéis e ser instrumento de luta contra as desigualdades.

Sem entrar em detalhes a respeito das tensões históricas entre moral, interesses e religião, o fato é que a moral não se origina na religião, pois ela nasce da convenção entre um grupo organizado, religioso ou não. Mas, em muitos grupos ligados a religiões, a vida ética diz tanto ao campo do sagrado quanto ao da relação social. Dessa maneira, considerar os preceitos da sociedade/comunidade torna-se fator importante para a recompensa no outro mundo, mundo no qual só conviverão aqueles que se portam de modo condizente aos preceitos valorizados pela comunidade. Assim, não os considerar poderia acarretar condenações e castigos, os quais podem ser eternos. O paraíso seria um espaço de bom convívio para aqueles que não viveram em discórdia.

O corpo seco, como foi visto, é castigado devido a sua conduta terrena. Não sendo aceito nos principais planos do espírito, céu e inferno, é condenado a vagar pela terra. No caso, dupla condenação, pois a terra rejeita a matéria corporal. Coincidência ou não, o corpo é seco devido à sua aparência ressequida, mas também devido à sua falta de altruísmo e caráter, pois em vida não demonstrou atitudes e sentimentos comuns aos outros integrantes da comunidade. Como não demonstra caráter cristão, é condenado a vagar num espaço que se aproxima do limbo, isto é, o lugar reservado aos pagãos, às crianças mortas antes de serem batizadas, entre outros motivos.

Todavia, há uma diferença: o limbo é um local de indecisão e esquecimento em que o espírito dificilmente mantém contato com os vivos. O que não ocorre com o corpo seco, pois este ocupa um espaço com os vivos. Dessa maneira, de certa forma, a presença desse ente serve de exemplo para lembrar aos vivos o que pode acontecer com os transgressores dos preceitos morais/religiosos. Sendo dessa forma que os narradores, em geral, veiculam as narrativas do corpo seco, como uma narrativa de exemplo permeada de explicações. Obviamente, as situações insólitas apresentadas nas narrativas podem gerar algum tipo de medo. No entanto, o medo maior é o de encontrar um corpo seco e não de se transformar nele.

Nas histórias, percebem-se mensagens incisivas: cumpra determinadas regras, aja de tal forma, que a vida e a morte lhe serão boas. O preceito moral pode ser percebido por aqueles que comungam da mesma visão de mundo, porque reconhecem os valores da comunidade presentes na narrativa. Ocorre disto, muito mais, uma afirmação dos

laços éticos que os unem e subjacente está um conselho àqueles não cumpridores dos preceitos morais em voga. Dessa maneira, as narrativas a respeito do corpo seco são contadas mais como uma forma de alertar do que gerar medo. Cabe ressaltar, no entanto, que nada impede de algum integrante da platéia dar mais ênfase ao medo do que aos aspectos morais quando atualiza uma narrativa. Como comentado, as narrativas são constantemente (re)elaboradas e podem receber novos sentidos no instante da performance.

Por sua vez, algumas narrativas de enterro se referem a uma alma que sofre devido ao apego a tesouros guardados em vida. Nestas, parece que a idéia de castigo e sofrimento liga-se ao conceito religioso de que muitas almas com pecados veniais podem passar pelo purgatório antes de adentrarem o paraíso. De acordo com Jacques Le Goff, o purgatório “constituiu-se, como espaço e como tempo, entre o século III e o fim do século XII” (1994, p. 109). Segundo esse historiador, o purgatório seria “o resultado da evolução da crença cristã – surgida muito cedo – na possibilidade de remissão de certos pecados em certas condições, depois da morte” (GOFF, 1994, p. 109). Sua existência “baseia-se também na concepção de julgamento dos mortos” (GOFF, 1993, p. 19) e está ligada à “idéia de responsabilidade individual, de livre arbítrio do homem, culpado por natureza por causa do pecado original, mas julgado segundo os pecados cometidos sob sua responsabilidade” (GOFF, 1993, p. 19). As almas teriam necessidades de auxílio no purgatório. O auxílio viria sobretudo de parentes, amigos, da comunidade, os quais realizariam sufrágios.

Ainda segundo Le Goff (1993), o purgatório foi importante para o espectro, pois se por um lado era sua prisão, por outro lhe era dada permissão para aparições breves aos vivos que não haviam zelado suficientemente para o seu benefício.

Jean Delumeau (1989), por sua vez, informa que em grande parte da Europa católica acreditava-se “nas aparições das almas do purgatório que vinham pedir aos vivos orações, coletas de donativos, reparação de erros cometidos por elas ou a realização de votos não cumpridos” (DELUMEAU, 1989, p. 96).

No contexto brasileiro, Roberto DaMatta (1997) sustenta a tese de que a sociedade brasileira é uma sociedade relacional, não só com os vivos, mas também com os mortos. De acordo com esse antropólogo, no Brasil, as relações teriam importância maior do que os próprios indivíduos nelas envolvidos, relações que ultrapassariam as barreiras da morte.

Viver-se-ia num mundo em que os vivos teriam vínculos permanentes com os mortos “e as almas voltam sistematicamente para pedir e ajudar, para dar lições de

humildade cristã aos vivos, mostrando sua assustadora realidade” (DaMATTA, 1997, p. 146). Os espíritos retornam para mostrar que a vida continua depois da morte, e

os fantasmas aparecem para revelar que nossa vida material é relativa e que há outra realidade permanente por trás de tudo o que julgamos saber. Aqui os espectros estão também presos a promessas, bens materiais e emoções que só podem ser liberadas depois de serem devidamente descobertas e receberem as orações apropriadas. (DaMATTA, 1997, p. 146).

A intenção aqui não é buscar explicações a respeito do imaginário do grupo pesquisado, mas mostrar que assombrações, espíritos atormentados, entre outros, em diversos períodos históricos, fazem parte da realidade de diversas culturas, incluindo nestas a comunidade narrativa dos três distritos. Por gerações essas histórias vêm sendo atualizadas. Assim, quando um narrador escuta uma nova versão, ele, provavelmente, dependendo do contexto de atualização, não sentirá medo. O medo, como mostra Marilena Chauí (1990), é um fato cultural. O temor do sobrenatural existe no cotidiano dos narradores. Todavia, ao representar formas de conduta, a comunidade narrativa sugere que caso o integrante cumpra os princípios e valores considerados pelo grupo evitará castigos futuros.

As relações entre vivos e mortos, ou mortos-vivo, estão presentes nas narrativas a respeito do corpo seco, bem como nas de enterro. O corpo seco tem alguém que o carrega ao local de expiação e cuida de algumas necessidades do ente. O espírito do além, que visita um escolhido, depende deste para a sua libertação do plano intermediário. O que caracteriza muitos dos personagens desse tipo de narrativa é o fato de eles não sentirem medo diante do inusitado. Desse modo, de certa forma, há uma sugestão de que não se deve temer algumas situações incomuns desde que determinadas ações sejam tomadas e desde que haja a observação de certas condutas.

Dependendo da forma como o narrador enfatiza entonação e gestos, pode ocorrer uma certa apreensão por parte do público. Isto faz parte da interação. Dessa maneira, o mais provável é que algum dos participantes conte outra versão ou outra história que confirme ou contraponha-se ao conteúdo do que foi narrado. Caso a intensificação recaia sobre a moral, a ética será preponderante. Se recair em outro tema, este poderá ser o mote das outras narrativas.

Outro ponto importante é o contexto de atualização das narrativas de enterro e referentes ao corpo seco. Por exemplo, suponha-se que os narradores dos distritos pesquisados comecem a veicular que num lugar o corpo seco está atacando pessoas,

principalmente crianças e mulheres, e devorando os corações. Ora, nesse caso, há um perigo que gera medo imediato, e pode se tornar angustiante para alguns integrantes da comunidade. Muitos evitariam o lugar ou, caso tivessem que passar pelo local apontado, não o fariam sem certo temor. A função social da narrativa é outra: alertar a respeito de um perigo urgente que põe em risco a vida dos comunitários.

No caso das narrativas de enterro e a respeito do corpo seco recolhidas nos três distritos londrinenses, o contexto apresentado foi muito mais de afirmação de certos valores ligados à visão de mundo da comunidade narrativa do que o objetivo de amedrontar. O castigo representado nas narrativas surge como forma de exemplificar, ou explicar, as conseqüências a que estão sujeitas aqueles que não se comportam de acordo com o esperado pela comunidade. De acordo com Marilena Chauí (1995), para haver conduta ética faz-se necessário um agente moral consciente, que possa diferenciar o que a sua sociedade postula como bem ou mal, virtude ou vício, certo e errado etc. Ao integrante da comunidade, cabe a decisão de agir ou não conforme postula sua comunidade. A ética se concretiza.

Mas o narrador correlaciona os preceitos constantes nas narrativas com o seu cotidiano? Discute a moral de um tema narrativo? Julga os comportamentos dos personagens? Essas questões pontearão as discussões do próximo capítulo.

4 REFLEXÕES E JULGAMENTOS: CONEXÕES COTIDIANAS

Agora, essa historinha aí avaliou ela quem quiser, porque a palavra é pesada.
(Seu José Isidoro)

O objetivo neste capítulo é verificar como o narrador discute os temas morais em narrativas ao atualizá-los. Num primeiro momento, a análise gira em torno de um narrador específico, o qual não se mantém distante das conjunturas que narra e as correlaciona ao seu dia-a-dia. Após, será mostrado como ações comportamentais do cotidiano são transformadas em histórias de conteúdo moral quando os narradores fazem julgamentos delas.

4.1 UM NARRADOR REFLEXIVO

Nas entrevistas realizadas no três distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville, notou-se que a maioria dos narradores dificilmente fica sem traçar comparações das histórias contadas com a sua realidade diária. Ora reafirmando os valores dispostos, ora criticando atitudes. No intuito de exemplificar como são realizadas essas reflexões, separou-se um narrador específico, seu José Isidoro Barbosa, que expõe conceitos de comportamento ao atualizar as histórias.

Seu José conhece e narra, principalmente, histórias de trancoso³³, definidas por ele como sendo aquelas em que se ouve falar, apesar de ninguém ter realmente visto ou vivido a situação. Em geral, as histórias se passam num tempo indefinido, no qual reis e princesas aparecem como personagens. Elas não são contadas como verdadeiras e deixam transparecer regras sociais, o que possibilita comparações com as formas cotidianas de comportamento. Seu José conhece e atualiza também as histórias de “Nosso Senhor Jesus Cristo e São Pedro quando andavam pelo mundo”, as quais também revelam o valorizado e o desvalorizado no cotidiano do narrador. Para construir seu repertório, o narrador vai além, pois não só dialoga com a tradição oral, mas também com sermões e ensinamentos dos padres da igreja católica, entre outros meios de manter contato com visões do mundo. Nesse diálogo,

ele reconstrói o escutado ao agregar novos sentidos baseados na sua leitura pessoal. Seu José Isidoro se mostra reflexivo no tocante ao que narra, explicando as histórias e emitindo opiniões a respeito da forma certa e da errada em se comportar, como nas narrativas que seguem:

Deus chegou numa casa, tem a casa que Ele chegou na casa de um amigo Dele, era muito católico, né? Aí, esse homem só falava em Deus, ele era um amigo meu. Aí, teve o prazer de Deus se hospedou no... almoçar na casa dele. Aí Deus assim falou: “Pois é fulano, um dia eu vou almoçar na sua casa.” Mas não marcou o dia, né? Disse assim. Só um dia, um dia qualquer, né? Aí passou, passou alguns dias: “Eu vou passar na casa de fulano, eu vou tratar um dia.”

Aí quando chegou na casa do homem, como um mendigo, né? Na casa do amigo Dele, mas chegou nos trajes de mendigo. Foi pedir de comer o homem, Ele tava com fome, né? Mas o homem tava esperando por esse tal, que fez com Ele mesmo. “Ah! Meu amigo, tem de comer feito aí, mas eu tou esperando por um amigo meu, que Ele vem almoçar onze horas e até agora não entreguemo.” “Mas ocê não pode tirar um pouquinho pra mim?” “Não posso. Porque só posso bulinar depois que Ele chegar.” Não é que tem gente que guarda uma coisa num canto, quando não chega aquele principal, eles não pode! Pois fez com o homem. Aí, nosso Senhor foi embora.

Quando foi onze hora, Ele chegou. Mendigo a mesma coisa. Aí falou, pediu de comer: “Há! Meu amigo, hoje já apareceu aqui uma pessoa pedindo comida e eu não dei, porque eu tenho um amigo meu que Ele pediu... nós fizemos um trato de Ele vim almoçar hoje também e já é onze horas e Ele não veio. O senhor venha mais tarde.”

Aí, quando foi seis horas, aí nosso Senhor foi. Aí chegou lá nos trajes Dele mesmo, né? Aí ele conheceu. “Ah! Mas agora que você vem, apareceu um homem aqui duas vez, três vez, agora, e você... doido pra almoçar, mas eu estava esperando por você.” Ele disse: “Um homem como?” “Um mendigo.” “Aquele mendigo era eu. Eu já vim três vez aqui. Você não acreditou naquele mendigo. Aquele mendigo podia ser eu. Você, como você não acreditou...” Daí, foi embora. Quer dizer, que... Ele, nosso Senhor, não se apareceu como decente, né? (incompreensível) que Ele falou: “Aquele mendigo é quem tava precisando daquela comida, naquela hora, ele tava com fome. Eu não tou com fome, que eu nunca tive fome.” Né? Aí foi-se embora. Daí o homem ficou encabulado. Ele não podia ter dado a comida!? (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

A história gira em torno de um homem e sua conduta em relação ao como se deve receber as pessoas. Deus diz que num dia qualquer visitará a casa de um personagem para almoçar. Este personagem, por sua vez, prepara a alimentação e aguarda a visita ilustre. Entretanto, Deus quer testar a índole desse homem. Para tanto, disfarça-se de mendigo e vai pedir comida. O homem não necessariamente nega alimentação ao mendigo, pois pede para

³³ A respeito de histórias de trancoso consultar Beth Rondelli (1993).

que ele volte mais tarde, quando o ilustre visitante já tiver se alimentado. As visitas se repetem três vezes, número reiterado com frequência na tradição católica popular e na oral. Como o mendigo não recebeu o alimento de que necessitava, Deus se revela ao homem e o critica em sua conduta.

Oswaldo Elias Xidieh (1993), em sua pesquisa no Estado de São Paulo, recolheu uma narrativa, à qual foi dada o título de “O almoço de Jesus”, que tem um tema parecido com essa história atualizada por seu José Isidoro. Na atualização paulista, Jesus manda avisar a determinadas pessoas que irá numa hora qualquer almoçar. Marca o dia. As pessoas matam uma galinha e ficam aguardando a visita. Nisto, três andantes diferentes, em horários também diferentes, pedem comida para essas pessoas. Elas, afirmando que a comida dá para todos, repartem o alimento, mesmo correndo o risco de sobrar só a parte de Jesus. Cristo chega, e as pessoas correm para aprontar a mesa. Diante do fato, Jesus ri e diz : “Eu não vou almoçar, porque já comi três vezes” (In: XIDIEH, 1993, p. 60). As pessoas olham dentro da panela e a galinha está inteira.

Xidieh argumenta que grande parte desse tipo de narrativa se liga aos evangelhos apócrifos, algo possível. No entanto, dado que a intenção neste trabalho não é a procura das nascentes, mas entender como a comunidade narrativa recria ao atualizar histórias, preferiu-se consultar o livro principal, canônico, do cristianismo: o Novo Testamento.

Parte-se da premissa de que o narrador toma contato com essas histórias por meio de uma tradição oral, mas também de que perpassa esse conhecimento outras fontes cotidianas. Essas fontes podem ser a leitura direta da Bíblia pelo próprio narrador, por pessoa leiga participante do meio social e pelas leituras e comentários dos Evangelhos feitos pelos padres e outros religiosos oficiais. Assim, um tema narrativo pode ser atualizado com mais veemência justamente por estar correlacionado com preceitos morais e religiosos defendidos, por exemplo, durante um culto religioso. Na entrevista, seu José Isidoro citou o nome de um padre da igreja local para legitimar algumas opiniões.

As duas narrativas, a recolhida em Irerê e a do contexto paulista, ligam-se a passagens bíblicas, especificamente, o Evangelho Segundo Mateus (Mt 25, 1-13) (Mt 25, 31-46). A primeira parábola do capítulo apontado é a respeito de dez virgens, as quais pegam lâmpadas de óleo para esperar o noivo. Cinco, de modo prudente, levam óleo, enquanto cinco não levam. Como o noivo estava demorando, elas acabam por adormecer. No meio da noite, alguém grita que o noivo está passando. As dez virgens se levantam e preparam as lâmpadas. As que não tinham reservado óleo pedem às outras um pouco emprestado, porque as lâmpadas

começavam a apagar. As cinco prudentes negam o empréstimo, alegando que se emprestassem poderia faltar para todas. O melhor seria que as outras fossem comprar. Enquanto as imprudentes vão comprar, o noivo passa e as prudentes o acompanham para a festa de casamento. Pouco depois, aquelas que não haviam acompanhado o noivo chegam à casa deste e pedem para entrar. O noivo nega a entrada e alega que não as conhece. Segundo a interpretação católica, o noivo é Jesus e as virgens são a comunidade cristã. O óleo significa a justiça. Desse modo, o cristão deve praticar a justiça, porque não sabe quando Cristo retorna.

A outra parte do capítulo apontado se refere ao dia em que o Filho do Homem vier. Nesse dia, os justos serão apartados dos injustos. Para os primeiros, haverá um Reino preparado. Para os segundos, o fogo eterno. O critério de escolha são os atos cotidianos: dar de comer a quem tem fome, beber a quem tem sede, vestir quem está nu etc. Ajudar os necessitados seria o mesmo que ajudar o próprio Cristo. Nas duas narrativas, do contexto londrinense e do paulista, pelo que parece, houve uma mistura dos dois ensinamentos: como não se sabe quando Jesus virá, vigie; e ajude os outros, pois estes podem ser Jesus.

Voltando ao contexto londrinense, seu José Isidoro dá a entender na entrevista que a história do mendigo foi contada num sermão do padre local. Entretanto, pelo que se percebe, houve uma recriação do tema narrativo em que tanto elementos da tradição oral como ensinamentos eclesiais se fazem presentes. Ao se apropriar de um código canônico, o narrador transforma-o em outro código, algo muito próximo do observado por Michel de Certeau (1998), o qual discute como o homem comum se apropria e altera os objetos socioculturais alheios.

Seu José Isidoro recria a história de acordo com sua interpretação e não se mantém distante do que está narrando, emitindo opiniões a respeito do comportamento do personagem e o correlacionando ao seu cotidiano: “Não é que tem gente que guarda uma coisa num canto, quando não chega aquele principal, eles não pode!”. Ele, nessa atualização, possibilita outro sentido à narrativa ao endereçar críticas àqueles integrantes da comunidade/sociedade que distinguem o grau de importância das pessoas. A reprovação da conduta do personagem se revela na última frase da narrativa: “Ele não podia ter dado a comida!?”. Assim, a não observância desse preceito, o de ajudar a quem mais necessita, torna-se alvo tanto de crítica moral quanto religiosa. Crítica moral devido ao egoísmo. Crítica religiosa devido a não observância dos preceitos cristãos.

A narrativa do mendigo trata da ação concreta, o que é percebido pelo narrador. Desse modo, ele encadeia outra narrativa a seguir. Uma história diferente, mas que

também diz respeito ao ato concreto *versus* à intenção. A história se refere a um homem, católico, que desde pequeno ia todos os domingos à missa. Certo dia, ao se dirigir à igreja, esse homem se depara com uma grande árvore com uma fonte d'água em seus pés e cercada por arame. Um burro colocou a cabeça para dentro do cercado na tentativa de beber água. Como o arame o impedia, não conseguiu alcançar a fonte. O homem, ao presenciar essa cena, ficou preocupado com o animal, porque este podia morrer de sede. Tira seu chapéu de couro e dá de beber ao burro. Enquanto isso, a missa já havia começado. O burro só pára de beber água no instante em que o sino é tocado na igreja, indicando o final da missa. Segue o restante da história na voz de seu José Isidoro:

“Mas será o impossível, meu Deus! Perdi a missa modo desse burro!?” Aí voltou pra casa. A mulher sem paciência, porque nunca tinha perdido uma missa. Aí o padre... E a mulher: “Fulano tem paciência, fulano. Quando for domingo tu vai pra missa e conta pro padre o pecado que tu cometeu.” Passou a semana, ele desinquieto.

Quando foi no domingo, ele foi cedinho. Quando o padre chegou na vila, ele: “Ó padre!” O padre conhecia ele, porque não saía da igreja, né? “Oh, seu vigário! Depois da missa eu quero contar, quero falar um negócio pro senhor.” Aí passou a missa. Aí foi se confessar.

O padre: “Que pecado ocê cometeu, filho?” “É seu vigário tá com tanto anos que eu vou à missa...” Daí contou a história. “Pra modo de um burro perdi a missa hoje.” “E você sabe quantas missas você já viu na sua vida?” Disse: “Sei.” “Por que você sabe?” “Porque todas que eu venho, lá na árvore tinha o pé de sombrinho.” Naquela árvore tem um pé de sombrinho, né? “Tem um buraquinho e toda missa eu ponho uma pedrinha lá, né?” “Quando for domingo, você venha e passe lá naquela, na árvore lá, e tira as pedras e traga.” Aí quando foi no domingo... ele passou outra semana, apavorado, ansioso que chegasse domingo pra ele ir lá.

Ele achava que tinha muita pedra, né? E donde que pensa que ele tá... Ele não perdia uma missa. Quando ele chegou lá, que vai lá no buraco, só tinha uma pedra. Aí não, aí ele ficou louco. “Será possível uma coisa dessa?” Aí pegou aquela pedra, ele olhou. “Ah, seu vigário! Eu tou perdido!” “Tá perdido por que filho?” “Senhor vê! Tanta missa que eu já vi na minha vida. O senhor mandou eu trazer, cheguei lá no oco da árvore. Adonde eu dei água pro burro só tinha essa pedra.” “É, é pro cê saber, filho, que missa nenhuma não põe ninguém pro céu, quem põe é a caridade. Ocê se lembra dessa pedra aqui, toda missa que você vem, durante esse tempo todo ela foi dura. A missa que você tem na mão de Deus no céu só essa daí. Que o burro tava morrendo de sede e ocê perdeu a missa pra dar água a ele. Que ocê não perdeu a missa, você salvou sua alma! Que a missa que ocê achará é essa aí.” Né? “Mas seu vigário contando não adianta de ir não.” “Adianta, que Deus deixou a igreja pra nós visitar. E orar, e pedir a Ele a graça, que Ele tem graça pra dar a nós. Mas dizer, você deixar de fazer a caridade e rezar não adianta não. A reza e a caridade e... você não fazendo a caridade é o memo que nada. É o primeiro compromisso, primeiro a obrigação, pra depois a devoção. Você tem que fazer a obrigação primeiro. Se tem um bicho ali morrendo dentro do buraco, você tem que tirar ele pra poder viajar.

O senhor viajar naquele dia bem, se não viajar, você tira aquele bichinho de lá e deixa a viagem pro outro dia. Que tem dia pra frente.”

E não é isso memo? Pois aí, digue o que quiser, mas é... você não tratou de quem tem precisão, não deu de comer... porque Deus fala: “Dá de comer...dá de comer a quem tem fome e água quem tem sede. E não procurar a quem, dar com uma mão que a outra não vê.” Daí não falar, porque se falar não fez nada. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

O homem é salvo graças ao ato concreto e não devido às intenções manifestadas em preces. Estas deveriam vir acompanhadas de ações. O narrador interpela o ouvinte: “E não é isso memo?”. Busca confirmação das convicções apresentadas na história. Em seguida, traça uma ligação com a narrativa do mendigo ao citar, em forma de adágio, um dos preceitos que permeiam o capítulo 25 do Evangelho de Mateus. O preceito moral é reafirmado: ajude o seu próximo. Religião e moral se mesclam, pois se por um lado ajudar o outro sem exigir nada em troca e não se vangloriar da ação é bem visto aos olhos de Deus, por outro cumpre uma função social muito próxima àquela das narrativas do corpo seco e de enterro, qual seja, manter a coesão social/comunitária.

O evangelismo em forma de adágio ganha novos contextos na voz do narrador no instante em que ele os correlaciona, como comentado, com as narrativas. Seria como se esses adágios fossem um resumo da “mensagem”, a qual transpassa as histórias, ao mesmo tempo em que reafirma preceitos. Seu José Isidoro se identifica com esses preceitos, pois mostra a sua posição no que se refere à forma certa e à errada de se comportar ao tecer comentários.

As relações entre pobre e rico e de como se posicionar perante os ganhos financeiros também são muito marcadas por esse narrador. Numa história, por exemplo, seu José Isidoro narra a respeito de um homem, chamado por ele de Comonge, que cria intrigas com um rei. Tudo começa com um dos personagens querendo ser mais esperto que o outro. Num dado momento, o rei manda atolar uma égua num brejo. O Comonge, sem saber do intento do rei, dirige-se a este para informar o ocorrido. O rei simplesmente diz a ele que só perde quem tem, num tom de superioridade. Ofendido, Comonge, no outro dia, pega uma porca e a atola, deixando apenas a ponta do rabo à mostra. O povo se reúne em volta para desatolar a porca.

O rei vê a cena e vai avisar do acontecido para o dono do animal. O Comonge, num tom irônico, diz só perder quem tem. Num certo dia, esse mesmo personagem resolve que quer casar com a filha do rei. Sua mãe tenta dissuadi-lo dessa intenção, porque o

rei poderia mandar matá-lo. Todavia, ele põe o seu plano em prática. Vai almoçar na casa do rei e em certo momento diz só valer quem tem. Assim, continua, caso tivesse dinheiro realizaria todos os seus desejos. Segue a continuação da narrativa:

Aí, “Besteira, Comonge, eu tenho tanto dinheiro e não faço o que eu quero.” “Mas, se eu tivesse o dinheiro que o senhor tem, eu fazia, eu faço o que eu quero.” “Comonge eu vou dar todo o dinheiro que você quiser pra você fazer o que você quer.” “O senhor me dá?” “Dou.” O comonge: “Ah, não! Eu vou mandar fazer um carneiro de ouro, que me caiba dentro. Ele vai andar, esse carneiro é vivo. Só a... ele é vivo por dentro e a carne, a casca dele por fora é ouro. Ele é morto por fora.”

Laçou com uma corrente, tudo de ouro, e passava lá na frente da casa da filha do reise, que ela tá lá no palácio olhando. “Ela vai desejar, porque, ela vai me desejar o carneiro, o reise comprar o carneiro. A senhora nem vende, não tem dinheiro que compre esse carneiro. Mas senhora dá dado pra passar três dias na casa do reise. Depois ela manda buscar.”

Aí o reise foi, combinou com ela. “Eu quero, quero, quero!” Aí ficou comovido com o carneiro, mas ninguém sabia, sabia que era um carneiro de ouro, né? Aí ela ponhou marrar. A princesa com pouco dia ela foi buscar. Com três dia ela foi buscar. Quando é c’um mês, tá a moça lá com entrojo³⁴. Aí: “Pai é pra mandar matar esse carneiro. Aquele carneiro me ofendeu.” “Ofendeu?” Aí ela contou. Aí mandou chamar o Comonge. “Comonge, que negócio é esse que você fez pra minha filha. Minha filha tá com entrojo, tá com aborrecimento. O que que tá havendo?” “O senhor se lembra: quem tem dinheiro faz o que quer.” Falou: “Me lembro.” E essa história tá até hoje, né? (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

A história fica um pouco confusa em dado momento, algo comum nos processos comunicativos dependentes da memória oral. Seu José Isidoro a escutou quando tinha quinze anos e afirma que a narrativa continua sendo contada. Depois de atualizar a história, ele busca ponderar a respeito dos acontecimentos narrados, principalmente em cima da frase: “quem tem dinheiro faz o que quer”. Ao refletir, seu José Isidoro chega à conclusão que o mal não é ter dinheiro, mas como a pessoa se comporta diante dele. Dessa maneira, conforme ele diz, uma pessoa rica pode ir para o céu desde que saiba fazer a coisa certa com as riquezas. Mas, ainda conforme o narrador, a maioria dos indivíduos ricos:

vai desordar, ele vai comprar droga, dograr os outro, mandar matar pra ele subir na vida mais do que ele já subiu, o dinheiro não tá servindo de nada pra ele, tá ponhando ele no inferno. Mas ele tem um dinheirinho, ele manda construir uma creche, manda ajudar um hospital, ajudar... dar de comer a quem tá com fome, né? Roupa a quem tá pelado, remédio a quem tá doente. Claro que ele vai pro céu! Porque ele tá fazendo por onde ir. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

³⁴ Aborrecida.

O Comonge sabia que a princesa iria desejar o carneiro de ouro, por isso se aproveitou da ganância alheia para atingir o seu objetivo. A lição é contundente: cuidado com a ganância, pois ela pode trazer males. Todavia, seu José Isidoro vai além do texto, novamente correlacionando-o com sua visão de mundo. Para ele, o dinheiro não pode ser uma forma de levar malefícios às pessoas, ao contrário, deve ser um meio de trazer benefícios ao outro.

Ao final de sua conclusão, novamente, o narrador cita preceitos ligados à religião cristã, os quais também estão ligados às duas primeiras narrativas do contexto londrinense: “É fazer a caridade, dar de comer a quem tá com fome, roupa a quem tá nu, remédio a quem tá doente, e pronto.” (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Quando uma pergunta é feita pelo pesquisador a esse narrador, ele responde e o assunto faz com que se lembre de outra história, a qual começa a encadear. O mote é: “Deus ajudou o avarento por um lado, e o avarento se entortou pelo outro.” A personagem da narrativa era uma rainha pobre de nome Imbilina. Vivia numa choupana até o dia em que Jesus Cristo e São Pedro a visitaram. Cristo a saúda. São Pedro, demonstrando compaixão pela mulher, pede a Jesus que a ajude, pois ela sofre com a pobreza. Na voz do narrador, a história continua assim:

Aí nosso Senhor disse: “Pedro, essa muié não merece nada! Essa muié é muito avarenta, ela é miserável. Ela tá assim, mas é porque ela é miserável. Se eu der alguma coisa cum ela, aí é que, aí é que ela vai ser ruim. Ela vai se perder.” “Não. Mais clemência!” Aí, foi, né?

Foi no outro dia, a muié amanheceu numa fazendona, gado pra todo lado, os empregado, (incompreensível), um escritório, banco cheio de dinheiro. “Como vai Imbilina?” “Oh, Senhor! Vou aqui com tudo isso que Deus me deu, mas falta quem cuide.” Que Deus deu tudo ni’ela, mas ninguém tava cuidando, tava tudo parado, né? “Mas é isso memo Imbilina.”

No outro dia, amanheceu, empregado pr’aquí, empregado pra acolá, outros no escritório, outros na roça, outros tirando leite, outros fazendo queijo; e aquele movimento. Aí passou. “Bom dia, Imbilina?” “Bom dia Imbilina, não senhor!! Eu já fui Imbilina.” Tá vendo como a coisa mudou. “E hoje quem você é Imbilina?” “Eu sou Dona Imbilina!” Tá bom.

No outro dia, Ele passou de novo: “Bom dia, Imbilina!” “Imbilina não seu... eu já lhe falei, meu nome agora mudou é Imbilina, é Dona Imbilina.” Foi embora. No outro dia: “Bom dia, Imbilina!” Três vez, né? Que a conta é três vez pra bater o engano em quem não presta (ri). Aí: “Bom dia, Imbilina!” “Senhor, me respeite.” Aí ela foi agravando Deus, né? Não se lembrou que tudo quanto ele tinha, que ela tinha, foi Ele que deu. Podia acabar na mema da hora, como acabou mermo.” “Me respeite, meu nome é Imbilina, Dona Imbilina!” Né? Tá bom.

E Deus arrumou Imbilina numa choupaninha pior do que ela vivia, na miséria danada. Lá vem Ele: “Bom dia, Dona Imbilina!” Aí mudou, né? “Bom dia, Dona Imbilina!” “Eh, Senhor! Quem sou eu pra, pra ser Dona Imbilina?” “Você não é Dona Imbilina, mas seu orgulho é mais de que Dona

Imbilina, porque com a condenação que você tem fica para sempre.” E, pronto. Ficou na miséria para sempre. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Cristo conhece a índole das pessoas de antemão, sabia que essa mulher era uma pessoa orgulhosa. Entretanto, aceita ajudá-la como forma de dar exemplo a São Pedro. Avarento, possivelmente, para seu José Isidoro é uma pessoa que não tem generosidade, que demonstra orgulho em excesso. Assim, é esse o fio condutor dessa narrativa: o orgulho. A falta de humildade da mulher é o que a leva à derrocada, sendo nesse sentido que o narrador faz a sua interpretação. Para seu José Isidoro, muitos vivem na miséria e deixam-se levar pela soberba, olhando as pessoas de cima para baixo, quando têm a chance de ascender socialmente. Mais uma vez a consideração ao outro entra como peça chave para a existência ética.

Ainda segundo o narrador, Deus ajuda segundo o merecimento da pessoa, conforme o valor apresentado por ela no dia-a-dia. Como exemplo, cita o bordão do personagem chamado Pedro Sem³⁵: “Uma esmolinha pra Pedro Sem que hoje, que toda vida teve, mas hoje não tem!” (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê). Esse personagem nunca pedia em nome de Deus, por isso morreu sem nada. De acordo com seu José Isidoro, se um velho pedir esmola em nome de Deus, não se pode negar. O importante é dar pelo amor a Deus e ao próximo, independente da quantia. Um tostão, às vezes, tem o valor de um milhão. Refletindo sobre essas questões, o narrador conta uma nova história, cujo tema continua sendo como se portar diante do dinheiro:

Era, nosso Senhor quando andou no mundo, ele chegou...tinha três apóstolo, né? Só não sei como é o nome dos três apóstolo, mas são três apóstolo. Ele chegou na casa do primeiro. Foi. Deu três mil réis, né? A um. Chegou na casa do outro, deu dois. Aí chegou na casa do avarento, do preguiçoso, Ele deu um. O outro, o primeiro, pegou aqueles três e foi ponhar em negócio, né? O dois pegou, o outro pegou o dois foi ponhar em negócio. E o avarento pegou um: “Ah! Esse aqui não vale nada, eu vou jogar lá no mato. O que eu vou fazer com isso? Isso aqui não vale nada.”

Aí, nosso Senhor passou arrecadando, foi tempo marcado, né? Adespois ele ia passar... apurando. Quando aquele povo, que tá com aqueles livrinho, aquelas receita dos médico pra tirar esmola pra comprar remédio pros doente, vem essa história minha... fico na recordação na memo instante. Que dá o papelzinho a gente, né? Pra gente ler, adespois ele vai lá e vem

³⁵ Segundo as histórias a respeito desse personagem, Pedro Sem foi um homem rico, usurário, que altivamente desafiou Deus ao dizer que nem o Criador poderia torná-lo pobre. Em seguida, uma seqüência de infortúnios leva o personagem à miséria e à mendicância. Consta como “Sem” no dicionário de Câmara Cascudo (2002, p. 627).

recadando e pegando aqueles papelzinho e um dinheirinho. Se tem dá, se não tem não dá nada. É outra coisa também errada, a gente tem que dar seja quanto for, tudo ajuda.

Aí, ele pegou o real, pegou aquele um, jogou fora, que num rendia nada. Quando ele chegou, foi na casa do primeiro. Chegou na casa do primeiro: “Oh, fulano! Aqueles, aqueles três dinheiro que eu lhe dei, cê ponhou ele pra render, quanto já tem?” Que até eles pensaram que Ele vinha atrás da renda, né? “Ah! Senhor, tá aqui, têm seis dinheiro. Têm seis...” Como é que a gente quando tá jogando aqui, é tento, né? “...têm seis tento. Senhor me deu três, têm seis.” Ele deu três. Aí chegou na casa do outro, ele disse: “Cumé, vamo repartir?” Ele disse: “Não, esse é seu. Ponha ele em negócio e vai viver com esse rendimento.” Aí o outro já ficou bem de vida, né? Que ele com três tento já fez seis, agora ele ali com seis tento, pronto, ficou bem de vida. Aí chegou na casa do outro. “Fulano aqueles... dois tento que eu lhe dei? Cê ponhou pra render?” Diz: “Ponhei, Senhor. Têm quatro tento. Vamos repartir?” “Não. Cê vai viver com aqueles quatro tento.”

Aí: “Agora eu vou pra casa do...” Mas antes Dele chegar eu apito, você vai ver o preguiçoso, miserável o tanto que ele é! Aquele do, do um tento pra ele, ele jogou no mato, ele não tem nada. Vai vivendo numa miséria, olha! Que só ele mermo. “Fulano?” “Que foi Senhor?” “Cadê aquele tento que eu dei?” “Ah! Senhor me deu lá nada, me deu uma bosta de um tento que tinha aí. Eu não fiz nada com ele, não dava pra nada. Joguei foi no mato. Aquilo ali não é pra ninguém. Eu Senhor? Eu vivo afundado.” “Pois você vai viver afundado mermo.” Aí ficou na miséria toda vida. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Ao que parece, o capítulo 25 do Evangelho de Mateus, por algum motivo, marcou intimamente a visão de mundo de seu José Isidoro, pois ele, praticamente, atualizou todo o capítulo evangélico com essa última narrativa. A parábola consta no Evangelho de Mateus (Mt 25, 14-30), como já informado, e no Evangelho de Lucas (Lc 19, 11-28), neste a parábola é considerada uma mistura da original com outra³⁶. Possivelmente, o narrador conheça a versão de Mateus, pois ele se refere ao dinheiro como tento e na Bíblia a palavra usada é talento.

Na Bíblia, um homem viaja para o estrangeiro. Antes de viajar, entretanto, chama três empregados para pedir que eles cuidem de seus bens. Para o primeiro, dá cinco talentos. Ao seguinte, dois talentos. Um talento para o terceiro. A divisão é feita de acordo com a capacidade de cada um. O primeiro empregado trabalha e dobra a quantia dada. O segundo também. O terceiro, por sua vez, pega o talento e o enterra. Tempos depois, o patrão volta da viagem. Chama os empregados para o ajuste de contas. Os dois que haviam cuidado bem dos pertences do patrão, dobrando o valor dado, são agraciados com bens maiores, pois se mostraram fiéis na administração do pouco. O terceiro diz ao patrão que ficou com medo

³⁶ Conforme indicado em notas na Bíblia consultada.

de perder aquele talento, por isso o escondeu. Assim, devolve somente o valor que havia recebido. O patrão manda recolher o talento e dar ao que tinha dez, além de jogar o terceiro empregado na escuridão. Segundo a interpretação eclesiástica apontada nas notas explicativas da Bíblia consultada, a parábola se refere à necessidade de os seguidores de Cristo se lançarem à ação e aumentarem o conhecimento da palavra de Deus, pois no fim dos tempos Ele julgará de acordo com o trabalho de cada um.

Seu José Isidoro transforma a história e dá um outro sentido às conjunturas. Deixa entrever uma crítica à preguiça. Desse modo, a dedicação ao trabalho seria a melhor forma da pessoa crescer financeiramente. Segundo o narrador, de nada adianta ambicionar se não houver trabalho. Deus ajuda. Mas é com o suor do rosto que o homem descobre o valor do dinheiro. Esse sentido evidencia-se no decorrer da entrevista, pois, ao se dirigir a um amigo, que acompanhava a entrevista, seu José Isidoro traça uma comparação do personagem fictício da história com uma pessoa conhecida de ambos. Essa pessoa havia recebido uma herança deixada pelo irmão. Como não foi ele que trabalhou para ganhar o dinheiro, de acordo com o narrador, gastava à vontade.

Isto suscita outra crítica do narrador, endereçada a quem se dedica a adquirir dinheiro fácil. Como exemplo, o narrador fala a respeito das pessoas que vendem drogas sem se importar com a vida das crianças e de outros membros do grupo. Como se vê, seu José Isidoro correlaciona a narrativa com os problemas atuais de sua comunidade e vice-versa. Essa correlação mostra-se evidente num trecho da narrativa do preguiçoso no qual o narrador afirma lembrar da história toda vez que vê um necessitado pedindo esmola.

As narrativas até aqui apresentadas dizem respeito ao como se relacionar com o próximo e ao como se portar no cotidiano comunitário. Nesse sentido, Adolfo Vázquez (1987) argumenta que, sendo a moral uma forma de regulamentar os comportamentos de indivíduos com a comunidade e entre si, ela exigiria de modo necessário “não só que o homem esteja em relação com os demais, mas também certa consciência – por limitada e imprecisa que seja – desta relação para que se possa comportar de acordo com as normas ou prescrições que o governam” (VÁZQUEZ, 1987, p. 27). A consciência individual seria a área de atuação na qual se operariam

as decisões de caráter moral, mas, por estar condicionada socialmente, não pode deixar de refletir uma situação social concreta e, por conseguinte, diferentes indivíduos que, numa mesma época, pertencem ao mesmo grupo social, reagem de maneira análoga. (VÁZQUEZ, 1987, p. 59).

Já Vladimir Jankélévitch (1991) argumenta que uma disposição moral se atualiza principalmente por ocasião de uma crise ou de algum acontecimento, por exemplo, é uma guerra que mostra o herói, no momento em que este se porta de acordo com o esperado pela coletividade, ou seja, mostra bravura, honradez, espírito de cooperação etc. Outra questão fundamental, também apontada por esse filósofo, refere-se à intencionalidade. Ser moral não pode estar em desarmonia com a intenção³⁷, não pode ser um hábito. Um exemplo citado por Jankélévitch: uma beata joga uma moeda na tigela de um mendigo sem ao menos fitá-lo. Esse gesto está destituído de intencionalidade, é um ato autômato em que não há ponderação a respeito da real situação do outro e do ato praticado.

Seu José Isidoro, por sua vez, percebe as tensões e os problemas morais do cotidiano, como aqueles criados pelas drogas. Dessa maneira, ao refletir e comentar a respeito de suas histórias, esse narrador toma por base regras que circulam no seu meio de convivência e que freqüentemente são quebradas por membros da comunidade/sociedade. Ele tem consciência dessas regras e as defende. Esse narrador faz um diálogo com a tradição oral, reinterpreta preceitos bíblicos, alterando seus sentidos eclesiásticos, e cria outros sentidos que se relacionam aos problemas enfrentados no cotidiano. Sua voz deixa entrever uma voz coletiva subjacente que aconselha a respeito do como deve ser o comportamento pessoal para que a boa relação entre os integrantes da comunidade seja mantida. Seu José Isidoro pondera a respeito da melhor forma de conduzir a vida ao correlacionar as condutas apresentadas nas narrativas com a sua realidade diária. Age, desse modo, eticamente.

4.2 PERCEBER E JULGAR

No segundo capítulo desta dissertação, foram apresentadas histórias nas quais ocorrências sobrenaturais se fazem presentes. A maioria dos narradores as narram como eventos possíveis, mesmo quando não presenciam os fatos. Nessas histórias, o aspecto moral pode ser percebido quando o narrador, na performance, deixa entrever essa possibilidade de interpretação, seja no sentido geral da narrativa, seja nas características éticas apresentadas pelos personagens, as quais podem ser antagonicas a um ou a outro.

³⁷ Intenção aqui está relacionada à capacidade de refletir e deliberar a respeito de um ato. Difere, portanto, do termo apresentado na análise da história do homem que dá de beber a um burro e por isso não vai à igreja.

Na primeira parte deste capítulo, foram analisadas narrativas que não são contadas como fatos acontecidos, mas que encerram questões morais. Percebe-se que o narrador constrói seu repertório ao dialogar com a tradição oral e com outras instituições presentes no seu cotidiano. O narrador correlaciona as narrativas com os problemas éticos enfrentados no dia-a-dia.

Neste espaço, serão apresentadas narrativas que estão ligadas a fatos ocorridos na vida do narrador e a atos praticados por parentes ou conhecidos. Em uma narrativa, o narrador faz analogias com o sobrenatural. Na totalidade, essas narrativas deixam perceber de modo patente, às vezes sutil, como ações tomadas e procedimentos individuais tornam-se alvo de julgamento de valor ético.

Um primeiro exemplo pode ser encontrado numa narrativa atualizada por seu Geraldino, o qual, ao narrar uma situação vivida por ele, vai apresentando qualificações negativas de conduta de um dos envolvidos na história:

Aí morei uns tempo, saí de lá. Mudei pra um sítio... aí que fui lá pra Cornélio. Cheguei lá também, o patrão ele bebia e tem pessoa que acha que...que bebe, ele fala muita coisa errada, né? E a tentação acho que companha, né? Então, esse menino meu era pequeno, eu tinha dois cachorro, um perdigueiro e um outro, pretinho. Toda, toda noite eu, o pretinho era amarrado, porque ele comia ovo, né? Então tinha que tratar dele diferente. E aí tratou do perdigueiro, que era um cachorrão assim, e ele lá. E esse filho dessa patroa minha lá, ele saía e ficava até três dia fora de casa, mexia com todo mundo. Eu agüentei quatro ano lá num... na marra, viu? Não podia mais ficar vendo aquele cara. Ela mandava a muié atrás dele, né? Ele largava o prato de comida e entrava no meio do (incompreensível) Aí, ele saiu, fazia três dia não aparecia e aí ela ficava em casa, ela já tinha, naquele tempo, ela já tinha uns oitenta ano. Ficava em casa e não deixava a gente dormir de jeito nenhum. Reclamava a noite inteira e chorando. Aí nós tava assim na sala e a menina minha mais nova, todo dia eu sentava assim na mesa, começava a brincar com ela, pentear o cabelinho dela, que ela tinha o cabelo tudo cacheadinho, né? Parecia pêlo de carneiro, né? (ri) Então, dali eu escutei aquele barulho, passou com... era o andar desse rapaz, até ela cismou, a mãe dele. Chamava Dorival, falava ele de Vado, né? Ela falou assim: “É o Vado?” Falei: “Não é não.” Falei assim que não era, senão ia mandar eu ir atrás, né? Falei: “Vou atrás nada.” E aí passou perto da parede assim, entrou dentro do bananal, aquele barulho. Num era ele nada. No outro dia não tinha chegado não, tentação, né? Eu acho que isso é uma tentação, que atenta a pessoa, né? (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

O narrador faz correlação entre consumir bebidas alcóolicas e acontecimentos sobrenaturais. No início da narrativa, ele desqualifica o ex-patrão moralmente

ao dizer que pessoas que se embriagam não se portam de acordo com determinados padrões de conduta constituídos, no caso, falam aquilo que, em sã consciência, não deveriam falar.

Aparentemente, as referências a respeito dos cachorros estariam deslocadas da narrativa, pois esses animais não têm real participação na ação. Todavia, isso é comum na linguagem oral porque as histórias são marcadas pelo improviso. Assim, pelo que parece, o narrador faz essa referência, muito mais, como forma de reconstituir o espaço em que vivia. Nesse processo de reconstituição, os cães provavelmente ganham destaque por suscitarem boas lembranças. Por sua vez, comentar a respeito do filho da antiga patroa traz péssimas recordações ao narrador, pois a patroa envolvia a família de seu Geraldino em seus próprios problemas familiares. O ébrio, corriqueiramente, cometia atos incoseqüentes, como deixar o local de alimentação sem motivos e desaparecer da casa materna sem dar satisfações para onde ia.

Poder-se-ia comentar que o personagem não age conscientemente devido aos efeitos do álcool, portanto, está livre de julgamento moral. No entanto, o sujeito tem a liberdade para decidir se deve ou não beber. Caso ele decida beber e tenha conhecimento das regras de sua comunidade, todas as conseqüências dessa decisão lhe serão atribuídas. A forma de conduta negativa apresentada na narrativa não é a bebida em si, mas o desrespeito às pessoas, demonstrado pela expressão “mexia com todo mundo”, e a desobediência à mãe, desencadeados pelo consumo em excesso. Isto é, ingerir bebida alcóolica é considerado falha de caráter quando a pessoa se deixa envolver em demasia pela embriaguez e começa a prejudicar outras pessoas ou, até mesmo, a prejudicar a si. Desse modo, essa forma de agir deixa de ser um problema especificamente individual e passa a ser um problema coletivo, pois as conseqüências dos atos praticados recaem sobre a comunidade.

Na realidade, mesmo quando o ébrio, aparentemente, só prejudica a si, ele não deixa de envolver integrantes da comunidade, pois, caso fique doente devido aos excessos, serão esses integrantes que cuidarão de seu restabelecimento. Segundo argumenta Vázquez, os atos dos agentes morais, enquanto indivíduos concretos de uma sociedade, só são morais se forem levados em conta nas suas relações com os outros. A pessoa pode beber desde que esse ato não envolva negativamente outros integrantes da comunidade.

Para seu Geraldino, esses atos morais negativos atraem o mal, representados na narrativa pela “tentação”. Nesse sentido, conduzir a vida de modo virtuoso seria a garantia de uma vida boa. Isso fica mais nítido em outro contexto da entrevista, no qual esse narrador deixa entrever formas positivas de comportamento:

A gente tem que desviar do mal, não é? Tem que procurar pra bem, mas pra mal não. E outra coisa também, eu na idade que eu tou nunca tive inveja de ninguém. Eu nunca, nunca, nunca briguei com ninguém. Graças a Deus! Ensinei meus filho a respeitar os outro. Então, então até agora, graças a Deus! Na idade que eu tou já conheci muito humano. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

A experiência de vida legitima as convicções do narrador. Dessa forma, ao enunciar como agiu/age, seu Geraldino está dando um conselho indireto. Algo como: eu nunca fiz isso, se você também não fizer, viverá bem. Esse trecho acentua algo que vem sendo pontuando com frequência nesta dissertação: a moral se realiza em relação ao outro.

Ocorre também de o narrador emitir de modo sutil juízos de valor frente aos acontecimentos narrados, como nessa história contada por Dona Carmem:

O parente dos meus tio, era tudo valentão, tinha espingarda, tinha facão, tudo reforçado memo. Tinha onça, tinha índio e tudo. Tinha que enfrentar que era brabo, né? E daí eles ia fazer compra lá em Santa Cruz do Rio Pardo. Eles trabalha dois dia, uma dia pra ir, chegava lá, fazia a compra. Depois saía, chegava no outro dia. Fizeram barraco deles lá de pau, né? Não tinha nada, fazer tudo de pau, né? dentro do mato.

O homem tinha uma muié dele e uma filha, foi junto com ele e ele... tinha mais gente nessa época. Carro de boi naquele tempo, só carro de boi, que nem carroça não tinha. Quando apareceu carroça, meu pai falou assim: “Ah! Pareceu um negócio com dois varal assim e um cavalo enfiado no meio.” (ri) Não sabia nem o que era carroça. Tinha carro de boi. É. E carro de andar era um... que nem um Jeep. Ih! Quando apareceu aquilo lá, o pessoal ficou encantado com aquele carro também. (ri). E quando o trem de ferro chegou, que veio lá de São Paulo. Na estação, foi fazer a linha, quando chegava na estação, né? Até que chegou lá em Xavante. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

O qualificativo “valentão”, pelo que foi percebido nas entrevistas, pode se referir tanto àquela pessoa de coragem, quanto às pessoas que gostam de arrumar confusão. Pelo visto, Dona Carmem usa esse adjetivo para mostrar que o homem era de coragem, mas, como se verá, de índole severa e impiedosa. No curso desse trecho, é possível notar referências históricas do cotidiano dos desbravadores, como a construção de casas dentro do mato, em que se aproveitava a madeira local, e a chegada de outros meio de condução, como a carroça e o trem de ferro, o que causa estranhamento e curiosidade na população.

Ao analisar as teorias de Maurice Halbwachs, Ecléa Bosi diz que: “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no

conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (1999, p. 55). Desse modo, por

mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1999, p. 55).

De fato, não dá para saber quanto tempo se passa da mudança de carro de boi para carroça, bem como da chegada do automóvel e do trem de ferro. As imagens não são mais as presenciadas por uma criança, mas as de uma senhora que olha sua infância numa época distante, já transformada. A sua forma de mostrar o passar dos anos é informando a respeito da chegada de veículos de trabalho e condução. Estes causaram estranhamento naquele período e não causam na atualidade, porque outros meios se fazem presentes. Dessa maneira, ao dizer que só existia carro de boi, a narradora procura reconstruir as imagens para o ouvinte e, nessa reconstrução, ela intenciona, muito mais, mostrar o quão distante está o tempo do acontecido.

Gizêlda Nascimento (2006), ao tomar contato com atualizações de memórias de descendentes de escravos, percebe que a atenção de quem ouve é apreendida pela maneira como o narrador desenvolve sua narrativa no instante em que este busca dar veracidade à história. Busca-se uma aproximação dos interlocutores no desdobrar dos acontecimentos. Assim, de acordo com a pesquisadora, detalhes enriquecem e, ao serem inclusos no ato de narrar, tornam-se constituintes importantes para que uma narrativa seja considerada boa. A “importância recai não no que está sendo narrado, mas antes no como narrar” (NASCIMENTO, 2006, p. 48). Realmente, apreender a atenção da platéia é um dos itens primordiais para que o tema narrativo seja recebido e percebido melhor. Um narrador que demonstra conhecimento da cultura local e de outras culturas espaço-temporais, além de bom trabalho performático, consegue se sobressair dos demais. Dona Carmem mostra essa capacidade ao inserir elementos para situar o receptor. Continua a narrativa:

Daí foram fazer compra. Sabe o que o índio aprontou? Eles também abusava, né? Foram lá matou a muié do homem e a filha e fincou num pau lá na porta. E foram lá pra... parece amoitaram lá no meio do mato. Um (incompreensível) muito grande, um barracão, né? muito grande. A tribo de índio memo, bastante, não era pouco não. E daí chegaram com a compra... E tacaram fogo na casa do homem também. Chegou lá e os outro, não sei os outro, acho que não buliram na casa dos outro, mas aquilo lá

ajuntou aquele que matou a muié dele e a filha, os outro, né? Foram sondar onde que eles tava, né? E daí foram de noite lá, diz que levaram espingarda, cartucheira, qualquer coisa que dá bastante tiro, né? E facão, foram prevenido memo, né?

Diz que um dia um véio tinha um fogãozinho assim, né? Ele deitava tudo, uma carreira no barraco assim, pé com pé, tinha um corredor no meio. As índia tudo de um lado e os índio tudo do outro lado e os índio véio ficava no fogãozinho lá, tomando conta deles. Daí eles marcou bem, né? (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

A narradora interpela o ouvinte e faz um prejulgamento, deixando entender que a vingança nefasta, ainda não narrada, foi provocada pelos próprios índios. Estes mataram a mulher e a filha de um desbravador, além de colocarem fogo em sua casa. A narradora deixa a impressão de ter presenciado os fatos ao explicar como era a morada dos índios e como eles se distribuía pelo local, impressão deixada até o final da história:

Quando foi umas hora da madrugada, eles foram lá, tacou tiro lá e matou índio, matou índia, matou índio, quase acabaram com os índio tudo. Muito índio correu, trepou nos pau. Em vez de ficar quieto, se apagar, não. Eles gritava lá e batia tiro lá, derrubava eles pra baixo. E tinha um pau grosso assim no terreiro do barraco deles, um galpão muito grande, né? E o indinho novo tinha, tudo os índio lá tinha filho, né? Um frio que tava fazendo, mas dá até dó da gente contar isso. Ficaram tudo peladinho assim, encolhidinho em cima do pau. Foram c'o facão assim, cortando o pescoço deles. Matou tudo. Dá até dó de contar, né? Meus tio que fez isso. E a outra família também, valentão, né? E aquele homem que perdeu a muié dele c'a filha também, tava ajudando matar, né? Daí foram embora, né?

Passou uns dia, eles voltaram lá. Falou: “Vamos lá ver o que eles fizeram.” Eles fizeram um buraco bem grande lá, cortaram palmito, cortaram pau, tudo. Carregou aqueles morto que tava ali, puseram tudo ali naquele buraco, um punhado de (incompreensível) bem grande, tacou tudo aquela pauleira pro cima lá, acho que eles já olharam por algum buraco que ficou lá, né? E sumiram. Veio pro Paraná. Esse índio Xavante. É o índio mais brabo que tinha lá no interior de São Paulo. E daí ficaram lá no sítio, formaram o sítio lá. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Dona Carmem vai se mostrando indignada perante os acontecimentos narrados, opinando que os índios podiam se esconder e ficar quietos. De certa forma, é um modo de mostrar compaixão pelo destino alheio. Compaixão que fica ainda mais caracterizada quando ela fala a respeito das crianças indígenas, “dá até dó da gente contar isso”. Caso se considere as observações de Ecléa Bosi (1999) de que o passar dos anos altera a percepção, as idéias, juízos e valores das pessoas; e que, desse modo, as lembranças estão

transpassadas por visões de mundo atuais; pode-se considerar que um sentimento materno aflora no instante da performance, pois a narradora não fica indiferente ao que está narrando.

Os sentimentos suscitados são de alguém que não concorda com a matança de seres indefesos. Surge daí a atualização moral. Dona Carmem não julga os acontecimentos como pertencentes a um passado, em que uma vontade de vingança provoca atrocidades, mas os atualiza com base em suas convicções atuais, isto é, com base na experiência de mulher, mãe e avó. Vázquez afirma que o

comportamento moral não é a manifestação de uma natureza humana eterna e imutável, dada de uma vez para sempre, mas de uma natureza que está sempre sujeita ao processo de transformação que constitui precisamente a história da humanidade. (1987, p. 17).

Assim, apesar de a narradora saber que os tempos eram outros, mais difíceis, ela condena os atos praticados ao lançar um olhar atual. Por isso, ela se mostra indignada e demonstra compaixão pelo destino alheio.

Dona Carmem faz parte de uma comunidade/sociedade que não aceita atos desumanos contra o outro, principalmente, as crianças. Dessa forma, seu senso moral percebe o conflito dentro da história, pois as formas de comportamento de seu grupo social são um pouco diferentes da época daqueles desbravadores. Sua consciência moral, sutilmente, reprova a atrocidade.

Antes de narrar esse caso, a pergunta endereçada a Dona Carmem era se conhecia seres da mata, como o caipora. Ela comenta que seus tios mataram uma caipora e mataram índios, daí surge a atualização da história. Logo após o término da narrativa, o pesquisador retoma a respeito da caipora. A narradora diz o seguinte:

A capora, meus tio tava caçando no mato e acharam a capora lá, mataram. Mas não é pra matar, que ela não tá fazendo nada de mal, né? Matou ela de judiação, que eles era valentão, né? Daí levaram. Ela tinha caporinha, o peito dela tava derramando leite. Que dó, né? Jogaram fora, que eles ia fazer com isso. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

Esse trecho reforça como o sentimento materno e de compaixão são contundentes nessa narradora. A caipora estava em seu habitat e não estava fazendo mal para ninguém, por isso não havia motivos para matá-la. “Valentão”, nesse trecho, surge como um

qualificativo de aspecto negativo, já que matar por diversão é repudiado pela narradora, principalmente quando há seres indefesos envolvidos. A banalidade do ato fica destacada na última frase, reforçando a inconseqüente atitude dos homens, pois o corpo é abandonado, ou melhor, é jogado fora como um objeto qualquer. A conduta moral negativa destacada é o desrespeito aos seres vivos. De certa forma, visto que as duas narrativas se referem ao desrespeito ao direito à vida e à falta de compaixão para com seres indefesos, como crianças e filhotes, elas se interligam.

O comportamento da pessoa em relação ao sucesso de outra também surge representada em narrativas orais. Por exemplo, seu José Isidoro, ao falar a respeito da inveja, transforma acontecimentos do cotidiano em casos de cunho moral:

Lá no norte tinha um homem, que ele, tudo no mundo que você ia fazer em casa, ele mandava pros quiambo. Você ia, sua roça era boa, ele marcava o dia que você entrava na roça, mode mandar corrigir. “Como a roça de fulano vai?” “Como vai o milho, como é que vai o feijão, o arroz, encaixou bem?” É assim. Roça dele, não tinha uma roça que ele plantasse que fosse boa. A sua podia não valer nada, mas só era boa a sua.

Aí quando foi um dia, o filho dele: “Oh, pai! Por que que ocê manda olhar a roça de fulano. Sua roça não é boa não?” “Não, meu filho! Mas a roça de fulano é melhor.” “E é nada rapaz, o bom é o da gente. O que Deus deu, a gente daquele jeito, é porque a gente só merece daquele jeito. O senhor olha do jeito... mandar olhar a roça dos outro e cuida do que é seu, porque quem tem o que é seu e não cuida, o Satanás é quem cuida. Ocê com ambição na dos outro, cê não vai ganhar nada. Cê se castiga por outro lado. Deus presente de lhe dar, atende de lhe dar uma coisa, não dá, porque o senhor joga fora”. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Um homem se preocupa em demasia pelo que os outros fazem e não cuida de suas coisas como deveria. Há uma inversão de posições na história no que se refere a quem ensina, pois o comum é o pai aconselhar o filho e não o contrário. O filho afirma ser necessário cuidar dos próprios bens para haver prosperidade do que invejar a vida dos outros. Para ele, Deus auxilia segundo o merecimento da pessoa. Caso ela não cuide de seus bens, corre o risco de perder tudo ou de não progredir. Deus concederia mais a quem se mostra responsável. Devido à série de prejuízos, o homem resolve acatar o conselho do filho:

Aí, e ele tinha prejuízo, criação dele morria, bichada, às vez atolada. Aí, “Meu filho, sabe que você tá me dando um parecer, vou deixar isso na (incompreensível).” “Deixe e preste atenção que o senhor vai melhorar de vida. Tem é que é dar o que é dos outro, olha o que é seu. O dos outro eles toma de conta, você deixando de olhar o seu e olhando o dos outro, o

Demônio é quem vai olhar o seu, porque o seu tá abandonado. Senhor não ligar com o que Deus lhe deu. Aí vem amanhã ou depois, Deus lhe deu e tirou. Não! Quem tirou foi o senhor. Deus, nosso Senhor, tá dando com uma mão e ocê tá jogando com as duas no outro lado”. Aí ele deixou.

Aí nunca morreu mais, nunca mais morreu uma criação dele, nada, tudo quanto era dele. Amanheceu no outro dia, ele tava dentro da roça dele, colhendo pra lá e pra cá, rancando um pezinho de mato daqui, outro acolá e pronto. Não quis mais saber. Aí ele foi e falou: “É, meu filho, cê tá certo. Olhar o que é dos outro é pecado, olhar o que é da gente, o que Deus deu a gente, porque o que o Deus deu, se o, se o, deu, nosso Senhor deu cem mil réis ao senhor e deu duzentos o outro, é porque o outro merece duzentos, o senhor só merece cem. Nosso Senhor dá o frio, conforme a roupa. Nosso Senhor não dá, não dá asa à cobra, porque a cobra já morde sem ter asa e se ela sair voando e mordendo. Aí não escapa ninguém. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Nesse trecho, o conselho se repete mais uma vez, o que se desdobra numa maneira de reforçar a moral da história. Aparece também uma crítica àqueles que culpam a divindade quando perdem seus bens materiais ao invés de assumirem a responsabilidade por seus atos. Na vida real, de acordo com Vázquez, está-se em constante confronto com problemas práticos, do qual cada ser humano toma decisões conforme princípios adotados pela comunidade/sociedade e reconhecidos pelo integrante do grupo. Para que esses problemas possam ser resolvidos, “os indivíduos recorrem a normas, cumprem determinados atos, formulam juízos e, às vezes, se servem de determinados argumentos ou razões para justificar a decisão adotada ou os passos dados” (VÁZQUEZ, 1987, p. 7). Na narrativa, o filho conselheiro argumenta a respeito de justificativas infundadas, pois cada pessoa seria responsável por suas próprias decisões e atos, mesmo as inconseqüentes. A narrativa termina com provérbios – como foi visto na primeira parte deste capítulo, uma característica de seu José Isidoro – que se ligam ao sentido geral da narrativa.

Como já comentado, Deus provê conforme a necessidade de cada pessoa. Entretanto, são as decisões e atitudes pessoais que levam à prosperidade. Abrem-se portas para a responsabilidade pessoal, item fundamental para uma existência ética. Na história, o pai pondera a respeito dos conselhos do filho. Muda suas atitudes em relação a suas posses e às posses dos outros e, por conseqüência, progride. Não dá para saber se os acontecimentos foram contados como realmente aconteceram, pois o narrador imprime suas próprias convicções na história. A voz de seu José Isidoro toma por base as certezas de sua comunidade, no que ela preza por certo e errado. Assim, quando esse tipo de narrativa é

atualizada, dificilmente a platéia deixa de opinar sobre as atitudes tomadas, pois também são agentes morais e, como tais, julgam de acordo com seu senso e consciência moral.

Como foi demonstrado, a moral em narrativas orais pode estar subjacente ou ser exposta claramente pelos narradores. De uma ou de outra forma, percebe-se a atualização de um discurso ético, isto é, a comunidade narrativa representa valores aceitos como bons ou maus de acordo com as convicções de cada narrador, convicções que podem estar condicionadas socialmente.

Essas narrativas têm alguma função prática? Há uma estética no evento comunicativo? Quais os fatores que configuram o prático e o gratuito em narrativas orais? Quais os elementos presentes no momento em que uma história é construída e repassada? Essas questões serão trabalhadas no próximo capítulo.

5 PERFORMANCE: CONVERGÊNCIAS E CONSTRUÇÕES

Escutava. Meu vô contava caso pra nós, mas que era caso de verdade memo. Ele sabia tudo, por causa daquela gente que ia debulhar amendoim de noite. Tinha um véio lá que contava caso também pra danar.
(Dona Carmem)

Nas manifestações artísticas orais, a performance é o momento em que vários elementos convergem para a produção e a transmissão de uma narrativa. Uma gama de fatores possibilita representações poéticas ligadas à visão de mundo da comunidade geradora. Assim, neste capítulo, comenta-se a respeito de alguns desses fatores importantes relacionados à performance, os quais estão ligados à produção de sentido. São retomadas algumas discussões já ponteadas nos capítulos anteriores, como a autoridade e a legitimação que o narrador constrói ao longo da performance. Antes, porém, uma vez que os narradores discutem e defendem normas de conduta valorizadas pela comunidade, busca-se refletir se existe uma dimensão prática nas narrativas e se isto elimina a gratuidade estética.

5.1 O PRÁTICO E O GRATUITO

Parece haver nas narrativas analisadas um sentido prático transmitido nos eventos comunicativos, pois as histórias trazem por tema exemplos de comportamento. Mas será que o prático elimina a gratuidade estética?

Em relação à praticidade, Walter Benjamin (1996) considera ser uma das características dos bons narradores. Dessa forma, a natureza de uma narrativa pode ter uma dimensão utilitária, “essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1996, p. 200).

Para Benjamin, a capacidade de aconselhar está ligada ao intercâmbio de experiências, isto é, à capacidade de narrar suas próprias experiências e a de outros, em que existe uma interação entre ouvinte e narrador, na qual ocorre a preservação e possibilidade de reprodução do narrado. Ele levanta essas questões, naquele contexto sociocultural e histórico,

por acreditar que a troca de experiência estaria em via de extinção, pois as explicações que acompanham o mundo das informações minam a capacidade de narrar, de deixar espaço para interpretações. Essas discussões feitas tinham por intenção levantar questões a respeito da obra de Nikolai Leskov. Todavia, suas reflexões se mostram atuais no contexto londrinense no que concerne à capacidade do narrador em aconselhar e transmitir experiências.

Seu José Isidoro, por exemplo, foi rapidamente apontado como um contador de histórias por um informante, isto mostra que esse narrador atualiza narrativas com frequência. Outro ponto importante, na entrevista feita com ele, havia uma pessoa, amiga do narrador, a qual pedia para que seu José Isidoro contasse determinada história. Como foi visto, esse narrador reafirma valores dispostos e critica atitudes quando atualiza as narrativas. Desse modo, como há um público, há visões de mundo sendo compartilhadas e ocorrem trocas de experiências.

Por outro lado, as narrativas de vida – ou causos, como chamam alguns narradores – também transmitem experiências e aconselham a respeito do como viver bem. Quando seu Geraldino atualiza a narrativa do patrão bêbado³⁸, está transmitindo sua experiência pessoal e, ao mesmo tempo, afirmando seu valores, os quais se ligam aos da comunidade narrativa. Ao traçar considerações referentes à cultura popular e à cultura de massa, Ecléa Bosi (1989) considera que a primeira pode ser uma forma de educação informal, “uma educação que orienta e revigora comportamentos, faz participar de crenças e valores, perpetua um universo simbólico” (BOSI, 1989, p. 65).

Recapitulando, Dona Carmem disse que seu avô lhe ensinou muitas histórias, também diz que seus netos gostavam de ouvi-la. O velho participa da socialização da criança, conforme lembra Ecléa Bosi (1999). Seu José Isidoro deixa entrever, como observado no primeiro capítulo, a existência de outras formas de aprender, não só os meios legitimados. Principalmente, a pessoa idosa, devido a sua ampla experiência, tem autoridade para ensinar. De fato, existe uma educação informal.

Num outro contexto, especificamente do Estado paulista, o prático presente nas narrativas orais é observado por Oswaldo Xidieh, o qual afirma que a literatura popular “não é gratuita, como não são gratuitos todos os seres e coisas que integram o mundo rústico” (1993, p. 26). Assim, a cultura daqueles denominados “primitivos”³⁹, bem como da sociedade cabocla estudada por ele, seria definida em termos de estrita utilidade. “Ali, o que não é útil, isto é, não aplicável a alguma coisa, não tem nome, não existe ou se classifica como *imundície*

³⁸ Primeira narrativa da segunda parte do terceiro capítulo.

³⁹ Repetem-se, nesta dissertação, os termos utilizados pelos autores consultados.

do mato ou *tolice sem fundamento*” (XIDIEH, 1993, p. 26). Esse sociólogo busca compreender o material coletado como esfera da cultura e como fenômeno social. Dessa forma, traça considerações a respeito dos valores morais, sentidos de justiça, práticas e crenças mágico-religiosas etc., presentes nas narrativas. Com relação à moral, por exemplo, diz:

se analisarmos as narrativas presentes, constataremos que nelas se adensam, com maior ou menor frequência e intensidade, todos os valores da cultura rústica e popular, e que nela conseqüentemente, registram-se os princípios de moral e de etiqueta, as práticas mágico-religiosas, as crenças e os princípios religiosos, os julgamentos de valor, os temas e os personagens preferenciais da literatura oral. (XIDIEH, 1993, p. 83).

Constata haver nos relatos “um corpo de valores morais que, no convívio social, apresentam-se como padrões de referência ao comportamento e meios reguladores e controladores de ação” (XIDIEH, 1993, p. 83). Em suma, por mais simples divertimento que possa parecer a elaboração oral, de acordo com esse pesquisador, estaria sempre presente algo de preceito, de utilidade e de etiqueta. Essas são possibilidades reais, mas cabe ressaltar que tudo depende do sentido gerado e da forma como o narrador atualiza a história. Por exemplo, o narrador pode trazer dentro da estrutura da narrativa ensinamentos práticos ao reconstruir o espaço em que ocorreu a história, como fez seu Sebastião no seguinte trecho, já citado no primeiro capítulo:

Fala gramado, o pasto lá é o seguinte: eles cerca a roça e cerca a criação, né? Cerca a roça com cerca e solta a criação de qualquer jeito, mas só que o dele lá era cercado assim uns dois alqueires mais ou menos, cercado com cerca de lasca. Lá eles falava, antigamente eles falava caia, né? Lasca cê sabe o que é lasca, né? Cê enche a cerca tudo assim, cê finca uma madeira de lá outra de cá, igual cê vai fazenda a coluna de um muro, por exemplo. Só que você vai enchendo de lasca, uma de lá, outra de cá. E vai levantando aquilo ali, até fazer mais ou menos a altura que cê quer. Um metro, um metro e meio, dois metro. Aí tinha aquele feixe, né? Então tinha aquela entrada, igual seria esse portão, por exemplo. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Quem não conhece o processo de construção do cercado passa, pelo menos, a ter noção desse processo. Xidieh, pelo que se percebe, selecionou as narrativas que melhor

representam a estrutura sociocultural da região pesquisada por ele. Entretanto, existem histórias que são atualizadas de modo lúdico⁴⁰, como a narrada por seu Pedro Antônio:

Diz que tinha o tal de saci, né? Tinha não, tem!!! Esse é um espírito vagante, daquele antigamente, né? Hoje acho que é coisa, até o saci tem medo da molecada (ri). (Ah! É?) Ah! Moleque hoje monta cavalo no saci, já viu aquela história, bom essa já é... não vou contar essa. (Não, pode contar.) Lembra do moleque que (ri) enfiou um pau (ri) no rabo do saci. Saci virou um cavalo, eles montaram, montou três em cima do lombo do cavalo (ri) e sobrou uns moleque pra trás. Eles falou: “Olha enfia um pau pra nós garupar.” Ah! Derrubou tudo e sumiu! Falou: “Ah! Essa hora não.” Essa é uma meia piadinha, né? (ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

As narrativas de sentido moral ou representativas de valores considerados pela comunidade, como as apresentadas no segundo e terceiro capítulos, em geral, são atualizadas mais seriamente. Todavia, isto não elimina a gratuidade. Nesse sentido, importantes são as reflexões de Antonio Candido (1976), ao tecer diferenças no tocante aos estímulos condicionantes da literatura escrita e da oral, as quais trazem à tona considerações no que se refere ao prático e ao gratuito em narrativas orais e manifestações afins.

Para esse crítico, nas literaturas orais é mais clara a função exercida pela obra na organização da sociedade do que a autonomia do autor. Nos grupos ligados às manifestações orais, torna-se mais preponderante a função social, a qual “comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade” (CANDIDO, 1976, p. 46). Como exemplo, ele se refere aos episódios da *Odisséia*, os quais atualizados na Grécia,

reforçavam a consciência dos valores sociais, sublinhavam a unidade fundamental do mundo helênico e a sua oposição ao universo de outras culturas, marcavam as prerrogativas, a etiqueta, os deveres das classes, estabeleciam entre os ouvintes uma comunhão de sentimentos que fortalecia a sua solidariedade, preservavam e transmitiam crenças e fatos que compunham a tradição da cultura. (CANDIDO, 1976, p. 46).

A função social não dependeria da vontade ou da consciência daqueles ligados no processo comunicativo, pois a “própria natureza da obra, da sua inserção no

⁴⁰ No sentido de brincadeira.

universo de valores culturais e do seu caráter de expressão” (CANDIDO, 1976, p. 46) seriam seus determinantes. Todavia, na maioria das vezes, artistas e público instituem certas vontades, as quais passam a constituir uma das camadas de significado da obra. O transmissor intenciona atingir determinado fim, enquanto o receptor deseja observar aspectos do real refletidos na obra.

As manifestações orais, ainda de acordo com Candido (1976), são mais comuns do que pessoais. Como ocorre a representação de aspectos que interessam a todos, há uma ligação maior com o coletivo. De fato, como foi visto, seu José Isidoro ao narrar suas histórias, as quais representam formas de conduta, toma por base regras morais consideradas por sua comunidade. Quando narra, ele toma uma posição, a qual está condicionada ao interesse coletivo.

Antonio Candido argumenta ser importante não haver um desligamento entre a obra e seu contexto de produção “isto é, da pessoa que as interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência, em função das quais foram elaboradas e são executadas” (CANDIDO, 1976, p. 48). A significação da obra fica prejudicada quando há a separação das circunstâncias em que foram criadas, pois são “feitas para serem incorporadas imediatamente à experiência do grupo, à sua visão do mundo e da sociedade” (CANDIDO, 1976, p. 49). Separadas das circunstâncias, deixam de ser palavra atuante. Assim, o sentido prático, por exemplo, de uma narrativa oral existe dentro do conjunto de uma situação social, mas também há uma estilização formal em que se “combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade” (CANDIDO, 1976, p. 53).

Frederico Fernandes (2002) observa que o narrador “procura encantar com a magia dos sons das palavras e divertir os ouvintes com gestos e expressões impressas em sua face” (FERNANDES, 2002, p. 13). Há um trabalho com a linguagem, no qual a criatividade, o jeito de narrar, o lúdico e os planos ideológicos “trazem indícios de que se está lidando com uma ‘enfabulação’ do cotidiano” (FERNANDES, 2002, p. 16). Nas narrativas orais, o narrador “manifesta desejos pessoais e anseios coletivos e nem sempre os fatos se apresentam como ‘verdadeiros’, mas em geral como ele gostaria que fossem” (FERNANDES, 2002, p. 26).

Desse modo, o prático não exclui a gratuidade estética. Ambos se harmonizam, pois, no momento da narração, a platéia pode prestar atenção não só no que está sendo narrado, mas também na forma como é narrado. Dessa maneira, uma narrativa pode ser

considerada “boa” devido aos meios que o narrador emprega para construir e transmitir sua história, tornando-a interessante e/ou representativa dos anseios coletivos. Isto dependerá do contexto presente no momento da performance. Segundo aponta Antonio Candido (1976), ao se basear no antropólogo Bronislaw Malinowski, entende-se por contexto, além da referência sociológica, organização social e função na cultura, o próprio ato de narrar, no qual entram em cena a voz, o gesto, o próprio corpo.

5.2 PERFORMANCE

A performance, como comentado no início deste capítulo, é o instante no qual vários fatores tornam possível representações poéticas que se ligam a concepções de mundo da comunidade narrativa. De acordo com Zumthor (1997, 2005), a performance é uma ação complexa por meio da qual uma mensagem poética é materializada tanto pela voz como pelos gestos, bem como por outros movimentos corporais. É o momento em que o evento comunicativo se concretiza pela interação entre os interlocutores e pelos contextos presentes na atualização.

Walter Ong (1998), ao traçar considerações a respeito de diferenças entre a palavra oral e a palavra escrita, diz que a primeira

nunca existe num contexto puramente verbal, como ocorre com a palavra escrita. As palavras proferidas são sempre modificações de uma circunstância total, existencial, que sempre envolve o corpo. A atividade corporal que acompanha a mera vocalização não é eventual ou arquitetada na comunicação oral, mas natural e até mesmo inevitável. Na verbalização oral, particularmente a pública, a imobilidade absoluta é em si um gesto que impressiona. (ONG, 1998, p. 81).

De fato, na performance, muitos narradores utilizam-se de gestos, mudanças rítmicas e tonais da voz, olhares furtivos, enfim, vários meios de apreender a atenção do receptor para o que está sendo falado. Retomando Frederico Fernandes (2002), o narrador busca aproximar o ouvinte da ação, na qual “os efeitos sonoros e visuais propiciam uma representação do acontecimento, tornando-o mais real” (FERNANDES, 2002, p. 29). A comunicação por gestos “em lugar das palavras também é extensão da voz, o efeito buscado é

tornar a fala mais real, pois o contador confere uma forma aos objetos, numa vã tentativa de concretizá-los” (FERNANDES, 2002, p. 30).

Zumthor (2001, 2005) diferencia dois termos presentes na performance: obra e texto. Texto seria a “seqüência lingüística que tende ao fechamento, e tal que o sentido global não é redutível à soma dos efeitos de sentidos particulares produzidos por seus sucessivos componentes” (ZUMTHOR, 2001, p. 220). A obra engloba o texto, além dos ritmos, sons, elementos visuais, em suma, o termo abrange todos os fatores presentes na performance. Zumthor (2001), assim como Walter Ong, parte do pressuposto de que, ao contrário da escrita, a palavra expressada oralmente não existe num contexto estritamente verbal: “ela participa necessariamente de um processo mais amplo, operando sobre uma situação existencial que altera de algum modo e cuja totalidade engaja os corpos dos participantes” (ZUMTHOR, 2001, p. 244).

É fixado na performance, “pelo tempo de uma audição, o ponto de integração de todos os elementos que constituem a obra; que se cria e recria sua única unidade vivida: a unidade *desta* presença, manifesta pelo som *desta* voz” (ZUMTHOR, 2001, p. 163). Corpo e entorno criam significados em conjunto e uma obra dificilmente será reiterável.

Nas narrativas de sentido moral, por exemplo, recolhidas nos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville, o tom grave da voz se faz sentir nos momentos de afirmação de valores considerados pelo narrador. A expressão facial se torna mais séria. Dedo em riste confirmando a severidade. Em outros narradores, como Dona Carmem, um tom de voz suave, que demonstra compaixão, revela a condenação de um ato. A voz desgastada pelo tempo por si só legitima opiniões pela ampla experiência que carrega. Zumthor (2005) lembra que em diversas sociedades há uma valorização da existência social da voz. Quando se fala, dirige-se para outros. A

palavra que não é endereçada a algum outro é puramente autista, psicótica, considerada como desviante. A maior parte das civilizações exploraram este caráter da linguagem codificando, mais ou menos, nos costumes ou nas leis, certos comportamentos lingüísticos de forte função social. Eu tomo um exemplo extremo: uma mulher falando a seu filho pequeno. Ela usa uma linguagem particular, constituída de tonalidades, de timbres, de todas essas qualidades materiais da voz, independentes das palavras, mais ou menos deformadas, em linguagem de “bebê” que ela pode produzir. (ZUMTHOR, 2005, p. 66).

Walter Ong segue a mesma linha de pensamento. Para ele, uma palavra na linguagem falada terá certa entoação ou tom de voz denunciando de uma animação, calma, ira, excitação, resignação etc. “É impossível pronunciar uma palavra oralmente sem qualquer entoação” (ONG, 1998, p. 118). No entanto, cabe ressaltar, a forma como os narradores se expressam é natural. Eles não ensaiam antecipadamente gestos, tons de voz, isto é, não são atores, no sentido restrito da palavra. Como lembra Fernandes (2003a), o narrador vincula-se a uma comunidade narrativa e prioriza o conteúdo, não a técnica. Ele é um membro da comunidade que compartilha suas experiências e as dos outros.

Há os narradores que se sobressaem em relação a outros por sua capacidade de expressão comunicativa. Durante as entrevistas, por exemplo, algumas pessoas respondiam de forma lacônica quando havia a necessidade de perguntas mais diretas. Elas também são importantes para compreender os contextos presentes numa performance, bem como as principais características de um tema narrativo. Entretanto, os mais comunicativos, grande maioria dos entrevistados, foram os que não precisaram de muitas interferências do entrevistador. Uma simples palavra, ou comentários sobre uma história, era o suficiente para a atualização de um tema narrativo. Disto, tira-se que a forma como se narra é tão importante quanto a história narrada. Beth Rondelli (1993), por exemplo, percebeu que

contar histórias requer o domínio de uma linguagem teatral que a audiência desfruta juntamente com o desenrolar do texto. Os gestos e o tom de voz do narrador, a maneira como monta os episódios e constrói diálogos entre os personagens, com a imitação de suas vozes, a resposta às manifestações dos ouvintes, enfim, toda a expressividade e espontaneidade que possam estar presentes em alguém que diz um texto, ao mesmo tempo que o representa por meio de códigos não-verbais, são fruídas pelos participantes. Esses elementos é que tornam cada narração única e singular, mesmo que seu enredo básico seja repetido. (RONDELLI, 1993, p. 31).

Discordando apenas da utilização do termo “linguagem teatral”, que pode suscitar comparações com as técnicas teatrais, o fato é que a espontaneidade auxilia na apreensão de uma história. Frederico Fernandes (2002) comenta, num trecho já citado na primeira parte deste capítulo, que os narradores encantam e divertem os ouvintes com o som das palavras, com os gestos e as expressões faciais. Os participantes do círculo narrativo comungam do mesmo mundo, “operam códigos comuns, fazem leituras e podem se revezar na imposição da voz. Não se trata simplesmente de falar mais alto, mas saber convencer” (FERNANDES, 2002, p. 28). É necessário saber o como comunicar para convencer. Assim,

em geral, distinguem-se os narradores que têm determinado conhecimento sociocultural valorizado pela comunidade, conhecimento que se alia à capacidade comunicativa.

Muitas vezes, eles exercem uma autoridade por serem capazes de persuadir. Nas narrativas de corpo seco e de enterro, bem como nas afins, a diferença em considerar como verdadeiras as situações apresentadas pode residir na confiança que os ouvintes depositam no narrador. Frederico Fernandes (2003a) comenta ser necessário

considerar a mente do narrador como um espaço de conflitos assinalados pelo desejo de autoridade, pela necessidade indispensável de pôr sentido naquilo que fala, e também pelo desejo de se caracterizar como representante dos anseios coletivos. (FERNANDES, 2003a, p. 181).

Caso o narrador não exerça essa autoridade, seja por fatores comunicativos e de convencimento, seja por ser uma pessoa desconsiderada dentro da comunidade, devido às suas atitudes no convívio cotidiano, a moral de uma história, por exemplo, pode ser pouco notada ou ainda não ser percebida.

Nas entrevistas, os narradores que mais atualizaram histórias com referências morais foram aqueles que assumiram posições éticas firmes em seus relatos de vida, sem titubear. Dessa maneira, uma moral, representante de um anseio coletivo, pode ser mais bem recebida pela platéia quando o narrador é um comunitário possuidor de qualidades valorizadas pela maioria. Da mesma forma que, por exemplo, um caçador cujo conhecimento dos artífices de caça seja notório recebe legitimação maior para narrar histórias de caçada. A sua experiência o legitima. Seu José Isidoro, por exemplo, deixa transparecer suas convicções de forma contundente. Ele assume uma posição diante da moral de uma história e a defende tomando por base as tensões morais cotidianas. O fato de seu amigo pedir para ele contar certa história confirma a legitimidade que esse narrador recebe. Dessa forma, quem narra também é um dos fatores importantes para entender o porquê de uma narrativa de conteúdo moral ser melhor apreendida por quem ouve.

Nos capítulos anteriores, verificou-se que, em muitas narrativas, o narrador busca afirmar os acontecimentos lançando como meio legitimador o fato de parentes terem narrado a história ou vivido a situação. Seu Sebastião narra com veemência e como verdades as histórias contadas como tais por seu pai. Na narrativa do menino que virou corpo seco, isto pode ser percebido. Por sua vez, seu Francisco se mostra incrédulo a respeito das narrativas do corpo seco. Aliás, ele vê como mentiras muitas histórias, uma forma de amedrontar as

peessoas. Todavia, atualiza narrativas de cunho sobrenatural tiradas de sua própria experiência, como na que segue, por exemplo:

É, eu sempre eu ia soltar os cavalos numa porteira que tinha, nós morava uns trezentos metros pra cima. E, nos pinheiros que tinha assim, eu via dois fogo que se encontravam um com o outro. E sempre ficava, às vezes eu parava, ficava olhando, dez, vinte minutos, ia embora, não tinha medo, depois eu comecei a pegar medo.

E, quando foi uma noite que eu ia soltar os cavalos lá, eu falei pra minha mãe: “Zóia! Manda o irmão mais novo junto, que eu tou com muito medo, eu num, eu num quero ir sozinho hoje.” Ela falou: “Não, não tem perigo não. Quando cê vê alguma diferente se, se benze e faz oração que não tem nada que chega perto.” Daí, eu peguei fé naquela, naquele ensinamento que ela me deu, né?

E, mas esse dia ela pegou e mandou o irmão mais novo junto pra nós soltar os cavalos. Quando chegemo na porteira, em cima de uma ponte, que tinha uns cinqüenta metros na frente, tava uma tocha de fogo d’uns 80 centímetros, 80 centímetros de altura e soltando faísca de tudo cor, era muito bonito, só que nós ficamos com medo.

E, o irmão meu queria voltar. Eu falei: “Não. Vamo soltar os cavalo.” Ele queria voltar com o cavalo, depois eu tinha quer voltar sozinho. Digo: “Não! Vamos soltar os cavalos.” Daí, ele... eu vi que ele num queria descer do cavalo, eu lembrei da oração, eu comecei a fazer a oração. O fogo apagou na hora. O fogo apagou na hora.

Daí, ele não queria descer do cavalo, derrubei ele do cavalo, soltei os cavalo e ele saiu correndo na frente e eu atrás de medo da assombração. Mas, é... a fé que manda, a gente tendo fé não tem perigo não. E, era isso aí o caso da assombração que eu vi. (ENTREVISTA: Francisco Plath, distrito de Lerroville).

A mãe do narrador o aconselha a orar quando em situação de perigo “diferente”. Seu Francisco diz que não existe perigo quando há fé. Parte-se, assim, do pressuposto de que existem ocorrências sobrenaturais e de que elas podem ser combatidas por meio da fé. Na narrativa de enterro em que um baiano divide o tesouro, seu Francisco narra como verdadeiros os acontecimentos. Recapitulando o final: “E, o primo da minha mãe, depois mudou pra Guarapuava, pôs um supermercado lá. O outro ficou bem de situação. Tiraram o ouro. Essa é a assombração, é a história que eu... conheci até a bananeira que eles cavucaram lá.” (ENTREVISTA: Francisco Plath, distrito de Lerroville). Primeiro, há um parente que participa da história. Segundo, o narrador teve contato com o espaço onde estava o tesouro. Esses são os meios de valorar os acontecimentos. Dessa forma, provavelmente, seu Francisco tende a dar crédito às narrativas contadas por pessoas de sua confiança e cujo espaço apresentado ele conheça. Nessas circunstâncias, ele empenha sua palavra para evitar olhares descrentes.

As narrativas contadas como acontecimentos verdadeiros, bem como as “historinhas” de fundo moral, abrem precedentes para discussões no grupo. Em outro contexto sociocultural, Câmara Cascudo percebeu uma situação análoga:

O interesse se expressa pela participação crítica e apreciação espontânea da matéria moral, gratidão, ingratidão, inveja, calúnia, traição, mentira. Ouve-se uma sugestão para o castigo do vilão, a crítica impiedosa às moças cuja vaidade as fez malvadas. (CASCUDO, 1978, p. 34).

Essas discussões, por sua vez, podem servir como mote para o encadeamento de outras narrativas. Segundo Walter Ong, o público dirige, com seus desejos e permissões, o que conta o narrador. Nas relações interativas, “o público vivo pode interferir ativamente na estabilidade verbal: as expectativas do público podem contribuir para a fixação dos temas e das fórmulas” (ONG, 1998, p. 80). De fato, o contexto de atualização de uma narrativa engloba a participação da platéia. Num trecho, já citado no primeiro capítulo, seu Pedro Luiz afirma a importância da presença de outras pessoas:

Tem. Mas isso tem que ter tempo. Pra alembiar, né? Isso aí é muito bom, sabe por quê? E numa maloca assim ó, aí tomando uma, cê solta uma, eu alembro de dez. Mas pra alembiar tudo sozinho é... [...] É! É! Dia aí, cê pega conta uma piada aí: “Putá merda! A piada de fulano foi boa.” Aí começa a lembrar também, né? Aí vai muito tempo, contando piada, contando anedota. (ENTREVISTA: Pedro Luiz Barbosa, distrito de Paiquerê).

A capacidade comunicativa do narrador, sua autoridade em focar determinados temas e a participação da platéia conjugam-se na construção de sentidos éticos em uma narrativa.

Outro ponto importante a ser considerado é que o futuro narrador assimila os elementos que constituem certa narrativa no momento em que a escuta (FERNANDES, 2003a, p. 212). Posteriormente, quando atualiza essa história, ele pode articular e associar motivos. Nesse processo de articulação, associação e (re)interpretação, o narrador dá novos sentidos e significados para o tema narrativo, os quais podem ser diferentes em cada atualização. Assim, é plenamente possível uma narrativa de corpo seco apresentar certa moral numa atualização e em outra apresentar maiores referências que gerem medo.

Fernandes (2003a) argumenta que o narrador cerca a narrativa com limites interpretativos ao operar significados. Nesses limites, deixa transparecer alguns desejos latentes. Todavia, ainda segundo esse pesquisador, é no ato da recepção que os sentidos são gerados, no qual pode tanto haver assimilações, quanto turvamentos do significado recebido por parte do ouvinte no instante em que este extrapola certos limites interpretativos delimitados pelo narrador. Em relação à participação da platéia, ela contribui para o narrador completar associações, escolher um tema narrativo e encadear as histórias.

Enfim, são nos contextos de criação, ou seja, na performance, que entram em cena a memória, a (re)interpretação e (re)articulação da história por parte dos participantes, a legitimação de quem narra, a identificação sociocultural da conjuntura apresentada – isto é, se o que está sendo narrado tem relação com o cotidiano dos ouvintes – e as impressões deixadas pelo narrador e as construídas pela platéia. Uma história dificilmente é narrada de modo similar, pois os contextos de uma performance não podem ser repetidos.

Assim, no momento em que um narrador utiliza a ética como mote para recriar uma narrativa, ele o faz de acordo com uma construção histórica, pessoal e/ou coletiva. Entretanto, essa recriação só tem sentido pleno quando encontra respaldo, ligações, no cotidiano e na identidade da comunidade narrativa. Portanto, as narrativas orais não são apenas sobrevivências de um passado remoto, de resquícios de uma moral “primitiva”. Trata-se de uma construção reflexiva calcada na visão de mundo da comunidade narrativa e nas várias possibilidades dos contextos presentes numa performance.

6 VOZES (PO)ÉTICAS: FRUTOS COLHIDOS

Que lá em Londrina tem aquela praça que fica aquelas malandragem lá, eu não passo lá. Eu já sei como é que é. Não é? Eu já num passo. Agora, o cara vai entrar lá pra procurar, né? Acha. A gente tem que desviar do mal, não é? Tem que procurar pra bem, mas pra mal não. E outra coisa também, eu na idade que eu tou nunca tive inveja de ninguém. Eu nunca, nunca, nunca briguei com ninguém. Graças a Deus! Ensinei meus filho a respeitar os outro. Então, então até agora, graças a Deus! Na idade que eu tou, já conheci muito humano.
(Seu Geraldino)

Os narradores dos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville demonstraram em seus relatos de vida haver uma comunhão de valores e princípios, a qual está ligada à identidade do grupo e visa a manter um padrão de conduta entre os comunitários, seja nas relações interpessoais, seja nas relações com a própria comunidade/sociedade em seu todo. Quando comentam a respeito do passado, confrontam-no com o presente e criticam a falta de respeito aos princípios norteadores da comunidade, principalmente no que concerne a considerar os outros nas decisões do cotidiano. Situações geradoras de conflito, as quais não existiriam ou eram menos frequentes no passado, tornaram-se comuns e ameaçam as relações éticas do cotidiano. Assim, envolvimento com drogas, assaltos, brigas sem um motivo aparente, filhos desrespeitando os pais, entre outras situações recriminadas pela comunidade narrativa, aparecem nos relatos como ameaças que podem desestabilizar a coesão do grupo.

Neste contexto social, podem surgir histórias que exemplificam modos de comportamento desconsiderados pela comunidade narrativa, um bom exemplo dessas histórias são as que se referem ao corpo seco. Ao qualificarem de modo negativo o personagem corpo seco, os narradores afirmam suas convicções atuais e preconizam ser necessário adotar certos padrões de conduta valorizados pela comunidade, por exemplo, considerar e respeitar os outros nas deliberações pessoais. Da mesma forma, as narrativas de enterro podem denunciar os valores considerados pela comunidade quando um personagem é apresentado com caracteres não legitimados pelos narradores ou quando as circunstâncias presentes na história convergem para um sentido moral, como no instante em que um dos personagens perde o tesouro devido à sua índole.

Há histórias relacionadas ao sobrenatural que tendem com maior frequência a enfatizar aspectos morais, como foram os casos das narrativas de corpo seco e de enterro. Essas histórias exemplificam situações e formas de conduta que podem levar aqueles que não observam os preceitos éticos da comunidade narrativa a castigos após morte. Todavia, em vez de um medo premente, a direção dada pelos narradores foi a de afirmação de seus valores, que pode se desdobrar numa espécie de conselho aos outros comunitários.

As narrativas com sentido moral não se encerram nestas em que o sobrenatural se faz presente. Os casos de vida, pessoal ou não, também se desdobraram em sugestões do como se comportar diante dos dilemas morais, e em outras narrativas, as quais não são contadas como fatos reais, veiculadas pela comunidade de narradores, o enfoque ético se mostrou evidente. Nestas, principalmente, percebeu-se que os narradores notam e discutem os atos dos personagens envolvidos na história, bem como as conseqüências desses atos. A comunidade compara a narrativa com a sua realidade diária, seu contexto sociocultural, critica os comportamentos e aponta direções que deveriam ter sido tomadas, sempre se baseando na sua visão de mundo.

As narrativas são aprendidas no trabalho, nos encontros familiares e sociais, bem como são retiradas da experiência pessoal e coletiva. O narrador, quando atualiza uma história, freqüentemente gera sentidos relacionados aos anseios e preocupações do seu cotidiano e o da sua comunidade. Todavia, além da ligação com o contexto sociocultural, o sentido de uma história também depende do andamento da performance, pois a platéia pode intervir e mudar o rumo da narrativa. O contexto de criação, dessa forma, torna-se muito importante para compreender o porquê de uma narrativa receber, por exemplo, num momento um sentido cômico e em outro um sentido moralizante.

Por sua vez, as regras morais surgem para manter a integridade de um grupo sociocultural. Historicamente, conforme aponta Marilena Chauí (1995), estão intimamente ligadas ao desejo de evitar a dor, o sofrimento e alcançar a felicidade. Na relação entre indivíduo e preceitos morais, entra em cena o senso e a consciência moral. Como apontado na análise das narrativas de corpo seco, o senso moral refere-se à aptidão das pessoas em perceber situações conflitantes de ordem moral. A consciência moral diz respeito à capacidade de cada um em ponderar a respeito de qual atitude tomar diante desses conflitos. O senso e a consciência moral estão ligados à vida cultural, e esta “define os valores positivos e negativos que devem respeitar ou detestar” (CHAUÍ, 1995, p. 336). Por serem socioculturais, ligam-se a concepções de vida vigentes num espaço e contexto histórico.

Dessa forma, o que pode ser considerado violência ao indivíduo, ou ao grupo, em determinado lugar, pode não ser em outro.

Todavia, “malgrado as diferenças, certos aspectos da violência são percebidos da mesma maneira, nas várias culturas e sociedades, formando o fundo comum contra o qual os valores éticos são erguidos” (CHAUÍ, 1995, p. 336). No momento em que uma cultura ou sociedade determina o que é mal, vício e crime, “circunscrevem aquilo que julgam violência contra um indivíduo ou contra o grupo” (CHAUÍ, 1995, p. 337). Ao mesmo tempo, constroem valores considerados positivos como meios éticos de defesa contra essa violência. De fato, os valores éticos surgem para evitar violência física e psíquica, mas também servem para manter a coesão comunitária e social em todos os aspectos da vida em grupo. Dessa maneira, toda insurgência que de alguma forma possa prejudicar as relações pessoais e comunitárias torna-se alvo de crítica moral.

O integrante do grupo pauta suas decisões nas normas que ele julga mais apropriadas. Essas decisões causarão conseqüências para outras pessoas ou para a comunidade em conjunto, por isso serão passíveis de julgamento pelos outros integrantes. O indivíduo concreto é um ser social “e, independentemente do grau de consciência que tenha disto, parte de determinada estrutura social e inserido numa rede de relações sociais, o seu modo de comportar-se moralmente não pode ter um caráter puramente individual, e sim social” (VÁZQUEZ, 1987, p. 20). Cada indivíduo nasce numa sociedade, argumenta Vázquez, na qual está em vigor uma moral efetiva que não foi inventada por cada um especificamente, “mas que cada um encontra como dado objetivo, social” (VÁZQUEZ, 1987, p. 20). Ressalta, entretanto, que o indivíduo só pode se comportar de acordo com as normas, mesmo condicionado socialmente, desde que tenha margem individual para poder decidir e agir. Deve ter consciência de seus atos e de que estes podem prejudicar os outros, pois só pode ser julgado de forma moral “os atos realizados livre e conscientemente e, por conseguinte, aqueles cuja responsabilidade pode ser assumida por seu agente” (VÁZQUEZ, 1987, p. 44).

Importante lembrar que dentro da sociedade surgem outras éticas, num sistema de gradação, por exemplo, a ética de uma família, de uma igreja, da escola, das empresas, de uma comunidade, de uma região, de um país etc. Essas éticas podem tanto se opor ideologicamente, quanto comungarem de certos valores, os quais podem passar a ter características universais. Desse modo, certas normas comuns a um contexto comunitário nem sempre se aplicam a outros contextos.

No que se refere às narrativas orais nos três distritos londrinenses analisadas, elas revelam o *ethos* social da comunidade narrativa, bem como o *ethos* de quem narra. Chauí (1995), mostra que *ethos* em grego, dependendo da pronúncia ou escrita, recebe dois sentidos. A vogal “e” pode ser pronunciada e escrita como vogal breve (*epsilon*) ou vogal longa (*eta*). Dessa forma, *ethos* com vogal breve significa “*caráter, índole natural, temperamento*, conjunto das disposições físicas e psíquicas de uma pessoa” (CHAUÍ, 1995, p. 340); com vogal longa significa “*costume*”. No primeiro sentido, “*ethos* se refere às características pessoais de cada um que determinam quais virtudes e quais vícios cada um é capaz de praticar. Referem-se, portanto, ao senso moral e à consciência ética individuais” (CHAUÍ, 1995, p. 340).

Na Grécia Antiga, segundo informa Chauí (1995), Sócrates se dirigia aos atenienses para lhes indagar a respeito do sentido dos costumes, ou seja, dos valores morais e éticos estabelecidos e que eram veiculados de geração a geração. Ao mesmo tempo, “indagava quais as disposições de **caráter** (características pessoais, sentimentos, atitudes, condutas individuais) que levavam alguém a respeitar ou a transgredir os valores da cidade, e por quê” (CHAUÍ, 1995, p. 340-341).

Já Erick Havelock (1996), ao postular uma nova teoria a respeito do ataque de Platão à poesia, argumenta que uma tradição exige uma concretização em algum arquétipo verbal de forma a descrever e reforçar o modelo de conduta válido para todos. “Esse padrão fornece o vínculo do grupo. Precisa tornar-se regular a fim de permitir que o grupo funcione como tal e desfrute do que poderíamos chamar de uma consciência comum e um conjunto de valores comuns” (HAVELOCK, 1996, p. 58). Haveria um enunciado postulando maneiras de ser e de comportar, uma forma de organizar o grupo. Na sociedade pré-alfabetizada, representada na *Ilíada* de Homero, esse enunciado era conservado na memória viva das pessoas por meio dos poemas.

Esses poemas, por sua vez, auxiliavam na manutenção do *ethos* daquele grupo, seus códigos pessoais e seus costumes familiares. Essa é a função social percebida por Antonio Candido (1976), quando se refere aos episódios da *Odisséia*: a manutenção do *ethos*, da ética. Eric Havelock entende por *ethos*, naquele contexto grego: “um enunciado lingüístico da lei pública e privada (incluindo a história e a tecnologia) comuns ao grupo e que exprimiam sua coerência como cultura” (HAVELOCK, 1996, p. 249).

No primeiro capítulo desta dissertação, buscou-se perceber como, ao tratar de certas conjunturas do passado, o narrador revela visões de mundo atuais. Assim, respeito aos mais velhos, de como o filho deve tratar o pai, das relações com o trabalho,

posicionamento no que se refere à violência distrital e cidadina, enfim, as formas de conduta valorizadas e desvalorizadas revelam o *ethos* em vigor e considerado pela comunidade narrativa.

Por sua vez, no segundo capítulo, as possibilidades apresentadas nas análises das narrativas revelam a atualização dessa ética na forma de representações morais. Ocorre uma afirmação do como não se comportar diante das dificuldades do dia-a-dia. Por exemplo, como já indicado, as narrativas de corpo seco atualizadas postulam ser necessário respeitar os outros nas relações pessoais, bem como manter a palavra empenhada. As narrativas de enterro referem-se ao altruísmo no instante em que alguém ajuda uma “alma” a encontrar descanso. Podem referir-se também ao como deve ser o comportamento diante das riquezas, entre outras possibilidades. Dessa forma, no contexto distrital londrinense, os preceitos morais que surgem nas narrativas reafirmam o *ethos* desse grupo e se opõem a outras formas de conduta que possam desestabilizar a coesão do grupo.

Todavia, no contexto helênico, a “única tecnologia verbal possível e disponível que garantisse a conservação e fixidez da transmissão era a da fala rítmica, habilmente organizada em padrões verbais e rítmicos, singulares o bastante para preservar a sua forma,” (HAVELOCK, 1996, p. 59) ou seja, no formato de poemas.

A utilização de fórmulas possibilitava melhor memorização. As narrativas orais, por sua vez, são passíveis de esquecimento. Dependem de certos contextos para serem lembradas. Como foi visto, uma lembrança pode receber um valor diferente do que aquele dado no momento do ocorrido, ou do escutado, pois há uma (re)interpretação dos fatos, ou da narrativa, e esta nova interpretação pode estar embasada nos atuais anseios coletivos e individuais.

O senso e a consciência moral, isto é, a consciência ética individual, entram em cena quando narrador e/ou platéia fazem analogias das circunstâncias presentes na narrativa com o cotidiano. Algumas situações cotidianas também podem levar o narrador a lembrar um tema narrativo, como ficou claro numa frase pronunciada por seu José Isidoro: “Quando aquele povo, que tá com aqueles livrinho, aquelas receita dos médico pra tirar esmola pra comprar remédio pros doente, vem essa história minha... fico na recordação na memo instante.” (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Ao atualizar uma narrativa com sentidos morais, o narrador emite um juízo de valor. Portanto, atualiza um discurso moral. Segundo Peter Singer (2002), os juízos morais refletem os costumes de uma sociedade. Mas, qualquer

um que se tenha debatido com alguma decisão ética difícil sabe que o dilema não se soluciona com o fato de nos informarem o que preconiza nossa sociedade. Precisamos tomar nossa própria decisão. As crenças e costumes sob os quais nos criaram podem exercer uma grande influência sobre nós, mas desde que começamos a refletir sobre eles podemos nos decidir a acatá-los ou a agir à sua revelia. (SINGER, 2002, p. 29).

Os integrantes da comunidade narrativa percebem mudanças e diferenças socioculturais. Emitem opiniões ao correlacionarem as narrativas com o cotidiano, como foi visto no terceiro capítulo. No entanto, nas histórias em que o sobrenatural está presente, nem sempre as conjunturas são defendidas com veemência, pois o narrador, ou qualquer participante da platéia, muitas vezes, questiona a explicação relativa à aparição de algum encantado, porque, devido a essas mudanças e diferenças socioculturais, a explicação perde seu sentido por não encontrar respaldo nos acontecimentos do cotidiano, segue um exemplo:

Esse tipo de boitatá⁴¹ quando cê viu ele de longe, ele é tipo assim de um... igual o tipo de um gambá. Só que ele representa, tipo assim, um tocha de fogo, né? Pulava de um galho no outro, sempre um de lá, outro de cá, sempre acontecia das vez dois, né? Daí meu pai sempre falava, falou: “Ó!” Sempre contando por causa pra nós. Nós era criança, mas só que eu não esqueço até hoje. Então, ele falava: “Ó! Cê tá vendo aqueles dois bicho lá...”

Nós ficava sentado na nossa casa assim, olhando aqueles pinheiro assim, aquele troço atravessava assim ó. Pra lá, um atravessava pra lá, outro atravessava pra cá. Diz que quando um relava no outro, aquilo chegava sair aquele tipo de faísca de fogo. Mas era, acho que era só impressão, né? Porque ali sempre ia um pra lá outro pra cá. Meu pai falava: “Ó! Isso aqui é parente que junta com parente.” Mulher assim essas coisas, quando é parente que se junta essas coisas. Casamento que não dá muito certo, separa e depois junta de novo. Que acontece essas coisas, né?

Igual esses dia eu tava comentado com ele: “Mas como é que hoje a turma faz tudo isso aí? Dali um pouco tá descasado, dali um pouco tá juntando, dali um pouco separa, nunca aconteceu, não acontece isso?” Ele falou: “Porque os lugar lá antigamente era lugar mais esquisito, né? É lugar tipo meio esquisito.” Até hoje, até hoje eu não gosto muito daquele lugar lá, porque ainda tem muita coisa assim meio esquisita, até agora. Mas só que agora mudou muito, porque, antigamente, a maioria era só mato, né? Pra todo lado que ocê ia, era mato, né? Andava só em picada, essas coisa. Hoje não, hoje tá tudo aberto. Então, parece que aqueles troço vai se ausentando mais pra aqueles lugar mais perigoso, né? Ficando pra mais longe essas coisa, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

⁴¹ A respeito consultar Vanderci Aguilera (2006), que analisa narrativas orais a respeito do boitatá recolhidas no interior do Estado do Paraná.

O narrador nota uma incoerência na história, pois os motivos que levam uma pessoa a se transformar em boitatá não encontram respaldo no dia-a-dia. O senso moral de seu Sebastião aponta para uma mudança na estrutura social. De modo a não colocar em xeque suas convicções éticas, ele encontra outra resposta para a dúvida: a mudança de espaço. Caso se considere que certo isolamento de uma comunidade, ou sociedade, permite maior homogeneização das condutas, há uma tendência, devido ao pouco contato com outras culturas, de não haver questionamentos, na maioria das vezes, dos valores vigentes nessa comunidade. Seu Sebastião viveu em pequenas localidades e reflete a respeito das convicções de sua comunidade ao manter contato com outras concepções de vida. Conclui, dentro de sua visão de mundo, que é a mudança de espaço, na dicotomia “sujo” *versus* “limpo”, o motivo do desaparecimento do boitatá. Esse narrador valoriza, provavelmente, a incorruptibilidade do matrimônio e considera como legítimas as opiniões de seu pai, por isso que, mesmo percebendo as mudanças, ele dá outro sentido às conjunturas. A conclusão de seu Sebastião mostra que sua ética está intimamente ligada ao *ethos* da comunidade narrativa, o qual ele segue na sua interpretação. Cada pessoa age conforme os ditames de sua consciência moral,

mas esta, por sua vez, dita somente aquilo que concorda com princípios, valores e normas de uma moral efetiva e vigente. Assim, portanto, nas suas decisões e no uso que faz da sua liberdade de escolha e ação, o indivíduo não pode deixar de expressar as relações sociais no quadro das quais assume pessoalmente uma obrigação moral. (VÁZQUEZ, 1987, p. 158).

Na relação com outros discursos, isto é, na interdiscursividade, como mostra José Luiz Fiorin (1999), os discursos podem não construir um sentido oposto a outro ou podem ser antíteses de vozes, exclusão da voz alheia, visto que “todo discurso define sua identidade em relação ao outro” (FIORIN, 1999, p. 33). Nesse sentido, os discursos morais veiculados nas narrativas orais podem estar em relação dialógica com o discurso de quem narrou anteriormente, ou melhor, com os discursos presentes no contexto de performance, pois os interlocutores se revezam na imposição de voz.

O receptor aceita como válido o(s) discurso(s) ouvido(s) e pode tanto manter sentidos aproximados com esse(s) discurso(s) como transformá-lo(s) de acordo com sua interpretação das conjunturas no instante em que se torna narrador. Isto é, o discurso dos predecessores soma-se ao do narrador, o qual pode criar outros sentidos conforme novos contextos de atualização. Mas, pressupondo-se que a “consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN,

1986, p. 35) e que, nesse sentido, há um diálogo permanente “nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade” (BRAIT, 1997, p. 98), esse discurso atualizado estará perpassado por outros discursos construídos no cotidiano, num sistema de aceitação e oposição de vozes. Dessa maneira, o discurso moral de algumas narrativas orais surge como meio de confirmar um discurso legitimado pela comunidade – o *ethos* comunitário – e de se opor a outro. O juízo de valor emitido na performance afirma o como ser e o como proceder nas relações dentro da comunidade.

Se maltratar funcionários da fazenda não é imoral para o fazendeiro, o qual aparece em diversas histórias, para a comunidade narrativa é algo passível de desaprovação, porque ela reconhece ser necessário respeitar a integridade física e psíquica desses funcionários. Para o fazendeiro, o funcionário seria apenas mão-de-obra, uma peça dentro da engrenagem produtiva. Para a comunidade narrativa, trata-se de pai, ou mãe, que trabalha para seu sustento e de sua família, por isso deve ser respeitado nos seus direitos. O senso e a consciência moral apontam para essa direção.

Um discurso moral, na maioria das vezes, será atualizado enquanto aquela moral tiver ligação direta com as relações pessoais da comunidade geradora. Por exemplo, como foi visto no terceiro capítulo, Dona Carmem, ao narrar a história dos índios, sutilmente, condena os atos praticados. Algo que, provavelmente, não ocorreria se a história tivesse sido atualizada naquela época, pois a moral de alguns desbravadores pressupunha o revide, a vingança. O homem é um ser de relação, por isso se fabrica

permanentemente nas relações, de modo que se produza a si mesmo, em contexto, em momentos, dentro de sistemas ideológicos, dentro de condicionantes morais, segundo tradições e costumes, dentro de linhas de educação, a partir de concepções familiares e grupais, dentro de propostas e projetos de futuro e projeções axiológicas, enfim, historicamente como um ser concreto. (BITTAR, 2004, p. 80).

Cada integrante de uma comunidade narrativa, enquanto ser concreto, constrói sentidos para sua história de acordo com seu espaço e contexto sociocultural de convívio. Por exemplo, confrontando a narrativa de enterro contada por seu Sebastião com o contexto sociocultural da comunidade narrativa pantaneira, percebe-se que a mudança de preceitos morais de acordo com o espaço fica evidente. Esse narrador, como informado,

separa o espaço humano do sobrenatural e narra numa história de enterro que o “coisa-ruim” levou um homem para o meio do mato, causando o enlouquecimento desse homem.

No Pantanal sul-mato-grossense, os narradores também separam os espaços de domínio, e muitas narrativas se referem a um ente que surge para castigar aqueles que desrespeitam o meio ambiente. O meio ambiente é importante para as culturas pantaneiras. Desse modo, a degradação da fauna e da flora surge como forma de conduta desaprovada por essa comunidade narrativa, pois várias pessoas necessitam do meio ambiente para a sua subsistência. Muitos, ainda, identificam-se de tal modo com o Pantanal que destruí-lo corresponde a destruir uma parcela da identidade pantaneira.

No contexto londrinense, as matas têm uma importância menor para as culturas locais. Os narradores dos três distritos identificam-se mais com o campo arado e as produções rurais. Por isso, provavelmente, não surgiram questões morais óbvias referentes à condenação de derrubada de matas. Todavia, a manutenção da palavra dada, o respeito ao próximo, a condenação do egoísmo, da avareza, da violência, entre outros, são preceitos valorizados no cotidiano dos narradores dos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville.

Muitos desses preceitos são frequentemente desrespeitados por outros integrantes da comunidade ou são colocados em xeque por outras visões de mundo. Por isso, as histórias que tratam desses assuntos tendem a ser atualizadas com mais frequência.

O *ethos* da comunidade narrativa entra num sistema de oposição ou aceitação de outros valores. Mas também, como foi mostrado no terceiro capítulo desta dissertação, principalmente nas atualizações do capítulo 25 do Evangelho Segundo Matheus feitas por seu José Isidoro, há um processo de assimilação e transformação de outros discursos conforme a visão sociocultural da comunidade narrativa.

Por reafirmarem princípios e valores ligados à identidade do grupo, as narrativas orais de aspecto moral podem servir como uma espécie de educação informal e, por isso, ter uma função prática. No entanto, como foi visto no quarto capítulo, há também elementos estéticos construídos na presentificação do ato de produção: na performance. Nesta, a memória coletiva e individual, os sentidos gerados, a conjuntura de identificação sociocultural, a afirmação e discussão do *ethos*, pessoal e coletivo, que ocorre na relação de interação entre os participantes, estão amalgamados ao som das vozes, aos corpos desses participantes.

Na performance, a linguagem como função referencial dá lugar à poesia, expressada no texto atualizado, no som da voz e no corpo dos interlocutores, bem como no seu entorno. Poesia é “aquilo que o público, leitores ou ouvintes, recebe como tal, percebendo

e atribuindo a ela uma intenção não exclusivamente referencial” (ZUMTHOR, 2001, p. 159). Nesse sentido, conforme assevera Paul Zumthor (2000), um texto é reconhecido como poético quando o próprio corpo vive o sentimento, isto é, experimenta prazer, expectativa, devido ao texto. O espectador-ouvinte identifica “um outro espaço; a percepção de uma alteridade espacial marcando o texto. Isto implica alguma ruptura com o ‘real’ ambiente, uma fissura pela qual, justamente, se introduz essa alteridade” (ZUMTHOR, 2000, p. 49). O sentido global se manifesta na “obra”, o qual está relacionado tanto ao texto como aos variados elementos significantes, visuais, auditivos, táteis, que no contexto cultural podem ou não estar sistematizados. Dessa forma, a obra poética é “fruto da conjunção de um dado textual e de uma ação sociocorporal, um e outro formalizados de acordo com uma estética” (ZUMTHOR, 2005, p. 144).

Na comunidade narrativa dos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville, a poesia emana nos encontros sociais, nos quais as pessoas revezam a voz na troca de experiências e visões de mundo, na afirmação e discussão do *ethos* identificador do grupo. A manifestação poética dessa comunidade narrativa engendra um mundo possível, cuja associação com a realidade vivida leva o ser humano participante a refletir a respeito de um princípio essencial para qualquer vida na coletividade: a de considerar o outro nas decisões pessoais.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *O baetató existe realmente?* Revista Eletrônica Boitatá. vol. 1. Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata>>. Acesso em: 23 jul. 2006.

AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 3.ed. São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore nacional: festas, bailados, mitos e lendas*. vol. 1. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

_____. *Cultura popular brasileira*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise*. São Paulo: Ática, 1987.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec/Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. *Sociedade e natureza no pensamento pantaneiro: representação de mundo e o sobrenatural entre os peões das fazendas de gado da “Nhecolândia” (Corumbá/MS)*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 197-221.

BERGSON, Henri. As duas fontes da moral e da religião. In: _____. *Cartas, conferências e outros escritos*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva e Nathanael Caxeiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 207-238.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Trad. Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 2005. Edição Pastoral.

BITTAR, Eduardo C. B. *Ética, educação, cidadania e direitos humanos: estudos filosóficos entre cosmopolitismo e responsabilidade social*. Barueri: Manole, 2004.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 91-104.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. São Paulo: Loyola, 1999.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Trad. Luiz Alberto Monjardim et al. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 139-148.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloíza Pezza Cintrão. 2.ed. São Paulo: USP, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. *Os parceiros do Rio Bonito*. 6.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio/Brasília: INL, 1978.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11.ed. São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Sobre o medo. In: CARDOSO, Sérgio et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 35-75.

_____. *Convite à Filosofia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DaMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sonia Coutinho. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Hucitec, 1978.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. *A voz em performance: uma abordagem sincrônica de narrativas e versos da cultura oral pantaneira*. Assis, 2003a. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis/ Universidade Estadual Paulista.

_____. (Org.). *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003b.

FICHTE, Hubert. *Etnopoesia: Antropologia poética das religiões afro-americanas*. Trad. Cristina Alberts e Reny Hernandes. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: USP, 1999. p. 29-36.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GOFF, Jacques Le. *O nascimento do purgatório*. Trad. Maria Fernanda Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Estampa, 1993.

_____. *O imaginário medieval*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. *Educação e literatura*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HAVELOCK, Eric A. *Prefácio a Platão*. Trad. Enid Abreu Dobránski. Campinas: Papyrus, 1996.

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *O paradoxo da moral*. Trad. Helena Esser dos Reis. Campinas: Papyrus, 1991.

JARDIM, Marcelo Rodrigues. *Representações ecológicas em narrativas orais: a voz pantaneira*. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História: história: guerra e paz [CD-ROM] / Associação Nacional de História ANPUH. Londrina: Editorial Mídia, 2005. 1CD.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Trad. Ivone C. Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.

LIMA, Francisco Assis de Souza. *Conto popular e comunidade narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. 2.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais e alegorias: uma poética da vida social*. Brasília, 1999. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília.

LUYTEN, Joseph M. *Sistemas de comunicação popular*. São Paulo: Ática, 1988.

MACHADO, Irene A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago/São Paulo: FAPESP, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MELETÍNSKI, Eleazar Moiseevich. *Os arquétipos literários*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. Cotia: Ateliê, 1998.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença*. Trad. Eliana de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: Eduel, 2006.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránsky. Campinas: Papyrus, 1998.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: Cultura Popular*. São Paulo: Olho d'água, 1992.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954.

RONDELLI, Beth. *O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão*. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC/Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993.

SILVA, Denize Elena Garcia da. A oralidade da linguagem frente à cultura escrita. *Revista ANPOLL*, n. 9, p. 23-39, jul./dez. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.

SINGER, Peter. *Vida Ética: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade*. Trad. Alice Xavier. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Trad. João Dell'Anna. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: 1780-1950*. Trad. Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas populares: histórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.

_____. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

_____. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia: Ateliê, 2005.

FONTES ORAIS

ENTREVISTA: Benedita Braga dos Santos. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Paiquerê, Londrina, Paraná, 2005. 55min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 100min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Francisco Plath. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Lerroville, Londrina, Paraná, 2005. 45min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Geraldino de Camargo. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Lerroville, Londrina, Paraná, 2005. 75min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: José Benedito Rosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Paiquerê, Londrina, Paraná, 2005. 25min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 90min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: José Pereira Cardoso. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Lerroville, Londrina, Paraná, 2005. 80min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Lázaro Ferreira dos Santos. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 10min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 50min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Pedro Luiz Barbosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Paiquerê, Londrina, Paraná, 2005. 15min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Paiquerê, Londrina, Paraná, 2005. 95min (aprox.), K-7.

ANEXOS

Narrativa de corpo seco

Por Sebastião de Oliveira Rosa - Paiquerê

Ah!! O corpo seco é o seguinte: é que, me falaram, eu não entrei também e não investiguei, tem um mato aqui, dá uns 800 metros daqui de onde nós tá até lá, diz que tinha um corpo seco, um fulano viu. Eu não vi, não fui ver e nem procurei saber.

No mato beirando o cemitério daqui do Paiquerê, diz que tem um corpo seco, só que nunca vi!! E também tou falando o que me falaram, nunca fui lá, né? Mas, meu pai já viu o corpo seco. Eu... Não vi esse corpo seco.

Esse corpo seco é o seguinte: Esse foi lá pro lado do sul também. Isso aí o cara fez uma promessa... de saí de, fez uma promessa, que o menino dele tava muito doente, então, esse menino fez uma promessa com ele, pra ele cumprir a promessa ele teria que andar bastante pra ele fazer essa promessa, que essa promessa era pra fazer a pé e a pé seria muito difícil. D'aonde ele morava até acho que na tal de Campina Alta, Campina Alta. Eu não sei se é Campina Alta ou Campinato, meu pai sabe tudo, conhece tudo lá, né? Eu não sei, porque eu já... dessa época eu já era muito criança, né?

Aí, diz que esse menino ficou, fez a promessa certinho, o menino sarou, ficou bom e depois o cara não foi cumprir essa promessa, que ele tinha feito, né? Aí, diz que o menino quando arruinou, arruinou, arruinou... ele não teve médico. O menino acabou falecendo. Faleceu. Aí, ele falou:

- Puxa vida!

E devendo a promessa, mema coisa. E esse dito menino pegou, diz que fizeram o enterro dele certinho. Mas, diz que ele saiu do túmulo dele!! Essa promessa nunca foi cumprida!! E virou um corpo seco, né?

E o pai do menino, só que o pai do menino era bom de dinheiro. Aí, o pai do menino falou:

- Meu Deus do céu!

E o pai do menino nunca tinha paz, nunca teve paz na vida dele, enquanto ele não cumprisse aquela promessa. Fosse vivo ou morto ele tinha que levar naquele lugar que ele prometeu. E aquele menino virou praticamente o corpo seco. Ele pagava o dinheiro que o camarada quisesse, só que ele não ia!... Pagava o dinheiro que o camarada quisesse pra levar aquele corpo seco. Meu pai falou:

- Eu vou carregar um saco de osso!!?

Diz que era muito esquisito, né? Que é só, só o osso e o couro, lá em cima dos osso, né?

Corpo seco, dizem, eu não vi, né? Só vejo o desenho, né? Já vi o desenho. Diz que o corpo seco é o seguinte: é só o osso grudado, o couro em cima dos osso.

Ué!!? Mas, como que fica? Você arranca um cara lá do túmulo lá que tá na gaveta, os osso do camarada tá lá tudo certinho, agora o seu... tem que ter uma coisa, um mistério ali pro cara virar corpo seco, pra ficar com o couro, né? Como é que pode o couro secar e ficar daquele jeito ali, né?

Aí, diz que o pai do menino diz que dava... não sei quanto pra um camarada lá, até o pai conheceu o cara que era pra levar, o cara pegou, um tal de... um tal de... como é que é caramba!?... Um cara que tinha lá no sul que sempre trabalhou com meu pai junto.

- Ó! Pois eu vou levar esse camarada lá, ganhar esse dinheiro.

Ele gostava muito de ganhar dinheiro meio fácil.

- Eu vou levar esse camarada.

O cara falou:

- Pois, eu te pago pra você pegar e levar, só que você tem que andar de tantas horas até meia-noite. Passou da meia-noite, cê não consegue, cê não pode andar mais, tem que parar, né?

Então, gastava muito pra ir, né?

Mas o duro é que ninguém tinha essa coragem de fazer isso, o camarada falou que ia. Falou:

- Eu pago teu, o dinheiro que for necessário pra você levar lá nos pé da santa.

Que era pra ter levado ele. Pois diz que pra ele quebrar aquele encanto dele, que o menino não parava de atentar o velho, né? Porque o pai não cumpriu a promessa, não cumpriu o que era... a promessa que ele tinha feito, né?

Aí, disse que o camarada tentou levar, foi a primeira noite, desistiu. A coragem não deu, né?

Falou:

- Ah! Vou dormir com esse trem aqui nada!!!

Ele diz que tinha que posar na estrada, né? Eu falei, digo:

- Eu por dinheiro nenhum eu carrego o corpo seco.

O corpo seco é um bem meio esquisito, né? Aqui nesse mato diz que tinha um!! Eu não sei verdade, mas teve uns cara aqui do Paiquerê, esse finado Zé Ramos, que era fundador de Paiquerê, que morava do lado de cima da estrada aqui. Esse muro do lado de cima era dele. Ele foi fundador aqui do Paiquerê.

Em 1902, parece, que ele nasceu. 1902, parece que é. Até o...ele, ele contou da história do corpo seco, ele já faleceu também. E eu falei:

- Ahh! Eu nunca vi.

Eu sempre tou trabalhando ali naquele mato, sabe? Só que eu nunca entrei naquele mato mais que 10 metros só. Nunca fui pra dentro, num sei o que que tem ali. Mas eu acho que... eu tou achando que eu teria que andar uma hora lá pra mim ver se é verdade, mas acho que só aparece pra quem tem que aparecer aquilo lá, né? Que eu nunca vi nada!

Eu acho que na verdade deve ter tirado já, aquilo diz que tem um tempo determinado, né? Que, que quando cumpre o que fizeram, promessa que fizeram com aquilo lá pra ele. Diz que é um tipo de encanto aquilo lá, né? Aí diz que ele desencanta, ele desaparece.

Mas eu num, num cheguei a ver, mas meu pai já contou que esse homem foi tentar levar esse menino lá que virou corpo seco, né? Por causa que o pai dele fez a promessa e não cumpriu, o menino ficou doente e morreu, e virou corpo seco.

Têm uns que vira corpo seco, outros diz que viram corpo santo. Eu nunca vi nenhum dos dois e nem quero ver, nem sei como é que é, né!? Que é meio, meio esquisito você ver um... uma caveira aí, só com o couro e o osso aí balangando. Ah! Para com isso!!!

Rancar o cara do cemitério, eu já ranquei, isso aí não tem nada. Ranquei, já enterrei cara. Já cavuquei, já fiz buraco. Já quebrei caixão no chão pra tirar pedaço de defunto pra ponhar outro, ih!... Isso aí não tem nada, mas você olhar uma caveira, aí rapaz, cê tá louco! Uma caveira com osso e o couro e o osso dele, Deus me livre, sô!

Agora cê vê os pé do camarada dentro de uma meia, que a meia no chão não derrete, num podrece, a tal de meia é... não apodrece na terra, né? Dependendo da meia, né? Tem meia de nylon que não, mas meia de pano normal, ela apodrece, igual de algodão que tem hoje, não sobra nada, né? Mas meia de nylon!! Enterrei desse cara chacoalhar assim ver o dedinho do pé, dos... dos dedinho do cara, chacoalhar lá dentro: "Tec, tec, tec, tec...". Mema coisa de amendoim. Isso aí não tem problema, isso aí não acontece, nós fizemos em Tamarana.

Mas, corpo seco eu nunca vi não, mas nesse mato diz que tinha. E meu pai chegou conhecer o cara que tinha lá, que esse menino virou corpo seco. Só que ninguém teve a danada da coragem de... o primeiro que foi o primeiro dia, pra modo de querer gastar, ganhar bastante dinheiro, não conseguiu seguir a viagem. Falei:

- Ahh!!

Meu pai falou:

- Eu nem por dinheiro nenhum, vou carregar ninguém não!! Deixa quieto.

Mais tarde o cara fazer uma promessa cum camarada e não cumprir a promessa, vai ficar ruim, né?

Narrativas de enterro

Por Francisco Plath - Lerroville

Eu já vi, eu já conheci gente que tirou.

Um primo da minha mãe, ali nesse lugar que eu via o boitadá, no Eldorado, tinha um pasto antigo, tinha três, três pé, três toceira de bananeira. E, esses (incompreensível), então, ele trazia os peão pra trabalhar na serraria, peão que não tinha família.

Ele fez uma república. Eles comia numa pensão e daí pra dormir ele fez assim tipo de um barracão com quarto embaixo e do lado assim umas escada, tinha duas repartição, em cima e embaixo, né?

E, veio um baiano da Bahía que trabalhava na serraria. Ele subia na escada pra ir dormir no quarto, uma assombração subia atrás dele, ia tentar ele na cama lá. Daí ele, ele era baiano, né? Xingava a assombração de cabra da peste, mandava ir tudo.

Quando os galo cantava, assombração largava dele. Daí ele dormia, né?

Daí ele começou a perder o horário de, de, de, na serraria trabalhava pelo, a serraria apitava, tinha o horário certo de...

Ele começou dormir de madrugada só e começou a ficar cansado e começou a perder o horário de levantar, né? Daí o, o gerente perguntou pra ele:

- O que que tá acontecendo?

Daí ele contou o caso da assombração, né? Ele falou:

- Tem um negócio que tá me atentando de noite, derruba eu da cama e não deixa eu dormir, só depois que o galo canta que eu consigo dormir.

Só de madrugada que ele dormia. Daí o, esse gerente era primo da minha mãe, primo segundo da minha mãe, Ambrósio Reiningue (?), que é o sobrenome dele. Daí ele, ele era muito religioso, ele falou para o baiano:

- Zóia, quando essa assombração chegar, você fale assim: “Em nome de Deus, ocê largue mão de me atentar, fala que que cê quer?”

Daí o baiano falou:

- Pois é hoje, essa noite eu já vou falar. Cabra da peste está me atentando não deixa eu dormir.

(ri) Daí o, quando foi à noite, ele falou do jeito que o gerente ensinou pra ele, né?

- Zóia, em nome de Deus fala o que cê quer, larga de me atentar!! Eu preciso dormir, eu preciso descansar.

Daí diz que acendeu uma luz, clareou o quarto assim. Diz que ele viu uma voz só que falou assim:

- Zá, cê tem coragem, então me acompanhe.

Ele levantou só de cueca, antigamente usava cueca (ri), levantou só de cueca e acompanhou aquele luzinha. Ele passou uma cerca de quatro fio de arame, não viu passar a cerca, e esse negócio levou ele lá na, no, onde tinha aqueles três pé de bananeira, né? E, falou:

- Zói, dessa do meio aqui ó, tem um caldeirão cheio de ouro e prata e eu tou sofrendo por causa disso que eu enterrei, ocê tira pra salvar minha alma?

Daí o baiano falou:

- Zá, se for pra tirar eu tiro, se eu não tirar, eu mando outro tirar.

Diz que o negócio falou três vez pra ele e ele falou:

- Pode, pode descansar em paz então que eu fico responsável, eu tiro esse negócio daí.

Daí a luz apagou e ele não conseguia voltar pra, pro lugar que ele dormia, né? Só quando começou a clarear o dia que ele conseguiu. Ele não soube como é que ele passou aquele cerca, nem nada, tudo. Aí só depois que clareou o dia, que ele conseguiu voltar.

Daí, já no outro dia, o gerente tava curioso pra saber, né? Já perguntou pra ele:

- Daí, falou com a assombração?

- Já falei. Lá naquela bananeira tem um caldeirão de ouro que tava enterrado e eu quero que cê vai lá junto.

Daí pegou o gerente geral, esse que era primo da minha mãe e o baiano, foram os três de noite lá e, diz que tava bem rasiado, cavucaram e tiraram. E, o que era gerente geral foi em Curitiba e trocou o dinheiro, trocou a, era dinheiro de ouro e prata daquele antigo, né? Trocou por dinheiro bom e eles repartiram em três.

O baiano foi pra Bahía, diz que ia comprar terra pra lá. E, o primo da minha mãe, depois mudou pra Guarapuava, pôs um supermercado lá. O outro ficou bem de situação. Tiraram o ouro. Essa é a assombração, é a história que eu... conheci até a bananeira que eles cavucaram lá.

Por Pedro Antônio Lourenço - Irerê

De primeiro insistia, era povo antigo que não tinha, não queria por dinheiro no banco, senão ele pissuía aquilo então pegava fazer uma, uma coisa de barro e buraco fundo no chão e plantava laranjeira em cima.

É. Laranjeira, mexiriqueira, qualquer coisa, né? Plantava, porque lá no sul memo tinha um tal de Eziquié, vizinho nosso também, né?

Zé Eziquié. É, ele morava no sítio do, do compadre do meu pai até, que era um tal de Chico Pinto, ele morava lá, mas nós sempre tava comunicando com ele, né? Que tinha os menino dele que sempre comunicava com nós, ia lá na fazenda, nós ia na casa deles, que aquele tempo o povo saía memo andar, então, foi assim, sabe?

A véia dele chamava, como é que chama? Francilina! Aí chamou, chamou ela, de noite, era nove, dez hora da noite, chamou ela. E, ela:

- Olha! Tá chamando lá, tá chamando eu, vamo lá ver.

Chegou lá, não encontrou nada!! Quietou. Três noite a fio assim, não encarreado, passado, intervalo, né? de noite. Aí um dia, ele era mais corajudo véio, né? chegou, chamou:

- Ô Zé Eziquié!?

Ele não respondeu, não saiu na porta, olhou, não viu ninguém:

- O que cê quer!?

Não falou nada, né? Voltou pra dentro. Naquele dia ele não falou mais nada. No outro dia tornou chamar no dia inteirinho. Ele falou:

- Quando eu vou, cê não fala nada. Eu pergunto o que cê quer, cê não fala nada!! Vai explodi lá adiante!!

Daí, nunca mais. Aí passou, tinha um tal de, até era safrista ele, sabe? Lidar com porcada, chamava Sebastião. Foi na casa do homem, chegou:

- Ô, Sebastião!

Ele saiu.

-Que que é?

Ele falou:

- Tem um serviço pro cê fazer.

Mas ele não viu ninguém, né!?

- Vai, conta o que que é o serviço, eu vou fazer.

É. A voz só, ele não via ninguém não.

Mas a distância que ele morava pro percurso que ele fez, só rio abaixo ele andou uns sessenta quilômetros de canoa pra ir lá. Ele nem sabia onde era direito e foi. Aí o homem falou assim:

- Óia, tal lugar assim assim, lá na fazenda do Chico Pinto, mora um homem lá, tem uma mexeriqueira na porta da casa. Você chega lá e mexe naquela mexeriqueira que tem um, tá cheio de ouro.

Aí, mais depressa. Naquele dia não dormiu mais não. Falou pra mulher dele:

- Mas olha! Faz um balaio de carne de frango aí... (ri) e põe na vasia que eu vou viajar.

- Cê tá louco fulano?!

Aí:

- Mas, eu tou falando que vou viajar e vou demorar muitos dias pra voltar.

Aí foi. Ela matou umas três galinha, pônhou dentro da lata com farinha e café e já pegou a canoa e socou rio abaixo. Que lá era rio abaixo, né? Aí ele ia no percurso que ele ia, tal do Rio das Cinzas, ouviu falar? É um riozão, igual... é menor um pouco que o Tibagi, pra cá de Santo Antônio da Platina.

Foi.

Dali uns oito dia ele voltou, voltou rico. Chegou lá, falou pra ela:

- Vamo largar tudo aqui, vamo sumir daqui.

(ri) Puro ouro que tinha lá.

Aí quando foi no outro dia cedo, o homem, o véio, tal do Zé Eziquié, levantou:

- Muié do céu, olha lá a mexiriqueira o que fizeram!?

Foi lá, só tava a panela velha, ouro memo não tinha nada. Ele foi tirar, ele não precisava daquilo, ele era bem de vida. Ele era... tinha porcada assim, pegou vendeu pr'um tal de Zé Fe... Chico Pereira a safra, a troco de banana.

- Vou sumir de lá.

Está rico, né? Já tava bem de vida, com aquilo ainda melhorou mais. Melhorou!? Tinha uns dois quilos de ouro dentro da panela.

Por Carmem Tavares da Silva - Irerê

Meu vô contava, que tinha bastante idade. Diz que eles enterrava, depois plantava um pé de planta em cima, né? E depois quando... precisava de tirar. Depois arrumou um banco lá no Estado de São Paulo, Santa Cruz do Rio Pardo, perto, perto tem um rio que chama rio Pardo, né? Formou uma cidade lá, tá até uma cidade grande agora. Um banco. Então, eles rancava dali. Ia ali e ponhava no banco.

Mas tinha gente medroso, que não queria bulir, deixava lá, né? E diz que uma vez a chuva passou lá. Destampou uma panela de barro, de tampa. E acho que o homem até tinha morrido. A chuva foi passando, passando assim, né? A tampa recuou. Conforme a chuva veio forte, a tampa (incompreensível) da panela. Libra estrelina, que era o dinheiro enterrado. Não era dinheiro de papel não! Um dinheiro que valia ouro, né?

E daí diz que tinha um menino que foi brincar na água, achou. Falou:

- Ó, meu pai! Achei esse dinheiro lá. Eu andei mais um pouco lá, achei mais.

Daí o homem foi lá ver, achou a panela de ouro. De noite, ele foi lá e tirou. Mudaram de lá, foi embora, levou aquela riqueza tudo com ele.

E tinha outro que a árvore caía de noite. Ninguém queria morar na casa. Uma casa perto. Chegava umas hora da noite, aquela árvore caía. O lugar lá eu conhecia esse lugar lá.

E, nós, quando eu conheci, eles já tinha tirado o negócio lá. E o boiadeiro que tomava conta lá.

Tinha um tal de Cunha Bueno também lá, ele era muito, como é que fala, aquela gente que faz as coisa pros outro assim? Capanga. Ele ponhava capanga e pegava terra dos outro, né? E tinha uma cruz assim que ia pra Santa Cruz do Rio Pardo, bastante cruz pro caminho. Gente que esse homem mandava matar. Ele era muito sem vergonha, ricão memo. Tinha uns capanga que mandava fazer as coisa, né?

Daí tinha essa árvore lá. Era um figueira. Uma figueira muito grande. Chegava umas hora da noite, a figueira caía. Escutava barulho de cair. Mas ninguém tinha coragem de ir lá. Ela... via, caía e depois levantava de novo. Daí foi um boiadeiro lá de coragem, né? Falou:

- Ah! Eu vou lá.

Ninguém queria morar mais lá.

- Eu vou lá tomar conta.

Foi lá.

Quando chegou lá, diz que apareceu lá, um negócio espantando ele. Mas ele agüentou. E daí diz que ele falou assim:

- Ó! Meia-noite cê tiver com um enxidão aqui, vai pra cavucar pra rancar aqui um ouro enterrado.

Terminou uma panela de barro. Diz que na panela de barro que enterrava, né?

- Cê pode tirar, pra me poder salvar. Tou sofrendo por causa disso aí.

E o homem foi lá. Não sei que demorou uns dia para aparecer. Daí a árvore caiu e ele foi lá.

Diz que tinha coisa que espantava a gente. Assombração, né? Ele não tinha medo não. Enfrentou e tirou.

Narrativas encadeadas por José Isidoro Barbosa – Irerê

Deus chegou numa casa, tem a casa que Ele chegou na casa de um amigo Dele, era muito católico, né? Aí, esse homem só falava em Deus, ele era um amigo meu. Aí, teve o prazer de Deus se hospedou no... almoçar na casa dele. Aí Deus assim falou:

- Pois é fulano, um dia eu vou almoçar na sua casa.

Mas não marcou o dia, né? Disse assim. Só um dia, um dia qualquer, né?

Aí passou, passou alguns dias:

- Eu vou passar na casa de fulano, eu vou tratar um dia.

Aí quando chegou na casa do homem, como um mendigo, né? Na casa do amigo Dele, mas chegou nos trajes de mendigo. Foi pedir de comer o homem, Ele tava com fome, né? Mas o homem tava esperando por esse tal, que fez com Ele mesmo.

- Ah! Meu amigo, tem de comer feito aí, mas eu tou esperando por um amigo meu, que Ele vem almoçar onze horas e até agora não entreguemo.

- Mas ocê não pode tirar um pouquinho pra mim?.

- Não posso. Porque só posso bulinar depois que Ele chegar.

Não é que tem gente que guarda uma coisa num canto, quando não chega aquele principal, eles não pode? Pois fez com o homem. Aí, nosso Senhor foi embora.

Quando foi onze hora, Ele chegou. Mendigo a mesma coisa. Aí falou, pediu de comer:

- Há! Meu amigo, hoje já apareceu aqui uma pessoa pedindo comida e eu não dei, porque eu tenho um amigo meu que Ele pediu... nós fizemos um trato de Ele vim almoçar hoje também e já é onze horas e Ele não veio. O senhor venha mais tarde.

Aí, quando foi seis horas, aí nosso Senhor foi. Aí chegou lá nos trajes Dele mesmo, né? Aí ele conheceu.

- Ah! Mas agora que você vem, apareceu um homem aqui duas vez, três vez, agora, e você... doído pra almoçar, mas eu estava esperando por você.

Ele disse:

- Um homem como?

- Um mendigo?

- Aquele mendigo era eu. Eu já vim três vez aqui. Você não acreditou naquele mendigo. Aquele mendigo podia ser eu. Você, como você não acreditou...

Daí, foi embora.

Quer dizer, que... Ele, nosso Senhor, não se apareceu como decente, né? (incompreensível) que Ele falou:

- Aquele mendigo é quem tava precisando daquela comida, naquela hora, ele tava com fome. Eu não tou com fome, que eu nunca tive fome.

Né? Aí foi-se embora. Daí o homem ficou encabulado. Ele não podia ter dado a comida!

É como o outro. O outro desde pequeno que ele ia à igreja, né? Todo domingo ele ia à igreja, era muito católico, e a mãe dele... aí ele foi e casou. Quando foi no domingo ele foi pra missa. E no memo caminho que ele passou não tinha, nunca teve o que ele viu nesse dia, né? Tinha um árvore muito grande, um sombrinho, e no pé do sombrinho tava aquela fonte d'água, né? E aquela fonte d'água segada. Durante a fonte d'água, um pé de sombrinho. Que do jeito que era o pé de sombrinho por cima, era a fonte d'água no chão, e cercada de arame.

E um burro chegou e meteu a cabeça na cerca pro lado de dentro, beber água, né? Mas não alcançou. Que o arame tava escorando ele, ele não alcançou na água. Aí ele foi e falou, disse:

- Não. Eu tenho que dar água a esse burro, porque pra deixar esse burro pra dar água quando ele vim, ele morre de sede.

Aí ia dá água pro burro. Lá no norte eles usam um chapéu de couro, né?

Aí a missa vai se passando.

Aí tirou, resolveu, com muito tempo, resolveu dá água pro burro, né? Aí tirou o chapéu, enchia d'água. Aí é só uma cortada que o burro dá, e foi tirando, e foi dando água, e foi dando água.

Naquele tempo, levantava, o padre levantava a Deus quando terminava a missa, né? Do jeito que ele levantava hoje pra consagrar a hóstia, naquele tempo era o divino espírito santo, ele levantava assim, né? Aí balançava o sino.

Aí com, com bastante tempo que ele dava água ao burro. Aí a missa acabou, balançou o sino, e o burro encerrou, o chapéu cheio d'água, ele não quis mais beber. Aí falou, o rapaz ficou :

- Mas será o impossível, meu Deus! Perdi a missa modo desse burro!?

Aí voltou pra casa. A mulher sem paciência, porque nunca tinha perdido uma missa. Aí o padre... E a mulher:

- Fulano tem paciência, fulano. Quando for domingo tu vai pra missa e conta pro padre o pecado que tu cometeu.

Passou a semana, ele desinquieto. Quando foi no domingo, ele foi cedinho. Quando o padre chegou na vila, ele:

- Ó padre...

O padre conhecia ele, porque não saia da igreja, né?

- Oh, seu vigário! Depois da missa eu quero contar, quero falar um negócio pro senhor.

Aí passou a missa. Aí foi se confessar. O padre:

- Que pecado ocê cometeu, filho?

- É seu vigário tá com tanto anos que eu vou à missa...

Daí contou a história.

- Pra modo de um burro perdi a missa hoje.

- E você sabe quantas missas você já viu na sua vida?

Disse:

- Sei.

- Por que você sabe?

- Porque todas que eu venho, lá na árvore tinha o pé de sombrinho.

Naquela árvore tem um pé de sombrinho, né?

- Tem um buraquinho e toda missa eu ponho uma pedrinha lá, né?

- Quando for domingo, você venha e passe lá naquela, na árvore lá, e tira as pedras e traga.

Aí quando foi no domingo... ele passou outra semana, apavorado, ansioso que chegasse domingo pra ele ir lá. Ele achava que tinha muita pedra, né? E donde que pensa que ele tá...

Ele não perdia uma missa. Quando ele chegou lá, que vai lá no buraco, só tinha uma pedra. Aí não, aí ele ficou louco.

- Será possível uma coisa dessa!?

Aí pegou aquela pedra, ele olhou.

- Ah, seu vigário! Eu tou perdido!

- Tá perdido por que filho?

- Senhor vê! Tanta missa que eu já vi na minha vida. O senhor mandou eu trazer, cheguei lá no oco da árvore. Adonde eu dei água pro burro só tinha essa pedra.

- É, é pro cê saber, filho, que missa nenhuma não põe ninguém pro céu, quem põe é a caridade. Ocê se lembra dessa pedra aqui, toda missa que você vem, durante esse tempo todo ela foi dura. A missa que você tem na mão de Deus no céu só essa daí. Que o burro tava morrendo de sede e ocê perdeu a missa pra dar água a ele. Que ocê não perdeu a missa, você salvou sua alma! Que a missa que ocê achará é essa aí.

Né?

- Mas seu vigário contando não adianta de ir não.

- Adianta, que Deus deixou a igreja pra nós visitar. E orar, e pedir a Ele a graça, que Ele tem graça pra dá a nós. Mas dizer, você deixar de fazer a caridade e rezar não adianta não. A reza e a caridade e... você não fazendo a caridade é o memo que nada. É o primeiro compromisso, primeiro a obrigação, pra depois a devoção. Você tem que fazer a obrigação primeiro. Se tem um bicho ali morrendo dentro do buraco, você tem que tirar ele pra poder viajar. O senhor viajar naquele dia bem, se não viajar, você tira aquele bichinho de lá e deixa a viagem pro outro dia. Que tem dia pra frente.

E não é isso memo? Pois aí, digue o que quiser, mas é... você não tratou de quem tem precisão, não deu de comer... porque Deus fala:

- Dá de comer...dá de comer a quem tem fome e água quem tem sede. E não procurar a quem, dar com uma mão que a outra não vê.

Daí não falar, porque se falar não fez nada.

Que tem muitas historinha, tem muita... O outro, o invejoso, o embicioso, você do tamanho embicioso, nem faz nada a você nem ele, porque ele veve com os olhos grandes em riba de você, lhe atrasando, né? Você tem que se defender dele, saí dadonde dele, dadonde ele tá você fazer poucas morada perto dele, porque ele... tudo no mundo que você fizer ele tá com inveja, tá com inveja.

- Ah, mas fulano tá só quem tem.

E cê não tem!? Ah! Gente assim, nossa Senhora! Pronto. Você vê uma pessoa, pedi pra ele e outra pessoa, aquele ali tá numa linha boa. Quando a pessoa só quer saber dele...

[...]

Fez como Comonge. Comonge ficou com reise, tem uma raiva dele danada, ele:

- Ah! Eu...

Mandou um escravo ponhar.

- Cê põe uma... Cê põe... Cê vai lá em Comonge e diga a ele que, que vai esperar por mim lá em tal lugar. E nós quer dar os aviso do dia, né?

Daí, quando... quando foi no, bem cedinho, as cinco horas da manhã, tá o reise... virado pelo nascente e ele virado pelo poente.

- Oh, senhor reise! Ao sol.

- Cadê, Comonge?

- Ói lá!

O sol cá, né? Porque quando o sol saí a réstia é pra cá, né?

E o reise esperando pelo raio do sol e o raio do sol tava pro lado de cá. Quando ele veio, saiu, que o rei viu, o Comonge já tava no lugar de ver o raio do sol. Aí o rei diz:

- Mas Comonge cadê o sol? O raio dele dadonde tá?

- Quer dizer que o raio dele deve tá lá. É ele que tá saindo.

Aí ele viu apontando:

- É memo Comonge. “Eu te pego, desgraçado.”

Aí mandou ponhar umas... umas égua véia lá no brejo. Chegou lá tava as égua atolada até o pescoço.

- Meu senhor reise! Sua égua tá morrendo atolado aí.

- O brejo, Comonge, só perde quem tem.

- Tá bom.

Quando foi no outro dia, ele pegou uma porca e matou... atolou a porca lá dentro do barro e deixou só o cotoco do rabo da porca do lado de fora. Ai vai ajuntando o povo pra rancar a porca, né? Aí:

- Oh, Comonge! A tua porca tá lá atolada!

- É nada, Comonge, só perde quem tem.

O reise:

- Ah, filho da conha! Não tem jeito, não?

Aí, quando foi um dia.

- Eu vou desbastiar a filha do reise, eu vou casar com ela.

Aí a mãe:

- Meu filho, o rei mande te matar!

Aí, quando foi um dia, tava assim na casa do rei almoçar, chegou lá:

- É, só vale quem tem.

Aí:

- Quem tem... se eu tivesse dinheiro, eu fazia o que eu queria.

Aí:

- Besteira, Comonge, eu tenho tanto dinheiro e não faço o que eu quero.

- Mas, se eu tivesse o dinheiro que o senhor tem, eu fazia, eu faço o que eu quero.

- Comonge eu vou dar todo o dinheiro que você quiser pra você fazer o que você quer.

- O senhor me dá?

- Dou.

O comonge:

- Ah, não! Eu vou mandar fazer um carneiro de ouro, que me caiba dentro. Ele vai andar, esse carneiro é vivo. Só a... ele é vivo por dentro e a carne, a casca dele por fora é ouro. Ele é morto por fora.

Laçou com uma corrente, tudo de ouro, e passava lá na frente da casa da filha do reise, que ela tá lá no palácio olhando.

- Ela vai desejar, porque, ela vai me desejar o carneiro, o reise comprar o carneiro. A senhora nem vende, não tem dinheiro que compre esse carneiro. Mas senhora dá dado pra passar três dias na casa do reise. Depois ela manda buscar.

Aí o reise foi, combinou com ela.

- Eu quero, quero, quero!

Aí ficou comovido com o carneiro, mas ninguém sabia, sabia que era um carneiro de ouro, né? Aí ela ponhou marrar. A princesa com pouco dia ela foi buscar. Com três dia ela foi buscar.

Quando é c'um mês, tá a moça lá com entrojo. Aí:

- Pai é pra mandar matar esse carneiro. Aquele carneiro me ofendeu.

- Ofendeu?

Aí ela contou. Aí mandou chamar o Comonge.

- Comonge, que negócio é esse que você fez pra minha filha. Minha filha tá com entrojo, tá com aborrecimento. O que que tá havendo?

- O senhor se lembra: “quem tem dinheiro faz o que quer”.

Falou:

- Me lembro.

E essa história tá até hoje, né? Eu tinha uns quinze anos quando eu escutei essa história, hoje eu tou com setenta e quatro, e a história tá rodando. Quem tem dinheiro faz o que quer. Quem tem dinheiro, só não vai pro céu, porque não tem.

Não. Porque eu tou dizendo, quem tem dinheiro não vai pro céu? Vai!!!! É, vai, porque tendo dinheiro e ele sabendo fazer, tem o céu por certeza. Porque hoje, cem por cento quem tem dinheiro, ele vai fazer o que Deus não gosta. Ele vai desordar, ele vai comprar droga, dograr os outro, mandar matar pra ele subir na vida mais do que ele já subiu, o dinheiro não tá servindo de nada pra ele, tá ponhando ele no inferno. Mas ele tem um dinheirinho, ele manda construir uma creche, manda ajudar um hospital, ajudar... dar de comer a quem tá com fome, né? Roupa a quem tá pelado, remédio a quem tá doente. Claro que ele vai pro céu! Porque ele tá fazendo por onde ir.

Agora, que cem por cento não faz assim, vai dizer (incompreensível) o que já tem. Aí, e agora, não, não tem jeito, se eu não casar com ela, aí pronto. Era o que mais ele queria. Aí ficou a história: quem tem dinheiro faz o que quer. Só não engana ocê, porque não quer. É fazer a caridade, dar de comer a quem tá com fome, roupa a quem tá nu, remédio a quem tá doente, e pronto.

(Com quem o senhor aprendeu a maioria dessas histórias assim?)

Com os mais véio do que eu. A gente vai vivendo e vai aprendendo, né? Vivendo vai aprendendo. Quando a gente mais véio, mais aprende. Vai no estudo, pra que a gente vai pro estudo? Pra aprender. Você tendo boa vocação, a Deus querer, e tendo vontade de estudar, você pega o estudo, cê faz dele o que você quer, porque Deus tá ajudando e sua vontade tá pedindo. Agora, se não tiver interesse, meu filho, aí... aí a vaca vai pro brejo. (ri)

(Então, o senhor sempre gostou de ouvir história, sempre...)

Quando eu vejo a história da pessoa véia, que tem gente que “Ah! Isso é anedota.” Mas é anedota memo, porque muitas coisas... Por que é que a lei crente, tem muitos crente é certo e muitos errado? Porque três quase e meio dos crente, eles só quer saber o que tá na Bíblia. Mas, não é tudo que tá na Bíblia. Deus deixou muita coisinha por fora. Que o sofrimento Dele tá na Bíblia numa parte, mas a outra tá toda fora, né? Bom...

O avarento, Ele ajudou o avarento, Ele ajudou o avarento por um lado, o avarento se entortou pelo outro. Como tem a muié, uma muié, como é que chama? Beata? Não é beata, é uma rainha por nome Imbilina.

Imbilina era pobrezinha, pobrezinha, que não tinha nada. Vivia na choupaninha.

Aí, nosso Senhor, passava lá todo dia, mais São Pedro e tinha São João.

- Como vai Imbilina?

- Eu vou aqui Senhor. Pobre, sem nada, só nas graças de Deus.

- É isso memo, Imbilina.

João até se conformava, mas o Pedro:

- Senhor dá alguma coisa a essa miserável, que ela não tem nada, veve morrendo de fome.

Aí nosso Senhor disse:

- Pedro, essa muié não merece nada! Essa muié é muito avarenta, ela é miserável. Ela tá assim, mas é porque ela é miserável. Se eu der alguma coisa cum ela, aí é que, aí é que ela vai ser ruim. Ela vai se perder.

- Não. Mais clemência!

Aí, foi, né?

Foi no outro dia, a muié amanheceu numa fazendona, gado pra todo lado, os empregado, (incompreensível), um escritóro, banco cheio de dinheiro.

- Como vai Imbilina?

- Oh, Senhor! Vou aqui com tudo isso que Deus me deu, mas falta quem cuide.

Que Deus deu tudo ni'ela, mas ninguém tava cuidando, tava tudo parado, né?

- Mas é isso memo Imbilina.

No outro dia, amanheceu, empregado pra'qui, empregado pra acolá, outros no escritório, outros na roça, outros tirando leite, outros fazendo queijo; e aquele movimento.

Aí passou.

- Bom dia, Imbilina!

- Bom dia Imbilina, não senhor!! Eu já fui Imbilina.

Tá vendo como a coisa mudou.

- E hoje quem você é Imbilina?

- Eu sou Dona Imbilina!

Tá bom.

No outro dia, Ele passou de novo:

- Bom dia, Imbilina!

- Imbilina não seu... eu já lhe falei, meu nome agora mudou é Imbilina, é Dona Imbilina.

Foi embora. No outro dia:

- Bom dia, Imbilina!

Três vez, né? Que a conta é três vez pra bater o engano em quem não presta (ri). Aí:

- Bom dia, Imbilina!

- Senhor, me respeite.

Aí ela foi agravando Deus, né? Não se lembrou que tudo quanto ele tinha, que ela tinha, foi Ele que deu. Podia acabar na mema da hora, como acabou mermo.

- Me respeite, meu nome é Imbilina, Dona Imbilina!

Né? Tá bom.

E Deus arrumou Imbilina numa choupaninha pior do que ela vivia, na miséria danada. Lá vem Ele:

- Bom dia, Dona Imbilina!

Aí mudou, né?

- Bom dia, Dona Imbilina!

- Eh, Senhor! Quem sou eu pra, pra ser Dona Imbilina?

- Você não é Dona Imbilina, mas seu orgulho é mais de que Dona Imbilina, porque com a condenação que você tem fica para sempre.

E, pronto. Ficou na miséria para sempre. Porque Ele avisou logo a São Pedro, ela não merecia ele fazer, ela fazer do que Ele fez ela. Hoje em dia, muita gente veve na miséria, levanta e joga tudo no mato de novo. Volta pro que tá, porque tem que viver naquela pendanga.

Aí bom, quando ela voltou, por piora memo, porque o nosso Senhor Ele não experimenta ninguém, mas Ele dá um tempo, dá um tempo pra ver aquela pessoa até donde é que ele vai. Porque, a pessoa fica sabendo que Deus, Ele não dá... Ele dá, mas não toma, mas nós vai e joga no mato, conforme nossa luta, porque se Deus deu a você, porque que Ele não tira na mesma... do mesmo jeito.

Do jeito que Ele deu, Ele tira, porque o cara não merece. Repara, o cara não vê o Pedro Sem e ele... pedia esmola, mas não falava o nome de Deus, né?

- Dá uma esmolinha pelo céu, que já teve e eu não tenho.

Pra não falar o nome de Deus. Porque Deus deu a ele e ele achava que Deus não podia tirar.

- Uma esmolinha pra Pedro Sem que hoje, que toda vida teve, mas hoje não tem!

E morreu sem ter nada. Mas não pedia em nome de Deus. E a outra coisa, que hoje ninguém pede mais, é difícil. Se uma pessoa véio, pedir uma esmola pelo amor de Deus, ninguém pede nada, e é uma esmola que você não pode negar. Se a pessoa bem pensar em dar valor ao amor de Deus, a cada irmão ele tem que dar, seja quanto for. Ele dá um milhão, ele dá um tostão, mas tudo é esmola. A esmola que você dá a ele um tostão tem o memo valor que você deu outro milhão, num tem... aquele milhão ele não é mais que aquele tostão em nada, porque tudo Deus tá governando. Rapaz, às vez com aquele tostão você faz mais do que aquele milhão.

Faz como a história do cabra:

Era, nosso Senhor quando andou no mundo, ele chegou...tinha três apóstolo, né? Só não sei como é o nome dos três apóstolo, mas são três apóstolo. Ele chegou na casa do primeiro. Foi. Deu três mil réis, né? A um. Chegou na casa do outro, deu dois. Aí chegou na casa do avarento, do preguiçoso, Ele deu um. O outro, o primeiro, pegou aqueles três e foi ponhar em negócio, né? O dois pegou, o outro pegou o dois foi ponhar em negócio. E o avarento pegou um:

- Ah! Esse aqui não vale nada, eu vou jogar lá no mato. O que eu vou fazer com isso? Isso aqui não vale nada.

Aí, nosso Senhor passou arrecadando, foi tempo marcado, né? Adespois ele ia passar...apurando.

Quando aquele povo, que tá com aqueles livrinho, aquelas receita dos médico pra tirar esmola pra comprar remédio pros doente, vem essa história minha... fico na recordação na memo instante. Que dá o papelzinho a gente, né? Pra gente ler, adespois ele vai lá e vem recadando e pegando aqueles papelzinho e um dinheirinho. Se tem dá, se não tem não dá nada. É outra coisa também errada, a gente tem que dar seje quanto for, tudo ajuda.

Aí, ele pegou o real, pegou aquele um, jogou fora, que num rendia nada. Quando ele chegou, foi na casa do primeiro. Chegou na casa do primeiro:

- Oh, fulano! Aqueles aqueles três dinheiro que eu lhe dei, cê ponhou ele pra render, quanto já tem?

Que até eles pensaram que Ele vinha atrás da renda, né?

- Ah! Senhor, tá aqui, têm seis dinheiro. Têm seis...

Como é que a gente quando tá jogando aqui, é tento, né?

- Têm seis tento. Senhor me deu três, têm seis.

Ele deu três. Aí chegou na casa do outro, ele disse:

- Cumé, vamo repartir?

Ele disse:

- Não, esse é seu. Ponha ele em negócio e vai viver com esse rendimento.

Aí o outro já ficou bem de vida, né? Que ele com três tento já fez seis, agora ele ali com seis tento, pronto, ficou bem de vida. Aí chegou na casa do outro.

- Fulano aqueles... dois tento que eu lhe dei? Cê ponhou pra render?

Diz:

- Ponhei, Senhor. Têm quatro tento. Vamos repartir?

- Não. Cê vai viver com aqueles quatro tento.

Aí:

- Agora eu vou pra casa do...

Mas antes Dele chegar eu apito, você vai ver o preguiçoso, miserável o tanto que ele é!

Aquele do, do um tento pra ele, ele jogou no mato, ele não tem nada. Vai vivendo numa miséria, olha! Que só ele mermo.

- Fulano?

- Que foi Senhor?

- Cadê aquele tento que eu dei?

- Ah! Senhor me deu lá nada, me deu uma bosta de um tento que tinha aí. Eu não fiz nada com ele, não dava pra nada. Joguei foi no mato. Aquilo ali não é pra ninguém. Eu Senhor? Eu vivo afundado.

- Pois você vai viver afundado mermo.

Aí ficou na miséria toda vida.

Porque ambicioso só tem um, mas não se tem nada sem trabalhar, rapaz! Tudo quanto cê tiver, você tem que primeiro trabalhar pra aprender a arrumar.

Nosso Senhor não dá nada, nosso Senhor não dá nada a ninguém sem o cara fazer força. Porque na Bíblia tem, tá assinado, porque ele assinou:

- É pecador, pecado mortal, você dar um par de comida ao preguiçoso. Ele tem que trabalhar pra comer pra saber quanto custa o suor. Quem joga com o suor, Ele não tem piedade. Ele não sabe o que custa, ele não sofreu pra arranjar.

Lá no Norte tem um rico que é memo assim. Ele fala assim, ele fala, você pede tanto, ele dá tanto, mas se você exigir daquele que você pediu, vai feito por aquele ali.

- Ah! Não é meu mermo. Eu tenho não sei quanto costume.

(Diz o nome de uma pessoa), compadre, ele é desse jeito (Fala ao amigo do lado). Porque o irmão morrendo, deixou ele com toda riqueza. O herdeiro só foi ele que ficou. Ele não sabe o que tem, mas não sabe daonde veio. O irmão fez pra ele.

Depois que enricou, ele morreu. Esse assim ele enricou sem saber o tanto que custa, ele não sabe o sol o quanto... o tanto de suor que você derrama, ele vale dinheiro! Ele não... ele não é barato não.

Por que que o jogador todo ele é infeliz, porque é dinheiro fácil. Porque a droga é perseguido tanto tempo, porque é um dinheiro fácil do cara enricar. E também é fácil do cara entrar no inferno, né? Porque ele arranja aquele dinheiro, acabando com a vida do de menor, do, do, da criança, de tudo. O traficante, ele destrói tudo no mundo que ele topa na frente, só pra arranjar dinheiro.

Ele faz tudo pra arranjar dinheiro, e com a droga arruma fácil, porque ela já é o dinheiro do diabo mermo. Mas, cê vê a pessoa engolir quatro, dez, doze, comprimido e aí o doutor chega e manda lasciar a barriga pra tirar tudo de dentro. Uma pessoa dessa é gente? Faz o que ele pode e os outro? Hum!! Ele tá sabendo que aquilo não vai fazer bem a ele. Mata pai, mata irmão, faz tudo quanto não presta, só a custa da droga. Tudo é dinheiro fácil. O dinheiro... o dinheiro fácil...